FUNDADOR — JOAQUIM MANSO | QUINTA-FEIRA, 22 DE MARÇO DE 1962 | ANO 41.º — NÚMERO 14 106

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MÁRIO NEVES

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155 | REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO | PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA | EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SÁ
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A | RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA | ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º | NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

FORAM SUSPENSAS
AS CARREIRAS AÉREAS entre a França e a Argélia

PARIS, 22. — Todas as carreiras aéreas entre a França e a Argélia foram hoje canceladas devido á situação incerta nos aeroportos argelinos — declararam funcionários das companhias.

Os funcionários declararam que, a noite passada, um aparelho «Caravelle» que se preparava para partir de Argel, foi escoltado ao longo da pista por três carros blindados devido ás ameaças da O. A. S. contra o aeroporto de Maison Blanche.

Em Argel, os funcionários da «Air France» têm-se recusado a marcar passagens para pessoas que não possuam um «visto de saída» da O. A. S.

Tropas e Polícia protegem os passageiros que vão para o aeroporto, que forças de segurança mantiveram cercado durante três horas. — (R.).

CONVOCADA UMA GREVE GERAL EM ARGEL

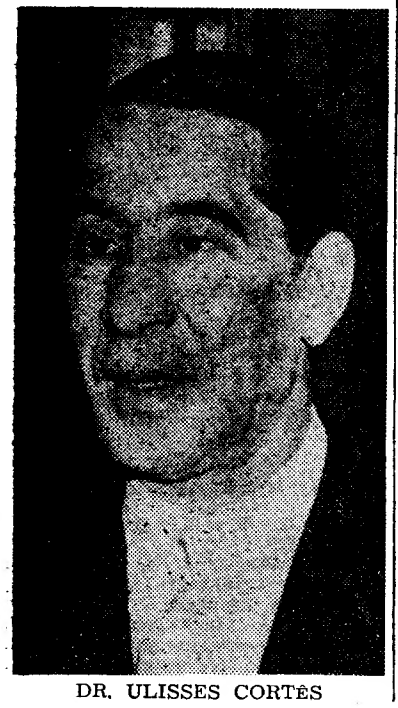
ARGEL, 22. — A O. A. S. decretou uma greve geral de duração indefinida em Argel, a partir das 12 horas (T. M. G.), como protesto contra a prisão de diversos dirigentes sindicalistas no reduto da Organização do Exército Secreto, no bairro de Bab-El-Oued.

Esta manhã, foi cortado em diversos pontos da cidade o abastecimento de água, devido a uma greve parcial de funcionários da companhia das águas. As estações de serviço para automóveis estão, também, fechadas.

A noite passada, os europeus de Bab-El-Oued não respeitaram a hora de recolher imposta depois de alguns muçulmanos terem sido assassinados a tiro, e invadiram as ruas entoando «slogans» antigovernamentais.

Nos bairros europeus, durante a noite, pistoleiros da O. A. S. e gendarmes alvejaram-se mutuamente em diversos incidentes. Segundo

(Continua na 16.ª página)

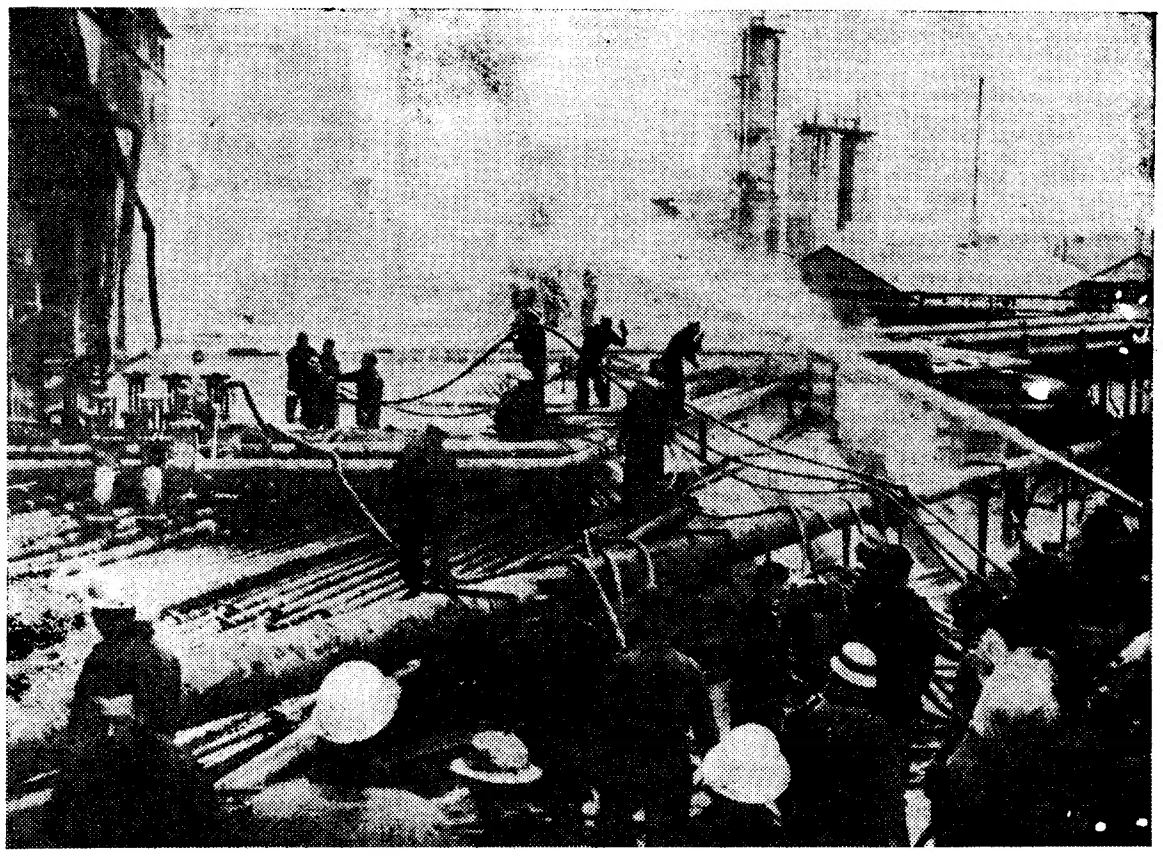


DR. ULISSES CORTÊS

ATENTADOS NA CÓRSEGA

BASTIA (Córsega), 22. — Reforços de cerca de 400 elementos da Polícia de choque chegaram a esta cidade em consequência de uma série de ataques com bombas de plástico e de ameaças aos políticos locais feitas pela O. A. S.

Cerca de metade do referido contingente veio da França, por via aérea, e os restantes vieram por mar. — (Reuter).



Durante duas horas, os bombeiros combateram o incêndio que se declarou, esta manhã, nas instalações da Sacor em Cabo Ruivo

(Ler notícia na página central)

Nota do dia

A SOLUÇÃO DO BOM SENSO

Não é ainda a paz, o que seria muito. Mas é o fim da guerra, o que já não é pouco. Com efeito, as hostilidades terminaram na Argélia entre Franceses e Argelinos. Infelizmente, vão prosseguir — o que é mais grave — apenas entre Franceses. Ao longo de sete anos de guerra e em virtude de tantas atrocidades que se cometeram, foi gravemente perturbado, sem dúvida, o convívio pacífico e construtivo entre as duas comunidades.

Há feridas que levarão muito tempo a cicatrizar. O fim da guerra, porém, já é um começo de cura: representa, pelo menos, a garantia de que deixam de sangrar. Franceses e Argelinos têm agora diante de si uma tarefa que não é isenta de dificuldades e de perigos. Tudo se deve fazer, no entanto, para salvar ainda o que for possível salvar no meio da derrocada. De Gaulle transigiu até onde foi possível. A intransigência não podia levar a soluções válidas. O óptimo, como se sabe, é inimigo do bom. Todas as reservas que se possam fazer ao acordo franco-argelino caem pela base em face dos inconvenientes muito maiores que oferecia a continuação da guerra. A Argélia tem toda a vantagem em cooperar com a França. E foi na base de uma política de entendimento e de cooperação que se assinaram os protocolos de Évian. Prevaleceu, portanto, a solução do bom senso. Não tenham ilusões aqueles que jogam na desordem e no terror, na subversão e no crime, para correr atrás de um mito que as realidades teimam em destruir. Acima de tudo, das ambições dos políticos e das teorias dos falsos profetas, o que conta, verdadeiramente, é a França e não a glória efémera dos homens, que não pode contrapor-se, em caso algum, ao mais alto interesse nacional.

DEZ MORTES PROVOCADAS
POR UMA EXPLOSÃO numa mina inglesa

BURNLEY (Inglaterra), 22 — Deu-se esta manhã, uma violenta explosão num poço da mina de Hapton Valley, no Lancashire, causando entre dez e doze mortos e perto de 30 feridos.

Trabalham naquele poço 450 mineiros, mas quando o acidente ocorreu só 200 homens se encontravam no subsolo. A maior parte deles fugiu para a superfície. Foram enviadas brigadas de salvamento para o interior da mina e todas as ambulancias estão de prevenção. — (F. P. e R.)

HOJE 28 PÁGINAS
nas quais se inclui
«VIDA LITERÁRIA E ARTÍSTICA»

Não obstante os elevados encargos
que exige a defesa da integridade nacional o desenvolvimento económico pode prosseguir sem necessidade de reduzir os programas elaborados
—diz-nos o dr. Ulisses Cortês antigo ministro da Economia

Entre as preocupações que dominam hoje a consciência das nações avultam as que se relacionam com a vida económica, num complexo de multiplas facetas, que abrange todos os sectores do País e interessa ás mais variadas camadas da população. São, com efeito, problemas de extrema diversidade, cujas soluções envolvem a satisfação de necessidades prementes com vista ao progresso da Nação e ao bem-estar da nossa gente. Mas, exactamente, porque são da mais ampla complexidade, nem sempre o seu conhecimento alcança o grau da generalização que seria conveniente, para que os fenómenos económicos, com todas as suas implicações, possam ser compreendidos por todos aqueles a quem dizem respeito e que são, na realidade, os que constituem a grande massa dos habitantes do País.

E' verdade, também, que nem sempre surge a possibilidade de abordar esses problemas em termos suficientemente acessíveis á maioria do publico, tanto em matéria de informação, como no capítulo do comentário — e sua natureza esclarecedora para um melhor entendimento da evolução da conjuntura. Acolhemos, por isso, com o maior interesse a oportunidade que se nos deparou de uma longa troca de impressões com uma individualidade que, em diversas circunstancias e há muito tempo, revelou um gosto especial pelos problemas económicos, quer na pormenorização dalguns aspectos fundamentais, quer na apreciação global do conjunto dos fenómenos respectivos: o dr. Ulisses Cortês. Além do interesse que sempre tem manifestado pelos problemas económicos, coube-lhe a responsabilidade da orientação oficial desse importante sector da vida nacional, sobraçando a pasta da Economia durante cinco anos que ficaram assinalados por algumas das maiores realizações verificadas no campo das actividades produtoras.

Propôs-se o sr. dr. Ulisses Cortês abordar alguns dos mais importantes aspectos da conjuntura económica, expondo-nos, sucessivamente, o que pensa acerca do crescimento económico nacional, da produção e distribuição de energia eléctrica, do fomento da agricultura e

(Continua na 11.ª página)

Visado pela Censura de Censura

COMEÇOU A APRECIAÇÃO
do apelo de Adolf Eichmann pelo Supremo Tribunal israelita

(Notícia na página 16)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

MOÇAMBIQUE ESPERA

Revestem-se de particular significado as declarações feitas á sua chegada a Lisboa pelo almirante Sarmento Rodrigues, governador-geral de Moçambique, que teve ontem no aeroporto afectuosa e expressiva recepção, assinalada com a presença de membros do Governo, funcionários superiores da administração ultramarina, oficiais generais e numerosos amigos e admiradores. Disse o homem que está ao leme de uma das províncias portuguesas sobre que neste momento convergem as atenções gerais: «Estou convencido de que aqui na Metrópole se avaliará bem a grandeza das questões que se estão neste momento debatendo no Ultramar e das quais dependem, quanto a mim, sem sombra de duvida, a própria sobrevivência da Nação. Quero, portanto, crer que todas as pessoas conscientes e responsáveis sintam perfeitamente a sua extraordinária importancia vital. Que o Governo e o povo a compreendem, não precisa de melhor demonstração do que a que tem sido dada, nomeadamente nestes ultimos tempos, com os ingentes sacrifícios feitos para a defesa do Ultramar». E depois: «Conscientes das dificuldades e decididos e unidos para as enfrentar, todos nós em Moçambique estamos inteiramente confiantes no futuro da província, pois bem sabemos que a velha Metrópole nunca nos abandonará. Mas é preciso, sem demora, que aqueles que dispõem de meios para o fazer se compenetrem de que chegou a ocasião de nada regatear para tudo salvar; e que encarem sem hesitações o investimento dos seus recursos no Ultramar e no seu engrandecimento — pois será essa a mais eficiente e duradoura maneira de defender a Nação. E esses recursos estão tanto nas organizações financeiras como nas industriais e comerciais e são tanto de homens como de capitais. Moçambique, confiadamente, espera!»

PASSAGEM DE NÍVEL!

O caso aconteceu na passagem de nível de Coura, não longe de Caminha. Essas passagens de nível são, em geral, passagens para a morte. Ontem, porém, houve apenas prejuízos e ferimentos. Ainda bem! Seguia um automóvel de matrícula mexicana que, na curva foi chocar com um automóvel da Direcção-Geral de Saude. Ia no primeiro o sr. Gomesindo Barro Cota, de Orense, acompanhado do sr. Edêncio Gonzalez; no segundo vinha a conduzir o sr. Norberto Cardoso, de 37 anos, e como passageiro o dr. Rocha e Sá, de Viana, de 58 anos. Todos quatro ficaram feridos, sendo internado o sr. Edêncio Gonzalez.

A CAMIONETA contra a casa

Na Quinta da Brandoa, entre a Pontinha e a Venda Nova, está a proceder-se á construção de casas e prédios. Ontem uma camioneta carregada com seis toneladas de tijolos ia a galgar um acesso difícil. Terreno acidentado, em declive forte. Carreiro estreito. Ao volante o condutor sr. Angelo dos Santos David, de 44 anos. Na descida, mil cuidados. Um ligeiro desvio e o terreno abateu e o carro, pesado, voltou-se e foi chocar com uma casa, só por isso não continuando a rolar. O motorista nada sofreu. Há prejuízos no carro e na moradia.

A CAMIONETA E OS CICLISTAS

Na Barreira Alta, entre S. João da Madeira e Vale de Cambra, seguia uma camioneta da firma Martins & Rebelo, conduzida pelo sr. Manuel Soares Martins, de 50 anos. Não se sabe bem porquê, a camioneta foi colher os irmãos gémeos srs. Alberto e Alcino Gomes, de 30 anos, casados, carpinteiros. O condutor fugiu e as vítimas levadas ao hospital de S. João da Madeira. Ali morreu o sr. Alcino Gomes, com fractura de cranio, ficando o sr. Alberto internado.

●

CRIANÇAS ENVENENADAS

Em Covo, Vinhós, perto de Sedielos, vivem os srs. Guilhermino Carvalho Pereira e sua esposa, D. Palmira Rosa. Dois filhos alegravam o lar: Alcides Pereira Carvalho, de 7 anos, e Teresa, de 3. Depois do almoço foram brincar, encontraram bolbos de jarros e puseram-se a comê-los. Ambos intoxicados foram levados ao hospital da Régua onde a Teresinha morreu pouco depois, estando o Alcides livre de perigo.

●

VINGANÇA DE BÊBEDO

Perto de Boticas, em Espertina, o sr. Porfírio Pereira, de 32 anos, entrou numa taberna. Emborcou meio quartilho de bagaço e pediu mais. O taberneiro sr. António Alves, de 37 anos, não o atendeu. O Porfírio vai de insultar toda a gente e atirar-se ao taberneiro que o dominou e sovou. O bêbedo foi a casa buscar uma espingarda, deu um tiro para a janela da casa do sr. António Alves, e fugiu. O tiro não matou nem feriu ninguém.

NOVO PROCESSO
DE BURLAR O PRÓXIMO
viciando receitas médicas de Caixas de Previdência

Descobriu-se agora um novo processo de enganar o próximo. Pelo menos é o que se pode concluir do volumoso processo que a Polícia Judiciária enviou a Tribunal.

O caso tem como intervenientes diversos beneficiários da Caixa de Previdência dos Trabalhadores do Porto de Lisboa e algumas farmácias da capital e uma de Almada. Uns de uma maneira e outros de outra, pretenderam lesar a referida Caixa.

Como é que se urdiu a manhosa e inédita teia?

Os beneficiários apresentavam-se nos serviços médicos da Caixa, para consulta, onde conseguiam as receitas normais. De posse delas introduziam-lhe viciações que tinham por fim alterar-lhes, para mais, os medicamentos prescritos.

A seguir apresentavam-se nas farmácias e em vez de receberem os medicamentos, vendiam, pura e simplesmente, as mesmas receitas aos farmaceuticos. O preço que obtinham variava entre 75% e 80% do valor dos medicamentos. Quer dizer os restantes 25 ou 20%, traduzidos em escudos, era a parte que as farmácias ganhavam com o «negócio» quando recebessem da Caixa. Havia, assim, uma espécie de aliança entre beneficiários e farmaceuticos para lesarem a referida Caixa o que não conseguiram em virtude de, na ansia de arranjarem cada vez mais dinheiro, fazerem acrescentos nas receitas, de tal quantidade e qualidade de medicamentos, que alertaram os serviços daquele organismo.

A P. J. descobriu depois que a Caixa estava na iminência de ter um prejuízo no valor de cerca de 30 000$00.

PORTUGAL
na Conferência Internacional de Navegação

De avião, procedente de Paris, regressaram a Lisboa os srs. comandante Sales Henriques e dr. Soares Vieira, respectivamente, administrador e chefe de serviços da Sociedade Geral de Transportes, que, na capital francesa, participaram na Conferência Internacional de Navegação.

Prosseguem as provas para investigadores
do Laboratório Nacional de Engenharia Civil

Prosseguiram, no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, as provas dos candidatos a investigadores daquele departamento científico.

Prestaram provas os srs. engenheiros Armando Lencastre, António Ferreira da Silveira, José de Brito Folques e Fernando Abecassis. Dos dois primeiros candidatos, que prestaram provas de manhã, foi arguente o sr eng. Pedro Nunes, director-geral do Porto de Lisboa. Os outros candidatos prestaram provas da parte da tarde e deles foram arguentes os srs. engenheiros Armando de Campos e Matos e Pedro de Varennes Monteiro de Mendonça, respectivamente da Faculdade de Engenharia do Porto e do Instituto Superior de Agronomia.

As provas terminam no sábado com a apreciação e discussão das dissertações originais apresentadas pelos candidatos.

Chegaram a Lisboa dois componentes do júri

Vindos de Paris, chegaram hoje a Lisboa os srs. profs. dr. Leopold Escande, da Universidade de Toulouse, e eng. George Blanchers, director do Centro Científico e Técnico de Construção Civil, de Paris, que se deslocam a Lisboa a convite do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, a fim de fazerem parte do juri que está a julgar as provas dos engenheiros candidatos a investigadores do L. N. E. C.

Aqueles dois especialistas estrangeiros serão arguentes das provas práticas de trabalhos de hidráulica e processos de construção.

No aeroporto foram cumprimentados pelo sr. eng. Mário Fernandes, secretário do L. N. E. C., em representação do director, sr. eng. Manuel Rocha.

A INAUGURAÇÃO do ano académico
da Sociedade Portuguesa de Hidrologia Médica

A Sociedade Portuguesa de Hidrologia Médica vai inaugurar, depois de amanhã, ás 15 e 30, na Faculdade de Medicina do Porto, o seu ano académico de 1961-62.

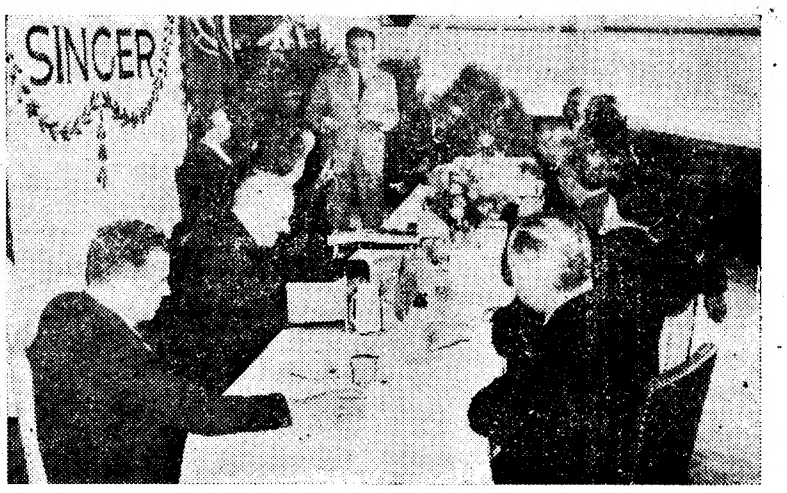
Após a tradicional alocução do presidente da Sociedade, sr. prof. dr. Lobato Guimarães, serão apresentados os seguintes trabalhos:

«As necessidades do conhecimento e efeito terapêutico das Águas Medicinais», pelo dr. A. Lima Carneiro, director clínico das Caldas da Saúde; «As Termas do Carvalhal — Revisão da análise de 1951 e algumas instruções», pelo dr. Constantino A. Carneiro de Freitas, director clínico das Termas do Carvalhal; «O interesse da hidroterapia na recuperação dos doentes motores», pela dr.ª Maria Teresa Vitorino, fisioterapeuta dos Serviços de Ortopedia dos Hospitais Civis de Lisboa; e «O rótulo — eis o problema», pelo dr. Marques da Mata, inspector de Águas mineromedicinais da Direcção-Geral de Saúde.

Dinheiro para outro «Afonso de Albuquerque»

O Ministério da Marinha recebeu, entre outras, as seguintes contribuições para a compra de uma unidade naval que substituirá o aviso «Afonso de Albuquerque»: Industriais de Panificação do Porto, 4 500$00; Manuel Vieira, do Porto, 50$00; paroquianos de Portela de Peneda, 400$00; Sanatório Montanha (Caramulo), 6 184$00.

SINGER
Prémio «Vice-Presidente» de 1961



O sr. Arlindo Felizardo faz o seu discurso de agradecimento

Portugal está, na Organização Singer, dividido em 8 Gerências e, anualmente, é entregue o prémio «Vice-Presidente» ganho no ano anterior por aquela Gerência que realizou melhor negócio em relação ao ano precedente. Pela segunda vez coube, em 1961, esse ambicionado galardão á Sucursal de Santarém, de que é Gerente o Sr. Arlindo Mendonça Felizardo e Subgerente o Sr. Carlos Pereira.

Para entrega do prémio, deslocou-se, propositadamente, ao nosso País, Mr. Peters, assistente do Vice-Presidente para a Divisão Europeia, que presidiu ao almoço num dos melhores restaurantes da Costa do Sol, tendo a seu lado Mr. Jardine, de New York, e o Sr. Eduardo Nery, Director-Geral em Portugal. Estiveram presentes o Superintendente de Vendas Sr. Reaes Pinto, o Chefe do Escritório da Direcção Sr. Raul Silva e todos os Gerentes do País, o Subgerente de Santarém, bem como os anteriormente premiados, alguns na situação de aposentados.

Num fluente discurso, Mr. Peters sublinhou o alto significado do Prémio e o Sr. Eduardo Nery enalteceu as grandes qualidades do homenageado, sublinhando que ele foi, este ano, seguido de perto pelo Gerente de Évora, Sr. Roque dos Santos, cuja boa actividade também tinha o prazer de reconhecer publicamente, o que tornou ainda mais difícil o êxito do premiado.

O Sr. Arlindo Felizardo agradeceu, muito emocionado, sublinhando que era o alto prestígio da Companhia Singer e as sempre bem comprovadas qualidades das suas máquinas o que permitia desenvolver com pleno sucesso, a ele e aos seus valiosos colegas, a actividade que aquele prestigioso e desejado prémio simbolizava.

VIDA ARTÍSTICA

Exposição de Valadas Coriel

O escultor Valadas Coriel tem patente ao publico uma exposição dos seus ultimos trabalhos no salão do primeiro andar da S. N. B. A.

A exposição ficará aberta até 30 do corrente.

Entrega dos trabalhos para o Salão de Primavera

Os artistas concórrentes ao Salão de Primavera terão de entregar os seus boletins e os trabalhos até ás 18 horas de segunda-feira. O salão, como de costume, é organizado pela Sociedade Nacional de Belas-Artes, que este ano compreende as modalidades de pintura, escultura, desenho, gravura, aguarela e pastel, e no qual serão atribuídas duas bolsas de viagem José Malhoa.

Exposições promovidas pela C. M. L.

Integrada no programa de actividades culturais da Camara Municipal de Lisboa, inaugurar-se-á, no próximo mês de Abril, no Palácio Galveias, uma exposição do pintor espanhol Martin Maqueda, que será a primeira de uma série na qual serão apresentadas obras de artistas estrangeiros sobre temas lisboetas.

Em Maio, no mesmo local, será apresentada uma exposição retrospectiva dos trabalhos do caricaturista Francisco Valença, também relativos á capital e a aspectos da vida lisboeta.

«Diário de Lisboa»

Assinada por dez mestres da Escola Industrial e Comercial de Estremoz, recebemos uma carta agradecendo o que, recentemente, publicámos, a propósito da situação dos mestres das escolas técnicas.

Tágide APRESENTA

A famosa atracção do Disco,

Rádio, Music-Hall e T. V. Americana

THE RUBIO TRIPLETS

As três célebres gémeas cujos discos se vendem aos milhões

Neste sensacional programa a grande Vedeta do Fado

ESTELA ALVES

A atracção de folclore nacional

TRIO CRISTAL

(M/ 17 anos)

ASSEMBLEIA GERAL DE INVÁLIDOS DO COMÉRCIO

Realiza-se hoje, á noite, no Ateneu Comercial de Lisboa, a Assembleia Geral de INVÁLIDOS DO COMÉRCIO para votação do Relatório e Contas da gerência de 1961 e do respectivo Parecer do Conselho Fiscal.

Visita ministerial ao Colégio Militar

Os srs. general Mário Silva e eng. Arantes e Oliveira, ministros, respectivamente, do Exército e das Obras Publicas, visitam amanhã, ás 10 horas, o Colégio Militar, a fim de estudarem, em conjunto, os problemas relacionados com o prosseguimento das obras de ampliação das instalações daquele estabelecimento de ensino militar.

DOIS NOVOS contratos de trabalho

No gabinete do ministro das Corporações são amanhã assinados dois novos contratos de trabalho: um, entre o Grémio dos Armazenistas de Vinhos e o Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório; o outro, entre o Grémio Concelhio dos Comerciantes de Tecidos de Lisboa e aquele e outros sindicatos do distrito de Lisboa.

O VOO DAS AVES

TERMAS DE MONFORTINHO, 22 — Foi aqui apanhado um pombo-correio portador de uma anilha com o numero 60-809068.

A CIDADE

Passagem de peões nos Restauradores

Prosseguem no ritmo previsto as obras de construção da passagem de peões nos Restauradores, apesar de se terem de realizar importantes trabalhos na canalização de água existente no local.

Os trabalhos em curso exigem ainda o corte do antigo traçado de esgotos, pelo que se teve de realizar um pequeno ramal de desvio, o que obrigou a abrir a vala que se observa na zona a nascente do Monumento dos Restauradores.

Pelos hospitais

CHOQUE DE VEÍCULOS — João Pereira, de 51 anos, proprietário, morador na Costa de Água, da freguesia de S. Mamede da Ventosa, concelho de Torres Vedras, e António Cavaleiro, de 45 anos, jornaleiro, residente na Murteira, na mesma freguesia, quando seguiam numa motocicleta conduzida pelo primeiro, ao passarem na Malveira, onde iam ao mercado, deu-se um choque do veículo com uma furgoneta, do qual resultou terem sofrido ambos contusões. E' grave o estado do segundo; e ambos se encontram na sala de observações do Hospital de S. José.

CICLISMO DESASTROSO — Deu entrada no Hospital de S. José, muito contuso na cabeça, António Maria Ferreira, de 52 anos, jornaleiro, residente na Lourinhã, que ali caiu da sua bicicleta.

FOI PELA ESCADA ABAIXO... — Bernardino Pereira Baptista, de 27 anos, casado, locutor e produtor da rádio, morador na Praceta 1-A, n.º 1, rés-do-chão, á Avenida D. João V, na Damaia, foi ontem a casa da sr.ª D. Antónia Boaventura Gomes, com quem já viveu e que tem dele um filho, na Rua da Bombarda, 73, 3.º, dt., a fim de tratar da situação do pequeno. Quando se retirava, a sua antiga companheira deu-lhe um empurrão e atirou-o pela escada abaixo. Fracturou um braço e sofreu contusões na cabeça, pelo que recebeu tratamento e ficou internado no banco do Hospital de S. José.

OS PERIGOS DA ALTA TENSÃO — Há dias, subiu a um poste de alta tensão o menor de 16 anos José Feliciano Serodio, jornaleiro, residente em Panaios, Ourique. Ao contacto com a corrente eléctrica, caiu no solo e sofreu fractura de um braço, bem como queimaduras na cara e numa das mãos. Como se agravasse o seu estado, veio hoje para Lisboa e recolheu ao Hospital de S. José.

Quem perdeu?

Relação dos objectos achados ontem, em Lisboa, e entregues na P. S. P. (Governo Civil): óculos escuros; guarda-chuva; esferográfica; caneta de tinta permanente; nota do Banco; dinheiro; porta-moedas; mala de senhora; saco com embrulho; bilhete de identidade de José António dos Santos; documentos; latas vazias; gabardina; colar de pérolas de fantasia; chapa CD 10-73; chapa de instrução; aro de roda; tampão de roda de automóvel; pedaço de tubo; duas luvas, e diversas argolas com chaves.

Também foi ali entregue um cão.

Encontram-se no Sindicato dos Motoristas: pasta com livros, óculos graduados, sombrinhas, pasta com fecho de correr, luva, óculos de sol, cesto de verga, chapeu de chuva, livro, argola com chaves, missal, boneco, cadernos escolares e gabardina.

TENTOU ABATER para consumo quatro porcos doentes

Por determinação do tribunal, foi instruído um processo contra o negociante de gado Joaquim dos Santos Rego, e outros, de S. Romão (Armamar), o qual tentou abater, entre certo numero de suínos que se destinavam á alimentação publica, quatro animais que estavam doentes, crime que foi evitado pelo veterinário daquela vila, o qual, depois de ordenar o abate dos quatro suínos, os mandou enterrar.

Também foram instruídos 14 processos contra comerciantes que tinham á venda produtos impróprios para consumo. Entre estes, o retalhista de mercearia António Encarnação Martins, do Laranjeiro (Cova da Piedade), cujo estabelecimento se encontrava em péssimas condições de higiene e a quem foram inutilizados bacalhau, massas, chouriço, presunto, manteiga, sardinha salgada, toucinho, chá e outros artigos, prèviamente examinados pela autoridade sanitária.

Vítimas de desastre

quando regressavam a casa depois de verem o Benfica

LEIRIA, 22 — Quando esta madrugada regressavam, de automóvel de Lisboa, onde assistiram ao desafio de futebol do Benfica, foram vítimas de um desastre de viação, por o carro se ter despistado, os srs. António Francisco Cova, de 50 anos, casado, comerciante, residente no Arrebalde da Ponte, seu sogro, Floriano Cova de 65 anos, também comerciante, e o empregado comercial José Perpétua Fernandes, de 28 anos, residente em Marrafes.

Transportados ao hospital desta cidade, foram ali tratados, tendo os dois primeiros ficado internados, com vários ferimentos, enquanto o terceiro regressou a casa.

Cafés, Chás, Farinhas, etc.
O melhor que se prepara
Produtos d'A Mariazinha
Rua Barros Queiroz, 28
Lisboa-2
Av. Rio de Janeiro, 25-B
Frente à Igreja
Lisboa-5

A INVASÃO DE GOA representa grande perda para a comunidade de língua portuguesa

— escreve Gilberto Freyre em «O Cruzeiro»

RIO DE JANEIRO, 22. — «E' a União Indiana uma população — pois ainda não chega a ser inteiramente uma nação — que precisa de ser libertada de males que hoje já não existem em nenhuma outra parte do Mundo; sendo assim, como pode arvorar-se em libertadora de povos mais felizes que a sua boa mas desventurada gente?» — escreve Gilberto Freyre, na revista «O Cruzeiro», em artigo intitulado «A propósito de Goa».

Diz Gilberto Freyre:

«A invasão a Goa, Dio e Damão, por forças da União Indiana, representa, se se tornar definitiva, como violência de uma nação contra outra, uma perda imensa para a sociedade humana, em geral, e, em particular, para a comunidade de língua portuguesa e de tradições hispano-cristãs, de que o Brasil é chefe. Pois as populações agora submetidas por violência militar ao domínio indiano terão interrompido, com a sua subordinação a Nova Deli, o seu desenvolvimento genuinamente democrático, para se tornarem colónias de uma aparente democracia, como é a União Indiana.

«A União Indiana é uma sociedade ainda vítima de um regime de castas terrívelmente desumano e incrívelmente antimoderno. Isto é, o regime que domina aquela vasta e triste população, por mais que falem em «democracia» e em «progresso» os seus políticos, mais ou menos snobes, que se esmeram, bizantinamente, em falar inglês mais correcto que o dos ingleses, como se assim iludissem os demais povos quanto ao seu refinamento europeu.

«Aliás, ninguém se iluda: os ridículos imperialistas indianos visam principalmente a África portuguesa. Pretendem ocupá-la. Mas parecem ignorar o imperialismo chinês — mais saudável que o deles e que já se está fazendo sentir sobre a infeliz índia, ainda tão degradada pelo regime de castas e por outras desventuras de carácter social.

Este o grande paradoxo da recente invasão de Goa por tropas daquela União, necessitada dos vastos auxílios missionários e técnicos, e não apenas financeiros, que lhes vêm sendo concedidos com a mais ampla generosidade por seus amigos do Ocidente: os mesmos que vêm desprezando a América Latina. — (A. N. I.).

UM CONTRATO entre a Covina e a Companhia de Saint Gobain

Sob a presidência do ministro da Economia, efectua-se, no dia 2 de Abril, ás 15 horas, no Centro Social da Covina — Companhia Vidreira Nacional, Ld.ª, em Santa Iria da Azoia, a assinatura de um contrato com a «Compagnie de Saint Gobain», após o que será oferecido um «cocktail» a numerosas entidades.

LEILÃO INVULGAR: — O direito ao trespasse duma garagem foi arrematado por 640 contos!

Ao princípio da tarde, na garagem e oficina de reparações situada na Rua Alves Cabral, 45-A e 45-B, pertencente á firma «Comal», efectuou-se um leilão invulgar. Tratava-se de pôr em praça, por sentença do Tribunal do Trabalho, em consequência de dívidas á Caixa de Previdência, o direito ao trespasse de arrendamento da referida garagem, sendo de 300 contos a base de licitação.

O arrematante ficava com direito ao trespasse de arrendamento, e obrigado ao pagamento da escritura e do encargo de pagar em atraso dois meses de renda, em triplicado, de dez contos cada um e mais dez por cento para o leiloeiro.

Compareceram no local muitos interessados, que foram cobrindo os lances em parcelas de 10 contos. O direito ao trespasse foi arrematado por 640 contos pela firma Sociedade Comercial Guerin.

GABARDINA furtada em Loures

Na 2.ª brigada da 5.ª secção da Polícia Judiciária encontra-se uma gabardina de borracha, cor «beije», o forro de fazenda de lã em verde, azul e vermelho formando quadrados e com um reforço em «nylon» de cor vermelha bastante escura que tem ao centro um losango de camurça com a marca «Triplex».

Segundo versão do arguido preso, foi furtada a um indivíduo que se conduzia numa furgoneta de cor encarnada, até Loures, onde o mesmo furto teve lugar. A Polícia pede a comparência do ofendido, visto que além da gabardina ainda se encontram apreendidos cerca de novecentos escudos que também lhe pertencem e que lhe devem ser entregues.

UMA LIÇÃO de um eminente gasterenterólogo inglês na Faculdade de Medicina

O gasterenterólogo de reputação mundial, dr. Avery Jones, consultor do Hospital de S. T. N. A. K., de Londres, que se encontra no nosso País com o patrocínio do Instituto de Alta Cultura e do Instituto Britanico, proferiu hoje, ao meio-dia, na aula magna da Faculdade de Medicina, perante mestres e alunos daquele estabelecimento universitário, uma conferência sobre o progresso da sua especialidade.

Presidiu o sr. prof. dr. Toscano Rico, director da Faculdade de Medicina, sendo o dr. Avery Jones apresentado pelo prof. dr. Frederico Madeira.

Regressou a Francfort o director de Imprensa da Associação Alemã de Turismo

Por via aérea, regressou ao seu país o sr. Franz Schwarzenstein, director de Imprensa e Rádio da Associação Alemã de Turismo, em Francfort, que se deslocou a Lisboa para participar nos ultimos actos da Semana do Turismo Alemão.

No aeroporto, apresentaram-lhe cumprimentos de despedida os srs. eng.º Álvaro Roquete, director dos Serviços de Turismo do S. N. I., em representação do secretário nacional da Informação; dr. Paula Pires, chefe dos serviços daquele organismo no aeroporto; e dr. Santos Matos, pelo Skal Club de Lisboa.

PARA PROTEGER A VELHICE
HYPERSEX
COMPLEXO FOSFO-GLANDULAR HIPERTÓNICO
Esgotamentos nervosos, inapetência e astenias da idade senil, etc.
Propaganda (grátis) da FAL — Apartado 2.142 — LISBOA

EM 3 LINHAS

Foram declaradas como adequadas, para efeito de provimento nos lugares de fiscal-informador de obras particulares as habilitações do curso de construtor civil, ou de outro que lhe corresponda.

///

Um decreto do ministro do Ultramar remodelou a organica das Direcções de Exploração de Transportes Aéreos dos serviços de portos, caminhos de ferro e transportes das províncias de Angola e Moçambique.

///

Está aberto concurso para o preenchimento de duas vagas de oficiais graduados médicos veterinários.

///

Foi exonerado, a seu pedido, do cargo de presidente da Camara Municipal de Monção, o dr. Boaventura Barreiros.

///

Foi concedida a nacionalidade portuguesa, por naturalização, ao sr. José Fortes Pregal, natural de Espanha, domiciliado em Lisboa.

///

O juiz desembargador da Relação do Porto dr. José Manuel da Cunha Ferreira foi nomeado presidente do Tribunal Criminal do Porto.

///

Foram promovidos á 1.ª classe os juízes de direito de 2.ª drs. Américo de Campos Costa, Américo Sáragga Leal e Licínio de Castro Caseiro.

///

Vai ser construída em Vieira do Minho uma Casa do Povo, que custará 640 contos.

O PORTO PELO TELEFONE

VIROU-SE UM BARCO À ENTRADA DA BARRA E MORREU UM PESCADOR

PORTO, 22 — Cerca da meia-noite quando se dedicava á faina da pesca do sável, o barco saveiro «P. 1040-C.», pertencente ao arrais António Gomes Neto, de 45 anos, residente na Aforada, transportando, ainda, mais quatro tripulantes, naufragou junto do Cabedelo. Uma vaga alterosa envolveu a frágil embarcação originando o desastre. Os tripulantes tentaram salvar-se a nado, conseguindo quatro deles atingir as areias do Cabedelo, enquanto o pescador António Gomes Casote, de 17 anos, solteiro, também morador na Aforada, não conseguiu atingir a costa desaparecendo no mar. Aos gritos dos náufragos acorreram outros barcos que se encontravam próximo e que ainda conseguiram salvar a embarcação naufragada. Perderam-se, no entanto, a rede, vários apetrechos da pesca e todo o carregamento de peixe, além da vida do infeliz pescador.

Violenta trovoada

Cerca do meio-dia a cidade esteve debaixo de forte trovoada acompanhada de violentos relampagos, o que causou certa perturbação a algumas pessoas. O fenómeno teve, contudo, pequena duração seguindo-se-lhe, porém, fortes bátegas de água e granizo.

Ponte da Arrábida

As obras da ponte da Arrábida que, por vezes, parecem ter-se quedado, dado o seu ritmo excessivamente lento, têm, paralelamente períodos de grande ritmo de trabalho. Após a descimbragem estão em curso as operações preliminares da ripagem, notando-se já nítidamente a descida do cimbre metálico, que há-de ser deslocado 15 metros para jusante, com o auxílio de dois potentes «macacos» hidráulicos de 100 toneladas cada, colocados nas bases do arco.

De manhã, estas obras foram visitadas pelo director-geral do gabinete de construção do Ministério das Obras Publicas do Iraque, dr. Mouradeen-Muhyadeen, que foi acompanhado pelos engenheiros Edgar Cardoso e Pereira Zagalo.

Encontrado em casa do prior

A G. N. R. dos Carvalhos enviou á Polícia Judiciária o caiador Luís Jesus Tavares, de 29 anos, solteiro, residente em Pedroso, Gaia, que foi surpreendido dentro da residência do pároco daquela freguesia.

Falecimento
Arménio da Cunha Rebelo

Faleceu hoje o antigo comerciante sr. Arménio da Cunha Rebelo, tio e padrinho do dr. José Joaquim Romano de Castro, director do Instituto de Assistência á Família, de Lisboa. O funeral realiza-se amanhã, ás 16 horas, para o cemitério de Agramonte.

Espectáculos de amanhã

SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: A revista «Bate o pé». (17 anos).
COLISEU — A's 21 e 30: «Milagres de Pelusa» (12 anos).
RIVOLI — As 15 e 30 e ás 21 e 30: «As duas faces do amor» (17 anos).
BATALHA — As 15 e 30 e ás 21 e 30: «Esplendor na relva» (17 anos).
NUNO ALVARES — A's 21 e 30: «Do Topaze» (17 anos).
JULIO DINIS — A's 21 e 30: «O terceiro homem» (17 anos).
SÃO JOÃO — Às 15 e 30 e ás 21 e 30: «A rapariga da mala» (17 anos).
TRINDADE — A's 15 e 30 e 21 e 30: «As duas mulheres» (17 anos).
OLIMPIA — As 15 e 30 e ás 21 e 30: «Pepe» (12 anos).
AGUIA DE OURO — As 15 e 30 e ás 21 e 30: «Nós, os duros» (17 anos).
VALE FORMOSO — A's 21 e 30: «Em nome de uma mãe» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — A's 15 e 15 e ás 21 e 15: «Escandalos na Riviera» e «Titanic» (17 anos).
ODEON CINE — A's 21 e 30: «As duas causas» (12 anos).

HOTEL EMBAIXADOR
Apresenta no «TERRAÇO DAS ESTRELAS»
NELSON FERRAZ
A voz de oiro de «Brasiliana»
MARIA CANDAL
expressiva cançonetista
ROSITA and LAMAR
em beleza coreográfica (Maiores 17 anos)

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

● Fernando Farinha que, como noticiámos, foi contratado para o ABC, só começará a actuar naquele teatro a partir do dia 4 de Abril. No próximo dia 31 será homenageado no Porto com uma festa que se realiza no Pavilhão dos Desportos e em que colaboram os maiores nomes da Rádio, da Televisão e do Fado e ainda a Marcha da Bica e o Rancho de Benavente que á ca-

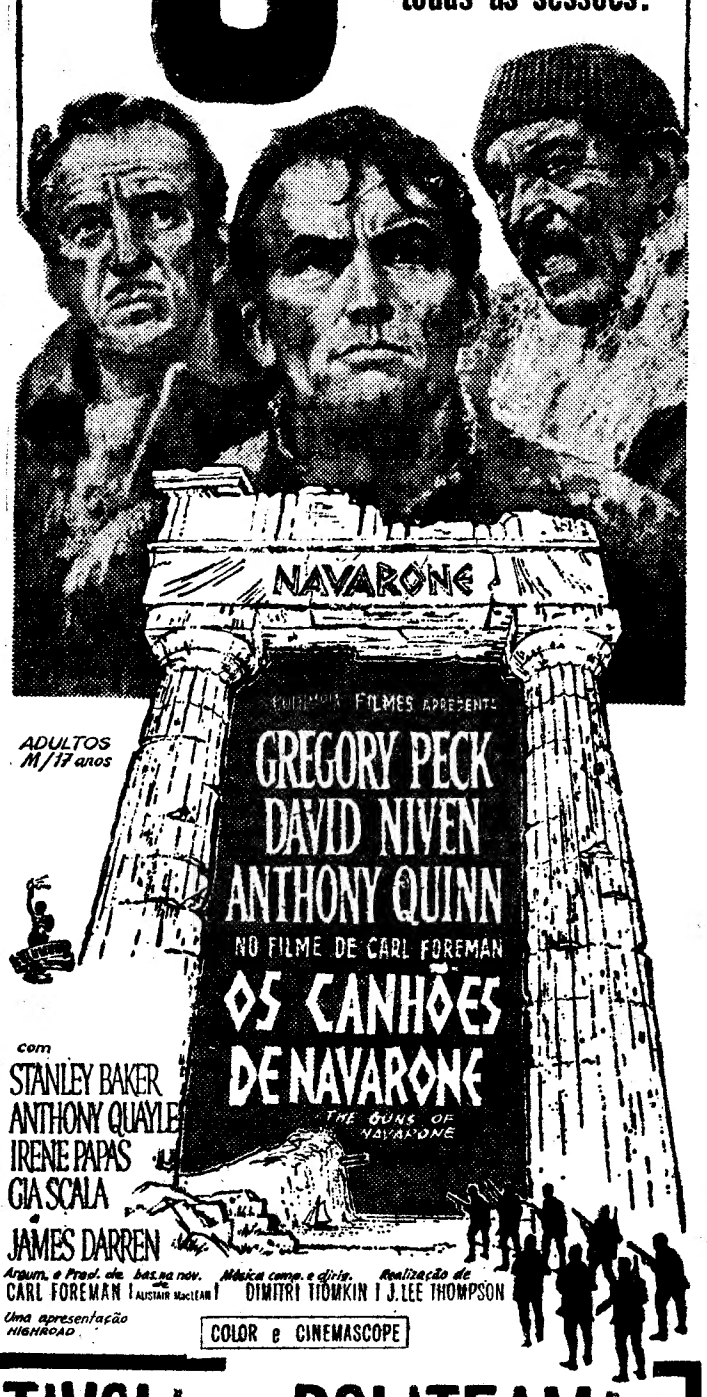
(Continua na 10.ª página)

3

A SEMANA

UM CASO ÚNICO!

O melhor filme do ano! Lotações esgotadas em todas as sessões!



ADULTOS M/17 anos

TIVOLI e POLITEAMA

COLISEU

Emp. Ricardo Covões (Herds.)

Hoje, ás 21,30 Tel. 31997

(M/ de 12)

A superprodução

O SENHOR DO MUNDO

O maior filme de ficção e «suspense»

AMANHÃ

A' TARDE — Maiores de 6

A' NOITE — Maiores de 12

PREÇOS POPULARES

Poderá a ciência prolongar a vida?

Através dos tempos os homens sempre sonharam com a descoberta da Fonte da Juventude: alguma poção ou tratamento capaz de protelar a chegada da velhice e prolongar os nossos anos de vida util e vigorosa. Hoje os cientistas falam sériamente em dilatar a média da vida humana até cem anos ou mais. Leia este interessante artigo nas **Selecções** de Fevereiro, edição comemorativa do vigésimo aniversário. Uma distribuição exclusiva da Livraria Bertrand.

Cartaz dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE — PEQUENO HOMEM, GRANDE NORMAN — **SÃO JORGE**

SÃO LUIZ — Telefone 327172

A's 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30

2.ª SEMANA

(M. 17 anos)

O PRESIDENTE

JEAN GABIN, o maior actor do Cinema Francês no seu melhor filme de sempre!

EDEN — Telefone 326769

A's 15.30, 18.30 e 21.45

(M. 17 anos)

O filme excepcional em Tecnicolor

CARNE DA MINHA CARNE

com **Troy Donahue** e **Connie Stevens**

Uma rapariga que aprendeu a ter medo do amor...

CONDES — Telefone 322523

A's 14,45, 18,15 (p. red.) e 21.45 (M. 12 anos)

da mais emocionante história de todos os tempos

Em Dyaliscope e Eastmancolor

O CONDE DE MONTE CRISTO

Louis Jourdan — Yvonne Furneaux Pierre Mondi

ATENÇAO — Devido á sua metragem, o filme será projectado sem complementos.

ROMA

A's 15.30 e 21.45 (M. 12 anos)

Um filme empolgante

O CONDE DE MONTE CRISTO

Um filme prodigioso de inexcedível grandiosidade

Com Louis Jourdan—Yvonne Furneaux — Pierre Mondi

AVIS — Telefone 47163

A's 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)

2.ª SEMANA

As grandezas e misérias de uma grande civilização

A AMÉRICA VISTA POR UM EUROPEU

Alguma coisa de novo na história do espectáculo cinematográfico.

ALVALADE

A's 15.15 (p. red.) e 21.45

2.ª SEMANA

(M. 17 anos)

O PRESIDENTE

Um espectáculo humano, diferente, onde o drama e a comédia se fundem.

C/ **Jean Gabin, Bernard Blier,** e **Renée Faure**

CAPITOLIO — Telefone 327493

A's 15.30 e 21.30 (M. 12 anos)

Errol Flynn — Anthony Quinn — Olivia de Havilland em

TODOS MORRERAM CALÇADOS

Jamais a coragem dos pioneiros do Oeste americano foi abordada com tanta magnificência e emoção.

RESTELO — Telefone 610375

A's 21.15 (M. 17 anos)

GANGSTER À FORÇA

com **Fernandel** e **Barbara Laage**

CINEMA IDEAL — Telefone 324194

As 21 horas (M. 12 anos)

FÉRIAS EM ROMA

A HORA ZERO

ROYAL — Telefone 865037

A's 21 horas (M. 12 anos)

NAMORO À ITALIANA À CONQUISTA DA GLÓRIA

A VOZ DO OPERÁRIO

A's 21 horas (M. 12 anos)

OS 13 BRAVOS e **ÁGUIA NEGRA**

Sábado — **OS DEZ MANDAMENTOS** (M. 12 anos)

TERRASSE — Telefone 320917

A's 21 (M. 17 anos)

IDÍLIO EM SETEMBRO A TORTURA DO MEDO

S. LUIZ — Telefone 48560

A's 21 horas (M. 17 anos)

O S I N A D A P T A D O S GENTE DE MÁ NOTA

CASINO ESTORIL

A's 21.30 (M. 17 anos)

NOITES DE TANGER

c/ a escultural vedeta Germaine Damar

TIVOLI — Telefone 50595

A's 3 da tarde e 9.30 da noite (M. 17 anos)

3.ª SEMANA

O maior êxito do ano e do Mundo

OS CANHÕES DE NAVARONE

Em Cinemascope e Eastmancolor c/ **Gregory Peck, David Niven** e **Anthony Quinn**

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 PLATEIA 54153

A's 21.30 (M. 12 anos)

ESTREIA

Norman Wisdom em

PEQUENO HOMEM, GRANDE NORMAN

A's 18: Ultima (M. 17 anos) — **O HOMEM NA PELE DA SERPENTE.**

ODEON — Telefone 326283 (M. 12 anos)

15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30

3.ª SEMANA!

SEMPRE LOTAÇÕES ESGOTADAS!

UM ÊXITO QUE NÃO PODE SER MAIOR!

A NOIVA

com **Elsa Daniel** e **António Prieto**

Um filme inspirado na mais famosa canção do ano: «A NOIVA».

IMPÉRIO — Telefones 555134/5

A's 15.15 e 21.30 (Adultos)

2.ª SEMANA

do grande exclusivo da temporada

DO ALTO DA PONTE

Magistral desempenho de **Raf Vallone**

MONUMENTAL — Telefone 55131

A's 15.15 e 21.30 (M. 12 anos)

MADALENA

com **Alice Vouyouklaki**, 1.º prémio de interpretação no festival de Tessalónica e **Dimitris Papamichael**, o melhor actor actual do cinema grego

POLITEAMA — Telef. 326305

HOJE, ás 21.30

EM 3.ª SEMANA O FILME DE MAIOR ÊXITO DO ANO EM TODO O MUNDO!

OS CANHÕES DE NAVARONE

com **Gregory Peck, David Niven, Anthony Quinn, Gia Scala** e **Irene Papas**

CINEMASCOPE TECNICOLOR

(Maiores de 17 anos)

Hoje, ás 18.15 (M. 12): Sessão comemorativa do 4.º aniversário da série «OS GRANDES ROMANCES DE AMOR», com CINEMA E ATRACÇÕES NO PALCO.

SÓ NO ÉCRAN COLOSSAL DO COLISEU

PODE SER APRESENTADA A MAIS EMPOLGANTE AVENTURA DO GENIAL JÚLIO VERNE!

Ainda mais fantástico e audacioso que «A VOLTA AO MUNDO» e «20 000 LÉGUAS SUBMARINAS»!

(12 ANOS)

O SENHOR DO MUNDO

— Colorido —

VINCENT PRICE · CHARLES BRONSON · HENRY HULL · MARY WEBSTER · DAVID FRANKHAM

HOJE UMA ESTREIA

Tudo o que o engenho humano pode produzir num filme que só se faz uma vez em 20 anos!

que arrebatará multidões!

— SESSÕES À TARDE TODOS OS DIAS —

SÃO JORGE

Telef. { B. 54154 / P. 54153

HOJE ÀS 21.30 ESTREIA DE GARGALHADA

O PRIMEIRO FILME AMERICANO DO GRANDE CÓMICO

Norman Wisdom

SIMPLESMENTE IRRECONHECÍVEL... NOS PAPÉIS DE

★ POBRE-DIABO
★ PRESIDIÁRIO EXCÊNTRICO
★ OPERÁRIO ATABALHOADO
★ GENERAL AMERICANO
★ MULTI-MILIONÁRIO
★ E ESTÁTUA DE JARDIM

Quem resistirá à tentação de rir durante DUAS HORAS?

só visto... contado não se acredita!

Pequeno Homem Grande Norman

(THERE WAS A CROOKED MAN)

com

ALFRED MARKS • ANDREW CRUIKSHANK
REGINALD BECKWITH • SUSANNAH YORK

Produtor: JOHN BRYAN

Realizador: STUART BURGE

Exclusivo RANK FILMES

AQUI, COMO EM TODA A PARTE:

OS HOMENS NÃO SE MEDEM AOS PALMOS!

MAIORES DE 12 ANOS

O FILME DAS MULTIDÕES

NUNCA UM ÊXITO DEU TANTO BRADO!

A NOIVA

com ELSA DANIEL e ANTONIO PRIETO

DOIS CORAÇÕES PRESOS NA TEIA DE UM GRANDE AMOR QUE OS OBRIGA A RENUNCIAR A' FELICIDADE EM QUE VIVIAM

3.ª SEMANA SENSACIONAL NO odeon

LOTAÇÕES ESGOTADAS!

UMA VERDADE À VISTA DE TODOS!

A NOIVA

(M. 12 ANOS) Excl. IMPERIAL FILMES

A HISTÓRIA DE UMA PAIXÃO INSPIRADA NA MAIS FAMOSA MELODIA QUE TODO O MUNDO CANTA E APLAUDE: «A NOIVA»

NA SEVERA

TODA A GENTE CANTA

TRINDADE

Tel. 320000

A's 21.45 h. Adultos

ALVES DA COSTA

e

BRUNILDE JÚDICE

em

O PAI

de STRINDBERG

ATENÇÃO ESTUDANTES
TODAS AS NOITES
Plateia e 1.º balcão: 10$00

SÁBADO ÀS 17 H.
A PRIMEIRA FAMÍLIA
de Supervielle
e TIRÉSIAS
de Apollinaire
Estudantes: 10$00

Retrospectiva

do cinema mudo francês

No próximo dia 27, pelas 21 e 30, no salão de cinema do Palácio Foz, iniciar-se-ão as sessões de cinema que constituem a retrospectiva do cinema mudo francês, organizada pela «Cinemathèque Française» e apresentada pela Cinemateca Nacional em colaboração com a Federação Portuguesa dos cineclubes.

Essa retrospectiva é composta por doze películas que serão projectadas nos dias 27, 28, 29, 30 e 31 de Março, e nos dias 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 9 de Abril.

As sessões são para maiores de 17 anos.

ABC Cineclube de Lisboa

O ABC Cineclube exibe amanhã, ás 18 e 40, no Cinema Condes, integrado no Ciclo de Cinema Inglês, o filme de Anthony Asquith: «Ordens para Matar».

SÓ SENSACIONAL REPOSIÇÃO!!!

BADARÓSCOPE - BADARÓSCOPE

ATÉ DOMINGO

COM O CONJUNTO HELDER MARTINS

NO Teatro MARIA VITÓRIA

UM ÊXITO SEMPRE APLAUDIDO!

Espc. 12 anos A's 21,45 hs.

Dia 26 Setúbal Dia 28 Almada Dia 29 Palmela

JOSÉ MIGUEL Apresenta Às 20.45 e 23 horas A GRANDE E POPULAR REVISTA

SAÚDE E TOTOBOLA!

com JOSÉ VIANA, LEÓNIA MENDES, HELENA TAVARES, VICTOR LIMA, BARROSO LOPES e PAULO RENATO

NO TEATRO ABC

(ADULTOS)

Em MAFRA o «DIARIO DE LISBOA» encontra-se á venda no CAFE' UNIDOS.

Bob Smith em posição de remate com Angelo fora do lance

NA LUZ:
Benfica, 3
Tottenham, 1

Não vacilar e lutar

Mais golos perdidos do que os conquistados —a grande verdade da exibição dos portugueses

por **FERNANDO SOROMENHO**

Uma vitória cristalina.

Outro campeão a soçobrar, na Luz.

Desta vez, foi o representante inglês, o muito reclamado Tottenham. Sem nenhuma duvida. Com clareza.

Venceu o Benfica, a melhor equipa, após um despique de vincado traço atlético que exigiu extraordinária aplicação com prejuizo evidente do objectivo «espectáculo» para deleite dos espectadores indiferentes á explanação técnica.

Prevaleceu mais a força do que a ligeireza, mas no conjunto das operações adquiriu realce, embora num aspecto algo diferente, a harmonia do «onze» português com realce para o labor da ofensiva, no entanto a dever mais golos a si própria do que aqueles que conseguiu.

Será essa até a grande verdade do «sizudo jogo». Se a defesa britanica consentiu os dois golos obtidos «á saca-rolhas», não faltaram, como contrapartida (por sinal lisonjeira para os visitantes), outras oportunidades dignas de culminar com a bola a enfiar pela baliza de Brown.

Não aconteceu, como noutras ocasiões, a «explosão» electrizante, o voo imponente da águia, em atitude dominadora, magistral, logo que o árbitro suíço apitou para o começo.

Mas compareceu o tradicional golo de início (5 minutos), o equivalente á declaração formal de que na mente dos benfiquistas imperava a determinação dentro do lema: não vacilar e lutar.

Embate duro. Por vezes com exageros na rispidez. O terreno pesado também exigiu um esforço da ordem do herculeo. Todos terminaram, por isso, cansados.

O futebol pensado e objectivo do Benfica, desbobinado em camara lenta, aliás compreensível em face do dispositivo táctico dos «spurs», acabou por se impôr, em especial nos lances da grande área, onde os avançados portugueses, como é da praxe, se transformaram, saltando como as gazelas, correndo como os galgos e insinuando-se como as raposas.

A diferença de dois golos está certa. Reflecte uma superioridade que, realmente, existiu e, sobretudo, mostra a eficácia de um quinteto e a inoperancia de outro.

O Tottenham pode, em suma, dar graças a Deus, por não regressar a Londres mais amargurado e... envergonhado.

Que «agradeça» a Eusébio, ontem o campeão das oportunidades goradas, precisamente em momentos que podiam ser decisivos, entre o 2-0 e o 2-1, antes do intervalo e, em especial, no alucinante período de cinco minutos do recomeço em que o Benfica repetiu o deslumbramento que cegou alemães, dinamarqueses, hungaros e austríacos.

●

O que irá passar-se em Londres no próximo dia 5 de Abril?

Na impossibilidade, como é óbvio, de se descobrir a resposta adequada, o embate de ontem terá fornecido indicações na medida em que se interprete o efeito dos sistemas tácticos a utilizar.

Decerto, o Tottenham, em «Hartlane», não será um «onze» preocupado com a defesa e a tentar o contra-ataque, processo que se nos afigurou forçado em face das características dos seus diantelros— todos excelentes executantes, dotados de apreciável rapidez e de grande espírito combativo.

Mr. Nicholson, que errou tácticamente, sendo ainda por cima teimoso quando o marcador acusou 0-2, aos 19 minutos, rectificará o que pareceu mal, mas considerando, claro, a valia dos campeões europeus — a sua inegável como fantástica facilidade (e perigo) logo que a baliza contrária se aproxima.

Usando a imagem corriqueira (no futebol tudo pode acontecer), é legítimo aplicá-la em relação ás probabilidades do Benfica, em Londres. Lá até é capaz de ser melhor, pelo menos no enlace da manobra que é susceptível de lhe sair mais vertiginosa, mais intencional, com evidente economia de energias, e culminada com remates certeiros.

Se o Tottenham é de respeitar pela sugestão de ser um galo de crista em riste, acredita-se que ao Benfica, tal como se viu ontem, não faltarão o movimento descontraído e a unidade.

(Continua na página seguinte)

COISAS DOS INGLESES...

Os seiscentos adeptos do Tottenham Hotspur (Football & Atletic Company Ltd), que se deslocaram a Lisboa para apoir o seu clube, forneceram ao lisbocta ensimesmado e enfatuado um espectáculo de descontração e boa disposição como poucas vezes acontece.

Grupos deles passeavam pelas ruas de Lisboa, as senhoras com vistosos xailes de lã ou algodão ás barras largas, azuis e brancas, tendo bordado a fio prateado o nome dos jogadores do Tottenham.

Os homens traziam umas grandes rosetas de pano azul e branco, das quais pendiam duas fitas uma branca e outra azul. No meio da roseta estava um círculo azul ferrete, tendo o desenho em prateado das Taças de Inglaterra e da Liga, separadas pela figura de um galo.

Um grupo de rapazes surgiu com chapéus enfeitados com tiras de pano azul e branco e um deles trazia um letreiro pendurado onde vinham inscritos os resultados da carreira do «Spurs» na Taça Europa 1961-62.

Quatro soldados estacionados em Gibraltar foram á secretaria do Benfica só para comprarem emblemas e fotos da equipa que vencera a Taça dos Campeões o ano passado. Compraram uma duzia delas para distribuir aos camaradas da guarnição.

Águas envalhe-se. Com razão. O inglês empurra-o...

Águas e Blanchflower dizem de sua justiça

Aguas, o «capitão» do Benfica, bastante fatigado, estava estendido na marquesa mostrando várias manchas rosadas provenientes dos choques apanhados durante a luta com o rude Norman e o coriáceo Mackay.

Eis a sua opinião:

— Se tivéssemos alcançado os 4-1 seria muito melhor pois três golos são margem mais confortável e recompensariam o melho conjunto que esteve em campo.

Foi lógica a maneira mais vagarosa como actuámos, pois o terreno empapado não permitia outro tipo de manobra. O resultado não subiu porque o Tottenham veio jogar num ferrolho cerrado e tivemos de tentar vários processos para os tirar dele.

A entrada na final é difícil, mas o pior que nos poderá acontecer é irmos a 3.º jogo, no que não creio.

«A recuperação será difícil...» — declarou Blanchflower

Danny Blanchflower, o futebolista do ano, «capitão» do Tottenham e da selecção da Irlanda do Norte e um dos melhores futebolistas do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda, não pôs qualquer dificuldade em dar-nos algumas palavras sobre o jogo que acabava de disputar.

— Foi um jogo duro, mas leal, proprio de duas equipas fortes e com pretensões num torneio de grande projecção como este.

— Pensa na final?

Danny Blanchflower pensou um pouco e retorquiu:

— Temos uma possibilidade, em Londres. Vamos lutar por ela mas se tivéssemos, apenas, um golo de atraso seria bastante melhor, pois o Benfica tem muito melhor equipa que o Gornik e os outros.

2.º golo do Benfica. Eusébio abraça José Augusto. Alegria e o Estádio da Luz a «vir abaixo» com aplausos

DOIS GOLOS DE VANTAGEM SÃO SEMPRE DOIS GOLOS —opinião de Bela Guttmann

Bela Guttmann, o astucioso treinador do Benfica, mostrava-se satisfeito por os seus «rapazes» terem saltado mais um dos obstáculos da travessia para a final. Acedeu a dar-nos a sua opinião:

— Como esperava foi uma grande equipa que o Benfica venceu. O jogo foi muito duro, roçando quase pela violência e que o árbitro tornou mais difícil por não reprimir.

Como um colega nosso aludisse á lentidão do Benfica, Guttmann retorquiu, rápido:

— Não jogámos mais devagar. Uma equipa fantástica ganha a outra de igual valor por 3-1. Foi um grande embate para as duas equipas.

— Esperanças para a final?

— Vamos a ver. Dois golos são sempre dois golos e, portanto, as nossas possibilidades são maiores. Repare que já no ano passado conseguimos 3-1 em casa, contra o Aarhrus.

«Esperava ter apenas um golo de diferença» — declaração de Bill Nicholson

Bill Nicholson, o «manager» do Tottenham afirmou:

— Foi um jogo muito duro e um pouco trapalhão tanto de um lado como do outro. Nenhuma das equipas jogou tudo aquilo que sabe e pode.

— Acha então que o «Spurs» poderá agir melhor e eliminar o Benfica?

— Provávelmente, retorquiu-nos com um ar um tanto ou quanto acabrunhado, mas teremos que ceder alguns golos lá.

— Considera-se satisfeito com o resultado?

— Nem por isso. Fiquei desapontado, pois esperava perder, apenas, por um golo de diferença. Este foi um bom resultado para o Benfica ir a Tottenham.

PENSAMOS A SÉRIO NA FINAL

—disse o presidente do Benfica

O presidente do Benfica, sr. eng. Mauricio de Brito, acedeu, amávelmente, a dar-nos as suas impressões:

— O jogo agradou-me imenso. O Benfica surgiu diferente, exibindo um plano de manobra que não é habitual. Gostei imenso dele e estamos pensando muito a sério na final. Os jogadores foram briosos pois todos lutaram com afã.

— Vão então ter um prémio especial? — interrogámos.

— Não. Ainda não se pensou em qual será o prémio. Mas bem o merecem pois defrontaram e venceram uma das melhores equipas que nos visitaram.

Sòzinho, Eusébio falhou um golo. Era o 3-0...

Os enviados especiais ingleses

consideram os «maestros portugueses» mas acreditam ainda nos «Spurs»

LONDRES, 22. — Os enviados especiais ingleses que assistiram ontem á noite ao jogo Tottenham Hotspur-Benfica, em Lisboa, relatam e comentam o desafio com uma óptica puramente britanica.

«Os Spurs foram esplêndidos vencidos — o Benfica ganhou, mas o Tottenham pode chegar á final» — é este o título do «Daily Express», na reportagem do encontro de ontem á noite, em Lisboa.

O mesmo jornal manifesta, francamente, o seu mau humor e acusa os 70 000 espectadores portugueses de terem procedido tão barulhentamente e tão desordenadamente que a cadência de jogo dos londrinos «veio fatalmente a ressentir-se». «Por outro lado, escreve, pela minha parte, persistiria em crer que o árbitro andou mal, não dando o segundo tento ao Tottenham Hotspur».

Apenas os enviados do «Daily Telegraph» e do «Times» dão mostras de uma certa objectividade, e salientam o «domínio» e o «jogo impecável» dos portugueses. O do «Telegraph» escreve: «Não restam duvidas de que a equipa do Benfica foi a melhor do ponto de vista técnico. Mas os seus avançados tiveram grande dificuldade, depois das incertezas do início, em romper a defesa inglesa».

O jornalista do «Times» presta homenagem ao «talento de cada um» dos jogadores do Benfica, á sua grande mobilidade e á sua maleabilidade na manobra.

O «Times» escreve ainda:

«Parecia, ao princípio, que a águia de asas abertas, símbolo do Benfica, ia ser simbólica. Mas o galo do Tottenham escapou-se ás garras crueis e começou também a exibir-se».

O «Times» considera os golos do Benfica «resultado do muito esgravatar», embora sublinhe «a técnica individual e o movimento fluído da equipa». A forma de passar—acrescenta — é «limpa, delicada, precisa, suave, poética na concepção da jogada». E o final conclui que «o Tottenham demonstrou que estes grandes jogadores portugueses, apesar de finos jogadores, não são imbatíveis».

«Não chega um avanço de dois golos»

Quanto ao «Daily Telegraph», dá aos «Spurs» iguais probabilidades para chegarem á final. «Não há qualquer duvida de que o Benfica é uma equipa técnicamente mais bem estruturada — acrescenta — mas o Tottenham «conseguiu mesmo assim perturbar o imaculado equilíbrio dos portugueses».

«Um avanço de dois golos não chega» — escreve, por seu turno, o «Daily Sketch», afirmando que o resultado final de 3-2 seria mais ajustado, por ter sido invalidado pelo árbitro um «golo perfeito».

Lamenta, por outro lado, que o Tottenham tenha perdido um simples golo numa altura em que parecia ter conseguido reduzir esses verdadeiros aristocratas do futebol europeu a um conjunto quebrado de gigantes batidos».

Título do «Daily Herald»: «Os «Spurs» serão a primeira equipa inglesa na final da taça europeia». Segundo o jornal, «o *déficit* de dois golos não deterá os «Spurs» no segundo jogo».

No entanto, o jornalista confessa ter sentido preocupações no primeiro tempo, quando viu «os «spurs» reduzidos a um grupo de unidades com fendas».

«O plano defensivo que resultara tão brilhantemente contra os checos, em Praga, não tinha aqui qualquer utilidade. E era cruel ver-se como o Benfica o ia reduzindo a nada.

«Não se pode negar o virtuosismo destes «maestros» portugueses» — prossegue o jornalista, acentuando: «Na segunda parte, porém, os «Spurs» apareceram lutadores e confiantes, igualando em todos os aspectos os feiticeiros de camisola encarnada da primeira parte».

«A mais terrível assistência que já escutei»

Desmond Hackett — «Daily Express» — «O Tottenham Hotspur abriu caminho com os cotovelos por meio de uma multidão entusiasmada e ululante, que invadiu o campo após o Benfica o derrotar. Os «Spurs» saíram, porém, orgulhosamente, de cabeça erguida, após a forma como lutaram na seguinda parte...

«... Os 70 000 espectadores que gritaram sob a luz das altas torres do estádio, projectadas para os céus escuros, foram a mais terrível assistência que já escutei. Vociferaram, bramaram, gritaram e assobiaram num Niagara de barulho infindável».

Laurie Pignon — «Daily Sketch» — «A furiosa e entusiasmada falange de apoio dos portugueses atravessou os cordões da Polícia, invadiu o campo, atirou milhares de almofadas pelos ares, assobiou e aplaudiu as equipas que participaram neste magnífico jogo de futebol.

«E não sem boa razão. O avanço de dois golos que o Benfica, os campeões europeus, conseguiu sobre os «Spurs» em Lisboa não serão suficientes para impedir os londrinos de irem á final...».

O «Daily Sketch» ainda acrescenta: «Foi Benfica 3-2 e não 3-1, mas não nos preocupemos — os «Spurs» podem ganhar». Esta é uma referência ao golo do avançado-centro do «Spurs», Bobby Smith, que o árbitro suíço Daniel Mellet anulou por fora de jogo.

O comentador da Rádio portuguesa afirmou que ele não parecia ter sido «offside» e alguns críticos ingleses manifestam, também, duvidas quanto á decisão. — (F. P., A. N. I. e R.).

O «GRITO DA NOITE»

ESTARÁ EM LONDRES À ESPERA DO BENFICA...

O presidente do Tottenham Hotspurs, o sr. F. Wale, não estava com ar muito feliz quando o abordámos, pedindo-lhe uma opinião sobre o encontro.

A' nossa primeira pergunta respondeu:

— O Benfica foi melhor em quase todo o jogo, que foi duro mas leal. A nossa defesa «abriu» um pouco mas em Londres o Tottenham vencerá.

— Quer dizer, então, que eliminarão o Benfica?

— Talvez, porque o «grito da noite» de White Hart Lane poderá ter grande influência no comportamento das equipas, animando o Spurs e deprimindo o Benfica.

— E quais foram as melhores unidades esta noite? — indagámos depois.

— Falarei só dos portugueses — redarguiu. — Eusébio, só na primeira parte; Águas, em todo o jogo, e ambos os pontas. Todos os jogadores do Benfica são bons dominadres da bola, especialmente Coluna.

HOJE, À NOITE

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da 3.ª Divisão: Combatentes-Lisboa Ginásio e Boa Hora-Paço de Arcos, nos campos dos primeiros, ás 22 horas.

DESPORTO CORPORATIVO — Campeonato de Ténis de Mesa: Pinto Magalhães-Fed. Trigo e Regina-Companhia Carris de Ferro, ás 21.15, respectivamente nas salas da F. N. A. T. (B) e da Carris.

FUTEBOL — A's 21.30 h., no campo «Silva Nunes», na Cova da Piedade, treino da selecção nacional de juniores com o Cova da Piedade.

A OUTRA MEIA-FINAL

Hoje, em Madrid, á noite, defrontam-se o Real Madrid e o Standard de Liege em jogo da 1.ª mão da meia-final para a «Taça dos Campeões Europeus».

Confraternização após o encontro

Após a conclusão do jogo, os dirigentes do Benfica reuniram-se com a embaixada do Tottenham e os jornalistas estrangeiros numa das dependências do Estádio da Luz, estando, também, presentes os jogadores do Benfica e o treinador Bela Guttmann, bem como os jornalistas portugueses.

Durante alguns momentos os desportistas do Benfica e do Tottenham confraternizaram. O dr. Cancela de Abreu, presidente da assembleia geral, falou em primeiro lugar para agradecer a presença do sr. A. Pujol, delegado da U. E. F. A. e felicitar o Tottenham pelo brilhantismo da sua exibição.

Seguidamente, o sr. Wale, presidente do clube inglês, disse da sua satisfação pelo acolhimento e hospitalidade dispensadas ao Tottenham e formulou votos pelo estreitamento das boas relações entre os dois clubes.

Por fim, os dirigentes do Benfica ofereceram uma caravela em filigrana ao Tottenham e os jogadores ingleses foram obsequiados com lembranças.

O JOGO NA LUZ

(Continuação da página anterior)

Os campeões europeus, começaram, enfim, a pensar em Amesterdão. Com justificados motivos.

Os ingleses imaginaram-se num castelo medieval. Fecharam-se nele, pelo menos com sete homens lá dentro, deixando a patrulhas, tipo de comandos isolados, o encargo de infiltração ruinosa nos domínios do adversário. Se algumas vezes ganharam pela surpresa provocada, noutras convenceram-se da inutilidade da teimosia, tendo em vista o excelente período que mediou entre o 2-1 (Smith, aos 54 m.) e o 3-1 (José Augusto, aos 64 m.). Foi a fase de demonstração do potencial futebolístico que deve estar á mercê dos «spurs» desde que lhes não metam teias de aranha nas pernas e no cérebro, com «ferrolhos» e outras fantasias.

●

Reafirmando a impressão geral de um embate sem alevantado fulgor técnico, deverá focar-se o excelente ponto de partida dos benfiquistas, com 2-0 antes dos 20 minutos (golos de Águas, de cabeça, aos 5 m., e de José Augusto, aos 19 m.), a intencionalidade mal servida pela finalização; os «raids» individualistas dos ingleses; o esquecimento a que foi condenado José Augusto, no entanto, perigosíssimo quando a bola se lhe colava aos pés; a presença, tipo-lenhador, de Bob Smith; e a dureza no meio-campo, com Marchi e Mackay a ditarem leis.

Ao segundo tempo, deverá acrescentar-se o tónico que o 3.º golo representou para os campeões europeus. Ressurgiram, plenos de coragem, de entusiasmo e de audácia.

●

Costa Pereira (seguro apesar de pouco incomodado); Mário João (na 1.ª parte); Águas (pela noção de sacrifício); Simões (o bulício a forjar perigo num conceito definido de virtuosismo técnico); Coluna (um «moiro de trabalho», dedicado ao conjunto) foram os melhores no «onze» benfiquista.

Seguiram-se-lhes Germano, Cavém, Angelo e José Augusto.

Eusébio exorbitou no egoismo, esquecendo o seu extremo-direito, que gozou de ampla zona para manobrar á vontade, tal como Simões.

Dentre os londrinos, Norman, Mackay, Jones, White e Greaves foram os melhores.

Blanchflower, fora da sua posição habitual, esbanjou energia a rodos. Foi um Coluna no Tottenham.

●

O suíço Mellet dirigiu o encontro, usando de autoridade a despeito das evidentes dificuldades provocadas pelos choques contínuos. Foi um árbitro com personalidade embora no golo anulado (seria o 3-2) não convencesse da razão que lhe assistia.

F. S.

HIPISMO

«Poules» no Campo Grande

Se o tempo o permitir, a Sociedade Hípica Portuguesa realiza, no sábado e no domingo, 24 e 25, provas hípicas no Hipódromo do Campo Grande, com o seguinte programa:

Sábado — Para cavalos estreantes, corrida de trote atrelado, e para cavalos sem handicap.

Domingo — Ensino, Juniores 2.ª série, corrida de trote atrelado, juniores 1.ª série e cavalos com handicap.

As inscrições para os dois dias fecham hoje, ás 19 horas. As provas principiam ás 15 horas.

O TORRIENSE

VAI ELECTRIFICAR O SEU CAMPO DE JOGOS

O Ministério das Obras Publicas concedeu ao Sport Clube União Torriense a comparticipação de 17 contos, para a electrificação do seu campo de jogos, em Torres Vedras, obra orçada em 165 contos.

CLUBE DE FUTEBOL «OS BELENENSES»

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

AVISO CONVOCATÓRIO

Nos termos e para os fins da primeira parte do art.º 39.º dos Estatutos, com a ultima redacção de 4 de Janeiro de 1956, convoco a Assembleia Geral Ordinária, a reunir no dia 30 do corrente, pelas 20.30 horas, no Belém Clube — Calçada da Ajuda, 76, em Lisboa, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS — Apreciação e votação do Relatório e Contas da Direcção e do Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao ano de 1961.

Não havendo numero legal de associados á hora marcada, a Assembleia reunirá, em segunda convocação, uma hora depois, nos termos do art.º 38.º, com qualquer numero de associados.

Lisboa, 20 de Março de 1962.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL
Dr. Arnaldo Constantino Fernandes

A Federação castiga...

Na sua reunião de ontem, a Comissão Executiva da F. P. F. decidiu aplicar as seguintes sanções:

REPREENSÃO POR ESCRITO — Justino Leite Soares Resende, do Arrifanense, por discutir as decisões do árbitro.

ADVERTÊNCIA — Joaquim da Cruz Roberto, do Estrela F. C., por falta de diligência no cumprimento das ordens do árbitro.

UM JOGO OFICIAL DE SUSPENSÃO — João Pedro Morais, do Sporting e Joaquim Julião Pessoa Lopes, do Calipolense, por ameaças de agressão a um adversário; Luís Manuel Comprido Sousa Leal, do Ginásio de Alcobaça, por publico desacordo com as decisões do árbitro; José Manuel Garrido Aguiar, do Desportivo de Beja e João Manuel Ferreira Pereira, do Portimonense, por insultos a um adversário.

DOIS JOGOS — José Martins Mota, do Sacavenense e Francisco Alberto Nunes Pinto, do Alhandra S. C. por jogo perigoso sistemático; David de Oliveira Chitas, do Vitória C. L., por injurias a um fiscal de linha; e António Francisco Caeiro, do Juventude S. C., por injurias a um adversário.

TRÊS JOGOS — Joaquim Pedro Pacheco, do Leixões S. C., e Mário de Melo Paz, do C. F. «Os Belenenses», por agressão a um adversário; e Avelino Pereira de Almeida, do S. C. Vila Real, por incitamento á prática de actos de indisciplina.

SUSPENSOS PREVENTIVAMENTE ATÉ CONCLUSÃO DE INQUÉRITO — António da Graça de Deus, Joaquim Fernando Amado Oliveira, Arsénio da Conceição Silva Alberto Saavedra C. Valente, José Carlos Salgado Ferreira, Frederico Henriques S. Abrantes, Mário Augusto Marques Rodrigues, António Manuel Sequeira Roque, Nuno Alvaro Leite P. Vitorino, José Manuel Sequeira Roque, todos do União Vila-Franquense; e José Aurélio Monteiro Anacleto, Vitorino Afonso Augusto, Josué da Costa Bernardino, Rui Luís Ribeiro Leite, José Luís Melo Alves, Luís Alcino Lopes Cosme, António Augusto Nunes de Carvalho, José Luís António Juvenal de Sousa Canavarro e António Rogério Magalhães Mota, todos do União de Tomar.

A treinadores

João Almeidinha, do G. D. Sesimbra, 15 dias de suspensão e 250$00 de multa, por insultos á equipa de arbitragem.

A clubes

À União Desportiva Vila-Franquense, interdição do campo até conclusão de inquérito.

Ao Futebol Clube do Porto, multa de 100$00, por comportamento incorrecto de uma parte do publico — arremesso de pedras para o campo — durante o jogo de juniores com o S. C. Beira-Mar.

A investigação em Portugal

carece de uma acção impulsionadora e coordenadora

— afirmou na Assembleia Nacional o prof. Nunes de Oliveira

A Assembleia Nacional começou, esta tarde, a apreciar, na generalidade, as propostas de lei sobre a reforma da Previdência e o Estatuto da Saude e Assistência.

Na sessão de hoje, a que presidiu o prof. Mário de Figueiredo, secretariado pelos drs. Cid Proença e Folhadela de Oliveira, continuou, também, a discussão das Contas Gerais do Estado relativas a 1960, intervindo no debate os deputados prof. André Navarro e eng.º Egberto Pedro.

No período de antes da ordem do dia, falou, em primeiro lugar, o prof. Nunes de Oliveira, que se ocupou de problemas da investigação científica. Louvou a acção desenvolvida pelo Instituto de Alta Cultura, que criou já quarenta e nove centros de investigação em Lisboa, no Porto e em Coimbra, com cujas actividades o País começou já a colher benefícios, contribuindo, assim, para o nosso progresso científico. Sublinhou que se investiga muito pouco nas empresas de carácter privado, dizendo a propósito:

— Seria do mais alto interesse para o País que em todos despertasse uma real consciência de tão importante problema, e se operasse, por parte da industria, uma modificação futura, que leve ao integral aproveitamento da capacidade criadora do português, sem subordinações exageradas ao estrangeiro, até porque o nosso potencial humano em nada é inferior ao do que dispõem outros países, e com os consequentes benefícios de ordem económica e moral para a Nação.

Focou a missão da Universidade na formação científica do futuro investigador, e disse que são exíguas as remunerações dos que na Universidade se encarregam da missão de investigação. Aludiu á contribuição da Fundação Gulbenkian, que muito tem impulsionado a investigação entre nós, e afirmou ser necessário exigir uma acção impulsionadora e coordenadora da investigação em Portugal, com o apoio e colaboração das Universidades.

Problemas dos industriais

O eng. Costa Guimarães, que a seguir discursou, apelou para o Governo no sentido de tornar clara e precisa a interpretação autêntica do decreto n.º 40 874, depois prorrogado pelo n.º 43 871, cuja aplicação tem afectado gravemente os industriais. Pediu uma disposição legislativa complementar áqueles diplomas, com o objectivo fundamental de criar condições favoráveis ao perfeito desenvolvimento de um programa de investimentos, capaz de assegurar um elevado nível de actividade económica.

O bem-estar rural

Também falou o eng. Manuel Engrácia Carrilho, que se ocupou do bem-estar rural, afirmando que há que encarar os problemas da habitação, alimentação, vestuário e calçado, iluminação, saude, higiene, educação, recreio e previdência.

Disse que a política do bem-estar rural se vem praticando em reduzida escala e sem qualquer coordenação á base nacional; e enumerou os multiplos problemas que carecem de urgente solução, apontando, também, a acção desenvolvida, neste campo, pelos vários serviços oficiais.

A terminar, o orador preconizou a urgência de uma coordenação de todos os organismos e entidades publicas e particulares interessadas, para que, rápidamente, se consiga contribuir para o bem-estar rural, realizando, em pouco tempo, uma obra de engrandecimento e renovação das terras e das casas.

O eng. Engrácia Carrilho ocupou-se, ainda, do problema dos transportes de caminho de ferro entre Viseu-Santa Comba e Viseu-Aveiro-Espinho, dizendo que ás carruagens ali utilizadas para o transporte de passageiros não possuem as mínimas condições de comodidade e conforto.

ALVES REDOL

fala dos seus livros nos Trabalhadores de Portugal

O escritor Alves Redol, nosso ilustre colaborador, estabelecerá um diálogo na Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal, no sábado, pelas 21 e 30, num colóquio em que falará sobre os seus livros.

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos ultimos modelos
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CAPITALISTAS

«A CONFIDENTE», com sede na cidade de Lisboa e filial no Porto, comunica a todos os capitalistas que coloca dinheiro sobre 1.as hipotecas, em propriedades, ao juro de 8% e pagos adiantadamente aos anos, sendo da sua inteira responsabilidade a eficiência da transacção.

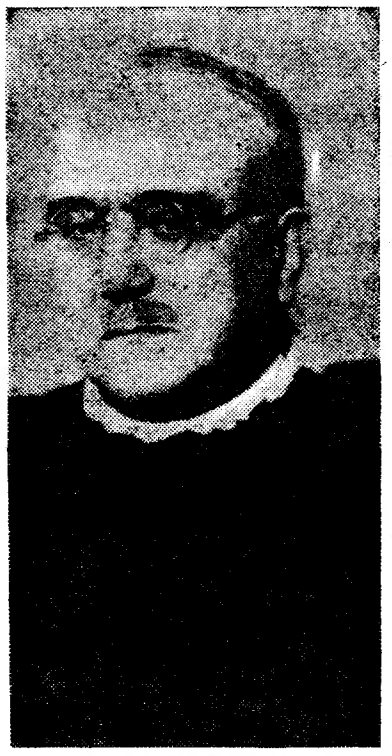
Tratamos de toda a documentação, registos, etc. Nada cobramos de comissão aos capitalistas.

A CONFIDENTE

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAIS
FUNDADA HÁ 28 ANOS

LISBOA
Rossio, 3, 2.º andar
Telefones 369384/5/6

PORTO
Rua Passos Manuel, 14, 1.º
Telefones 20344/5/6



Prof. Fidelino de Figueiredo

OS AMIGOS do «Diário de Lisboa» -Juvenil vão visitar o prof. Fidelino de Figueiredo

A sugestão de prestar homenagem através de uma visita na sua residência, ao prof. Fidelino de Figueiredo, foi acolhida com verdadeiro entusiasmo por todos os amigos do «Juvenil».

Aliás, perfeitamente se compreende esse entusiasmo. Ele não é mais do que simples retribuição do muito que a juventude deve a esse que é um dos nomes mais representativos da cultura portuguesa.

Há pequenos factos, insignicantes quantas vezes, que se gravam na memória com uma violência aparentemente injustificada.

Estou a recordar-me, por exemplo duma visita que, há anos, fizemos a essa exemplar figura de cidadão (ia a dizer «cidadão europeu»...) na companhia de uma outra figura já saudosa, a do escritor Magnus Bergström.

Perguntámos-lhe o que é que ele mais admirava na velhice.

— A capacidade de permanecer jovem... — foi a resposta breve.

Agora, quando o professor Fidelino de Figueiredo, usando de magnífica gentileza, responde afirmativamente ao pedido dos mais jovens leitores e colaboradores do «Diário de Lisboa», a sua frase ganha uma nova luz.

Ele será—temos a certeza disso—o mais jovem entre todos os jovens, todos os jovens que nos seus livros, aprenderam a amar a arte, a cultura, e a respeitar os eternos valores de Portugal, divulgados no Mundo inteiro pela pena brilhante de Fidelino de Figueiredo.

Realmente, a sua devoção a esta

(Continua na 13.ª página)

A Corporação do Comércio

aprovou uma moção dos lojistas do País

pedindo a suspensão do diploma que criou o imposto de consumo

Reuniu-se o Conselho da Corporação do Comércio, composto por todos os organismos nela integrados, para discutir e votar o relatório e contas referentes ao exercício que terminou em 31 de Dezembro do ano findo e eleger os dirigentes para os lugares vagos na direcção e nas diversas secções.

Presidiu o sr. eng.º-agrónomo Manuel Alves da Silva, secretariado pelos srs. Augusto Marques Razo e dr. João Henriques Dias, representantes, respectivamente, das entidades patronais e dos trabalhadores. O presidente convidou também para a mesa o sr. dr. Silva Torres, consultor jurídico da Corporação, e o sr. dr. Vasco Santiago Neves, secretário-geral.

Antes da ordem do dia, o Conselho apreciou uma importante moção enviada para a mesa e subscrita pelos presidentes da Uniões de Grémios de Lojistas de Lisboa, Porto e Coimbra, documento que foi aprovado.

O texto da moção

O texto da moção é o seguinte:

«Considerando os princípios corporativos consignados na Constituição e no Estatuto do Trabalho Nacional;

considerando que as actividades comerciais, não obstante aqueles princípios e a sua importancia na economia nacional, têm sempre sido vítimas de um tratamento de desfavor, pacientemente suportado por se acreditar que o aparecimento da Corporação do Comércio viesse a colocar este sector na posição a que tem jus na vida nacional mas que, ao invés, legislação surgida posteriormente a essa data, nem por afectar directa e decisivamente a vida das actividades representadas deixou de renovar o olvido de prévia audiência devida á Corporação;

considerando, concretamente, que, quando da publicação do decreto-lei n.º 43 764 de 30 de Junho de 1961, que criou o imposto sobre consumos supérfluos ou de luxo, e do diploma que o regulamentou, se estabeleceu uma inovação tributária que atingiu gravemente o comércio retalhista do País, sem que tenha sido pedido qualquer parecer a esta Corporação, e sem que lhe fosse dado conhecimento do que se iria passar;

considerando também que dada a gravidade das repercussões que da execução desses diplomas advêm para o comércio retalhista, esta apresentou, por intermédio de alguns dos Grémios e Uniões que têm assento nesta Corporação, espontaneamente e no sentido de tornar exequível a lei, várias sugestões, projectos e pedidos de simplificação do sistema de escrituração e de cobrança, os quais não mereceram qualquer resposta ou consideração ás autoridades respectivas;

considerando mais que a recente publicação do decreto-lei n.º 44 235, alterando o valor das taxas, ampliando profundamente a incidência e mantendo todas as disposições

(Continua na 13.ª página)

O CHEFE DE ESTADO VISITA A CIDADE UNIVERSITÁRIA

Apesar do sr. Presidente da Republica ter inaugurado recentemente o novo edifício da reitoria da Universidade de Lisboa, ainda não o conhece devidamente. Por este motivo, o sr. almirante Américo Thomaz dirige-se hoje, ás 17 e 30, á Cidade Universitária a fim de visitar demoradamente aquele edifício.

Será acompanhado pelos srs. ministro e subsecretário da Educação Nacional, director-geral do Ensino Superior e de Belas-Artes, e reitor da Universidade Clássica.

«Amigos de Lisboa»

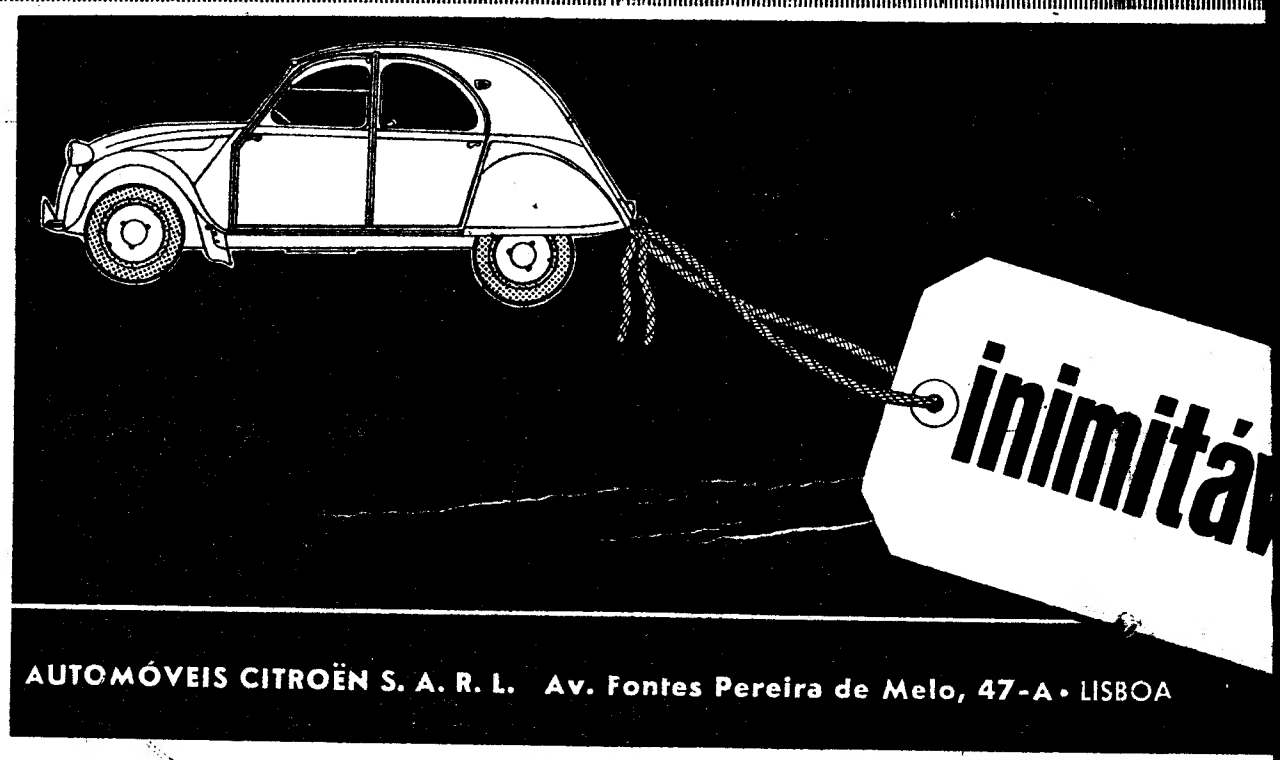
O sr. eng. Julio Eduardo dos Santos profere no próximo sábado, ás 22 horas, no salão dos «Amigos de Lisboa», no Largo Trindade Coelho, 9, 1.º, uma conferência sobre «Lisboa e o poeta Afonso Lopes Vieira», no fim da qual o actor Raul de Carvalho recitará alguns poemas do poeta.

Os dois

Um

Os habit
Lisboa, fo
dos pelos
sereias do
que circu
em direcç
da Sacor,
cerca das
estampido
po que ch
uma parte
tuadas na
sos metros
Estava-s
dio que d
lência.

O ministro da Economia, em Cabo Ruivo, com
Municipal e o comandante do



...ércio
...io
...is
...diploma
...onsumo

...decisivamente
...s representa-
...r o olvido d...
...da á Corpora-

...etamente, que,
...do decreto-lei
...unho de 1961,
...obre consumos
...o, e do diplo-
...ou, se estabe-
...tributária que
comércio re-
que tenha si-
...parecer a esta
...que lhe fosse
...o que se iria

...ém que dada a
...ussões que da
...lomas advêr-
...etalhista, e...
...rmédio de al-
...niões que têm
...ação, espontâ-
...ido de tornar
...rias sugestões,
...e simplificação
...ração e de co-
...ão mereceram
...consideração
...ctivas;
...que a recente
...-lei n.º 44 235,
...s taxas, am-
...te a incidência
...s disposições

...ª página)

Os dois operários que se salvaram, prestam declarações ao «Diário de Lisboa»

Graves inundações em Moçambique

levaram ao encerramento de diversos aeródromos

BEIRA, 22. — Centenas de quilómetros quadrados de terras encontram-se submersos pela maior cheia do Pungué que se regista nos ultimos 10 anos. As águas atingem mais de um metro de altura e a ligação por estrada, Beira-Rodésia encontra-se cortada em vários pontos. A estrada internacional não dá, igualmente, passagem na baixa do Pungué. Também está cortada a ligação da capital com as localidades do Chimoio. Na parte respeitante á linha férrea não apresenta perigo, pois a linha corre em plano elevado.

Os prejuizos são elevados nas culturas de arroz e juta, que, na sua maioria, pertencentes a autotóctones, estão perdidas.

Na baixa do Pungué, onde presentemente está a trabalhar a firma construtora Tamega, a fim de asfaltar aquele troço de estrada, viu repentinamente o trabalho de meses perdido, o que representa grande prejuizo para a firma e estrago na conclusão da obra.

Também devido ás cheias do Pungué a população do Chemba encontra-se completamente isolada e o aeródromo encerrado. Todas as estradas da circunscrição encontram-se cortadas devido ás chuvas que têm caído na região e na Gorongosa, vendo-se pontes derrubadas.

Nesta cidade ficaram retidos os comerciantes do Chemba, José da Silva Coelho e Manuel Luís Marques, que tentaram regressar a casa, sendo-lhes impossível depois de estarem três dias encravados com os seus camiões carregados de mercadorias em Vila Paiva de Andrade. Os dois comerciantes acabaram por deixar ali os seus carros e regressaram á Beira com grandes dificuldades pois não conseguiram um táxi-aéreo, por este não poder aterrar em Chemba, na Gorongosa ou em Chitengo.

O «Diário de Moçambique» referindo-se á tragédia diz que, além das estradas cortadas há telefones avariados e aeródromos fechados, os quais é preciso olhar com especial atenção, dada a extrema utilidade do caso e a necessidade inadiável do transporte de doentes. — (L.).

Um incêndio na casa das bombas

das instalações da Sacor em Cabo Ruivo só foi dominado ao fim de duas horas

Trinta e três viaturas transportaram 200 bombeiros ao local do sinistro

Os habitantes da zona oriental de Lisboa, foram esta manhã alarmados pelos toques prolongados das sereias dos veículos dos bombeiros, que circulavam vertiginosamente em direcção ás instalações fabris da Sacor, em Cabo Ruivo, onde, cerca das 7 e 25, se ouvira um estampido enorme, ao mesmo tempo que chamas alterosas envolviam uma parte daquelas instalações, situadas na Rua da Cintura, a escassos metros do Tejo.

Estava-se em face de um incêndio que deflagrara com muita violência.

Enquanto eram solicitados os serviços do Batalhão de Sapadores Bombeiros, entrava em acção o corpo de bombeiros privativos daquela importante organização industrial, que foram avisados pelo ferramenteiro, sr. Abílio Neves Dias. Este encontrava-se nas proximidades e utilizou um dos telefones internos, ligado directamente aos referidos serviços, enquanto o porteiro de serviço na entrada da Rua da Cintura tomava idênticas medidas.

Entretanto, iniciava-se o ataque ás chamas enquanto destacamentos da Polícia de Segurança Publica e da Guarda Nacional Republicana mantinham os curiosos a distancia, ao mesmo tempo que cortavam o transito nas artérias próximas, a fim de facilitar o trabalho dos bombeiros.

Toneladas e toneladas de água, assim como neve carbónica, começaram a ser lançadas sobre as chamas, que resistiram cerca de duas horas, aos jactos de água expelidos dos auto-tanques dos bombeiros. Estes fizeram deslocar para ali 33 viaturas de vários tipos incluindo até prontos-socorros para todo o terreno.

Verificou-se que a parte atingida fora a casa das bombas, onde se encontravam a trabalhar dois operários que haviam entrado de serviço no turno da meia-noite.

Vivos e sãos...

A princípio chegou a recear-se pelas suas vidas, mas, felizmente, nada mais sofreram do que o susto.

Trata-se do mecanico sr. José Domingos Pereira, de 48 anos, residente em Moscavide, na Rua Gonçalo Braga, n.º 74, 1.º, dt.º, e do seu ajudante, Joaquim Branco, mo-

(Continua na 13.ª página)

...omia, em Cabo Ruivo, com o presidente da Camara ...nicipal e o comandante do B. S. B.

Publicações Europa América apresenta

IVO ANDRIC — Prémio Nobel de 1961

A Ponte sobre o Drina

O ALMIRANTE Sarmento Rodrigues

avistou-se com os ministros do Ultramar, Exército e Marinha

O sr. almirante Sarmento Rodrigues, governador-geral de Moçambique, que se deslocou á Metrópole a fim de tratar de assuntos que se prendem com o progresso e desenvolvimento daquela província ultramarina, esteve hoje no palácio Burnay, onde conferenciou, durante algum tempo, com o sr. prof. Adriano Moreira, ministro do Ultramar.

O sr. almirante Sarmento Rodrigues avistou-se, também, com os srs. general Mário Silva e almirante Quintanilha Mendonça Dias, ministros, respectivamente, do Exército e da Marinha; e coronel Kaulza de Arriaga, secretário de Estado da Aeronáutica.

O governador-geral de Moçambique, esteve, ainda, no Departamento da Defesa Nacional, na Cova da Moura.

OS DESTRUTIVOS SALTOS ALTOS...

MANCHESTER, 22. — O reverendo F. J. Hoyle, um vigário desta cidade, afirmava ao jornal da sua paróquia que as senhoras, com os seus saltos altos na igreja, causariam menos estragos nos soalhos se chegassem em tanques de guerra. Uma mulher de 50 quilos, usando saltos altos, exerce uma pressão de 811 quilos por seis centímetros quadrados. — (R.).

O mito do desarmamento - 4

Com a entrada de presidente Kennedy na Casa Branca (Janeiro de 1961) os americanos julgaram oportuno injectar uma dose maciça de optimismo publicitário no debate sobre o desarmamento. A decisão correspondeu a um objectivo de propaganda e á necessidade de desviar as atenções do público dos Estados Unidos, cloroformizado pelo alarido feito á volta da «brecha» dos mísseis, para um tema grato á sua credulidade. Substituídas as peças da Administração republicana, no Governo, no Conselho Nacional de Segurança, na Comissão de Energia Atómica, nos Serviços Secretos, no pessoal das Secretarias de Estado e da Defesa, o cenário para a nova representação daquela conhecida peça levou a supor que, com a mudança do elenco, se alterara a estrutura da peça.

O encontro Kennedy - Kruchtchev de Viena (3 e 4 de Junho de 1961), as conversações Mc Cloy-Zorine de Washington (Junho a Setembro), a declaração americano-soviética de 20 de Setembro, a escolha da Comissão dos Dezoito, em Dezembro, foram etapas percorridas para justificar duas decisões contraditórias: a apresentação de novos planos de desarmamento, americano e soviético, os quais se limitaram a reeditar as teses antagónicas dos dois Governos, e a renovação das experiências nucleares na União Soviética, a qual pôs termo á trégua tàcitamente observada durante alguns meses. Estas vicissitudes denunciaram a inanidade dos esforços envidados para dar seriedade ao debate e justificaram o cepticismo com que foi encarada a reunião, em Genebra, da conferência dos Dezoito.

Seguiu-se o habitual diálogo de surdos entre Moscovo e Washington que se prolongou nas primeiras semanas do ano corrente. Os americanos falaram de reunir os ministros dos Negócios Estrangeiros (7 de Fevereiro), os russos renovaram a sua proposta para uma conferência de alto nível (10 daquele mês). Os primeiros anunciaram que renovariam, também, as experiências na atmosfera, os ultimos fizeram saber que a corrida dos armamentos nucleares voltaria a fazer-se sentir com os seus efeitos, exibindo a impossibilidade de chegar a acordo para atenuar a guerra fria. Uma troca de mensagens para confundir as pistas, como nos romances policiais, coincidiu com as alternativas do tratamento dado aos ocidentais por Kruchtchev na questão de Berlim. Por um lado, o chefe do Governo soviético adiou, mais uma vez, a data para arrumar aquela questão segundo a sua receita de transformar a antiga capital do Reich em cidade desmilitarizada sob fiscalização internacional; por outro, intensificou a pressão militar nesse ponto nevrálgico para levar os americanos a fazer concessões opostas ás suas declarações e compromissos inviáveis.

O general de Gaulle adensou a confusão em que mergulhara o debate com as suas iniciativas isoladas. Propôs uma reunião dos Quatro para o desarmamento, em vez da conferência dos Dezoito; e separou-se dos seus aliados quando aquela se tornou inevitável, não para se ocupar do desarmamento, mas para justificar o encontro dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e da União Soviética, a fim de discutirem o futuro da Alemanha, o estatuto de Berlim e outras divergências que podem servir como moeda de trocos em qualquer transacção para sair do beco no qual a diplomacia ocidental se encerrou, paralisada pela aliança atlantica desde que nesta ingressou a Republica Federal com as suas dificuldades — reunificação, fronteira O d e r-Neisse, relações com o bloco comunista — dissimuladas, mas sempre latentes.

C. F.

Por retirada p.ª Alemanha

VENDO RECHEIO DE 15 DIVISÕES

baratíssimo por urgência, em conjunto ou separadamente

Mobiliário — Antiguidades — Loiças — Pratas — Lustres — Quadros — Decorações — Aparelhagem Doméstica — Utilidades, etc.

Rua Gonçalves Crespo, 35, 1.º (Conde Redondo) — L I S B O A
Telef. 735338

...inimitável!

...47-A • LISBOA

COLOCAÇÃO DE CAPITAIS

A EMPRESA PREDIAL NORTENHA, entidade autorizada oficialmente nos termos do Decreto-Lei n.º 43.767, de 30/6/1961 e membro da «Fédération Internationale des Administrateurs de Biens Conseils Immobiliers» — «FIABCI», chama a especial atenção de todas as pessoas interessadas em *eficientes aplicações de capital*, para o facto de estar apta a colocar quaisquer quantias, com juros garantidos e compensadores, prestando, gratuitamente, toda a assistência aos interessados. Consultem-nos no v/ próprio interesse, pois uma boa aplicação dos v/ capitais está na competência e zelo de uma entidade idónea e devidamente autorizada.

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

COLHAM REFERÊNCIAS

LISBOA: PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.º Tel. 362228 e 366812

PORTO: PRAÇA D. JOÃO I, 25-1.º Tel. 26706 e 30181

RIBET DESJARDINS
TRANSISTORES

Av. Duque de Ávila, 169 D

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da 4.ª página)

pital do Norte se deslocarão expressamente em autocarros.

- Um dos numeros coreográficos de grande efeito da próxima revista do Avenida será «Severa Jones», a versão portuguesa de «Carmen Jones» na interpretação do corpo de baile negro.
- Anita Guerreiro foi também contratada para o elenco do Teatro ABC. Para a poular artista estão a ser escritos numeros com que fará a sua reaparição naquele teatro .
- Joaquim Filipe Nogueira vai apresentar um programa de automobilismo na Televisão. O programa do conhecido «volante», será apresentado brevemente e denomina-se «TV-Motor».
- Badaró, depois de uma curta série de espectáculos que está a realizar no Maria Vitória, vai voltar ao Porto com «Badaroscope». No palco do Teatro Sá da Bandeira a estreia está marcada para o dia 10.

No Coliseu

Ópera para as classes modestas

No Coliseu dos Recreios continuarão, no próximo dia 27, os espectáculos de ópera levados a efeito pelo Teatro Nacional de S. Carlos, em colaboração com a F. N. A. T. Depois da apresentação de «Simão Boccanegra», as classes mais modestas da capital poderão apreciar «A Favorita», «Tosca», «Rigoleto» e «Boris Goudonov», respectivamente, nos dias 27 de Março, 3, 10 e 18 de Abril.

Os beneficiários da F. N. A. T., sócios dos Sindicatos Nacionais, dos C. A. T. e C. R. P., podem adquirir os seus bilhetes na 2.ª secção da F. N. A. T, todas as quintas-feiras, anteriores aos espectáculos.

No Trindade

Prossegue a carreira de

«O Pai», com Alves da Costa no protagonista

A peça de Strindberg «O Pai» continua em cena no Trindade, todas as noites, constituindo um espectáculo que o publico não deve perder, dada a sua intensidade dramática e o nível da interpretação, em que sobressaem Alves da Costa, no protagonista, e Brunilde Judice.

Graças ao subsídio do Fundo de Teatro, a tabela de preços em vigor no Trindade é a mais baixa de todos os teatros de Lisboa. E para que a todos os estudantes seja dada oportunidade de assistirem a este espectáculo de tão elevado nível cultural e artístico, a C. N. T. criou para eles, o preço unico de 10$00 para os lugares de plateia e 1.º balcão.

No sábado, espectáculo especial com «A Primeira Família» e «Tirésias»

No Trindade realiza-se no sábado, ás 17 horas, mais um espectáculo especial das peças de Vanguarda: «A Primeira Família», de Jules Supervielle, e «Tirésias», de Apollinaire, a que se seguirá um colóquio dirigido pelo escritor Goulart Nogueira.

Espectáculo jovem, moderno, vibrante, largamente elogiado pela crítica, aplaudido calorosamente pelo publico, revela ás nossas plateias dois autores franceses, estreitamente ligados aos grandes movimentos revolucionários da arte moderna.

No Variedades

A farsa portuguesa «Aqui há fantasmas!...», o maior êxito de gargalhada

Brilhantemente apresentada por Ribeirinho e Henrique Santana, continua a triunfar todas as noites a irresistível farsa portuguesa, em três actos, original de Jorge de Sousa «Aqui há fantasmas!...», o maior êxito de gargalhada dos ultimos anos!

Espectáculo cheio de originalidade, graça e situações cómicas, «Aqui há fantasmas!...», que está fazendo rir Lisboa inteira impõe-se também pela excepcional categoria dos seus intérpretes, entre os quais se contam Ribeirinho, Henrique Santana, Costinha e António Silva, brilhantemente secundados por Luísa Durão, Carmen Mendes, Lili Neves, Luís de Campos, Henrique Santos, Carlos Alves e Henrique Viana.

Espectáculo para adultos, maiores de 17 anos.

Primeiras exibições

«Madalena», no Monumental

A produção grega ontem estreada no Monumental não é, propriamente, um filme comercial. Por isso, a empresa daquela casa de espectáculos, demonstrando a sua isenção e o seu interesse pelo bom cinema, proporciona aos espectadores a oportunidade de apreciarem uma obra de vulto, na qual o cinema helénico manifesta a amplitude das suas possibilidades e patenteia o nível artístico dos seus intérpretes.

Apesar de pouco divulgado, o cinema grego supera a quantidade pela qualidade, a todos os títulos digna das tradições da arte helénica. «Madalena» é uma película cheia de qualidades, desde o notável desempenho á realização de Dinos Diomopoulos, segundo argumento de Georges Roussos, e á musica típica de Mousos Hadjidakis.

Efectivamente, tudo se harmoniza neste filme, em que colabora um conjunto surpreendente de artistas de eleição. Comédia e, ao mesmo tempo, drama «Madalena» relata a história de uma rapariga que, mais parece um homem — e vale como tal — pela coragem com que enfrenta a vida, quando a adversidade lhe bate á porta e pelo orgulho com que repele a compaixão alheia.

Trata-se, efectivamente, de um notável acontecimento cinematográfico revelador de uma expressão fílmica de muito valor. Entre os artistas, salientam-se a talentosa e atraente actriz Alice Varyonklaki, primeiro prémio do Festival de Tessalónica, e Dimitris Papamichael o primeiro actor do cinema helénico. Pandélis Zervos, na figura do «Papa Photis», tem, também, uma excelente criação.

Complementos agradáveis. — *Visor 60.*

«O senhor do mundo», no Coliseu

Lisboa tem nos seus «écrans» mais um filme de ficção científica, que se situa dentro das tão apreciadas características que fazem daqueles filmes um polo de atracção para o grande publico.

Julio Verne mostra-se, neste capítulo, uma fonte permanente de argumento. Mais uma vez um dos seus romances, aliás pouco conhecido («Robur, o conquistador»), foi adaptado á tela produzindo um filme espectacular, que nos conta a história fabulosa de um homem que, mercê de uma força estranha, se quer tornar senhor do mundo, dominando tudo e todos.

Realizado por William Witneg, é desempenhado por Vincent Price, Mary Webster, Charles Brouson, Henry Hull, etc.

Complementos com interesse. — *Visor 100.*

No Capitólio

Um filme inesquecível «Todos morreram calçados»

O filme «Todos Morreram Calçados», que continua a obter grande êxito, no Capitólio, é uma das obras inesquecíveis do cinema do passado que representa uma revelação para as novas gerações. Errol Flynn e Olívia de Havilland — o par ideal de «Robin dos Bosques» e do «Capitão Blood» — vivem em «Todos Morreram Calçados» uma grande aventura simultaneamente romantica e trágica, nesta emocionante aventura do general George A. Custer, que conduziu o 7.º Regimento de Cavalaria ao massacre de Little Big Horn.

Anthony Quinn interpreta, neste filme, o papel do chefe índio «Ginete Veloz», símbolo da bravura de um povo condenado pela cupidez dos aventureiros.

A estreia de hoje

No S. Jorge

Título—«Pequeno homem, grande Norman».

Intérpretes — Norman Wisdom, Alfred Marks, Andrew Cruickshank, Reginald Beckwith, Susannah York.

Produtor — John Bryan; americano.

Realizador — Stuart Burge.

Distribuidor — Rank Filmes.

Argumento — Filme cómico, no qual pela primeira vez os estudios americanos apresentam o grande cómico inglês.

Classificação — Maiores de 12 anos.

Sessão de cinema

do Cineclube Imagem

Hoje, ás 18 e 40, no Jardim Cinema, o Cineclube Imagem leva a efeito a sua 339.ª sessão de cinema, durante a qual será projectado o filme «Um lugar na alta roda», de Jack Clayton.

Imagem do dia

Em rigoroso EXCLUSIVO começa esta noite no TIVOLI a 3.ª SEMANA de um dos maiores êxitos cinematográficos de todos os tempos: «OS CANHÕES DE NAVARONE» — história heróica do «comando» audacioso que, através de dificuldades sem par, conseguiu destruir um forte que impedia a passagem dos navios aliados.

«OS CANHÕES DE NAVARONE» têm uma interpretação fabulosa de GREGORY PECK, DAVID NIVEN e ANTHONY QUINN.

A PARAMOUNT apresenta

UM FILME POLICIAL DE INVULGAR CATEGORIA!

90 MINUTOS DE EMOÇÃO E "SUSPENSE"

O RELATO DE UM CASO VERÍDICO!

O MAIOR ROUBO DA HISTÓRIA

(BLUEPRINT FOR ROBBERY)

O assalto ao Bankers Armored Car Service, de Boston, realizado, minuto a minuto, com precisão cronométrica. O mais audacioso e diabólico plano, em que o erro de um segundo poderá deitar tudo a perder!

com

J. PAT O'MALLEY JAY BARNEY TOM DUGGAN

PRODUÇÃO DE BRYAN FOY

É UM FILME PARAMOUNT

REALIZAÇÃO DE JERRY HOPPER

AMANHÃ no SÃO LUIZ ALVALADE

ADULTOS (M/17anos)

NO VARIEDADES

Telef. 32 60 37

Às 21.45 h.

Em pleno êxito!

A IRRESISTÍVEL FARSA PORTUGUESA

AQUI HÁ FANTASMAS!...

com RIBEIRINHO - HENRIQUE SANTANA - LUÍSA DURÃO - CARMEN MENDES - LILI NEVES - LUÍS DE CAMPOS - HENRIQUE SANTOS - CARLOS ALVES - HENRIQUE VIANA e ainda COSTINHA e ANTÓNIO SILVA

ADULTOS M/ 17 ANOS

Henrique Santos no «Dr. Branco»

TEATRO Monumental

Tel. 53 51 37 (Adultos m/ 17 anos)

2 ÚNICOS DIAS

SÁBADO e DOMINGO

VASCO MORGADO orgulha-se de apresentar em colaboração com o «MAXIME»

O EXTRAORDINÁRIO SHOW

JAZZ BALLET RODNEY

UM DESFILE DAS MAIS BONITAS MULHERES NUM ESPECTÁCULO ÚNICO

E AINDA AS DUAS CANÇONETISTAS PORTUGUESAS DO MOMENTO

SIMONE DE OLIVEIRA E ALICE AMARO

PREÇOS NORMAIS DE TEATRO

UM AUTÊNTICO ACONTECIMENTO ARTÍSTICO DEPOIS DE LONDRES, PARIS E ROMA

BILHETES A' VENDA

IMPÉRIO

A's 18.30 (Adultos)

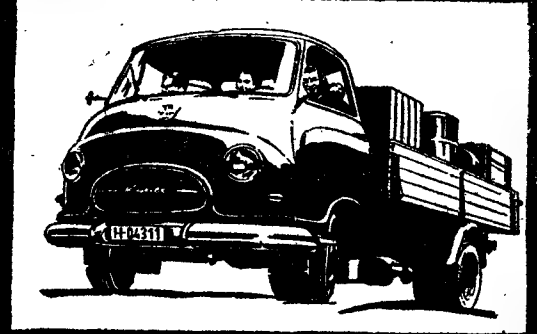
Grande êxito do TEATRO MODERNO DE LISBOA na peça de Charpak

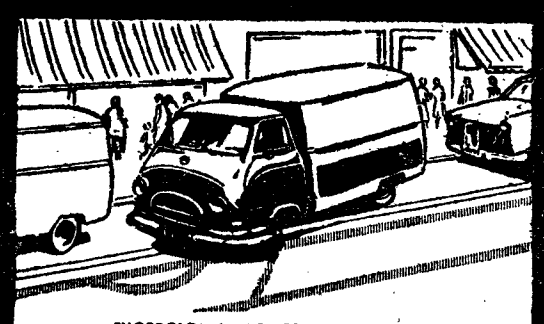
HUMILHADOS E OFENDIDOS

segundo o romance de DOSTOIEWSKI

HANOMAG

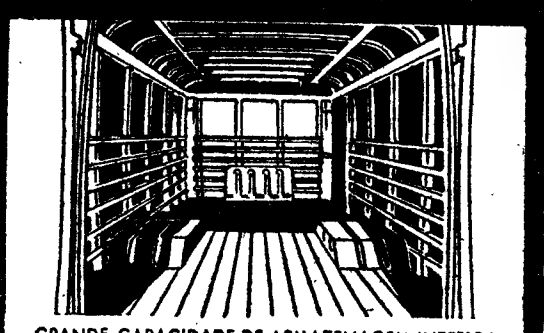
Continua a apresentar o autêntico camião de carga concebido para servir intensamente nas condições mais duras. Na cidade como nas boas ou más estradas o "Kurier" mantém o equilíbrio de um inigualável rendimento, dentro da maior comodidade e economia.





EXCEPCIONAL PODER DE MANOBRA

VISIBILIDADE PRÀTICAMENTE ILIMITADA



GRANDE CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM INTERIOR

REPRESENTANTES:

IMPÉRIO DA BEIRA, LDA.

Av. Guerra Junqueiro, 24-C — LISBOA

Agente no Norte A. M. DA ROCHA BRITO, LDA.
Rua Sá da Bandeira, 112 — PORTO

O CRESCIMENTO ECONÓMICO NACIONAL

(Continuação da 1.ª página)

da política industrial. Foi uma longa exposição, que se torna impossível resumir, numa simples entrevista. Por isso, e dada a inconveniência de truncar o relato, todo ele recheado de informações de alto interesse e de oportunas observações, vamos publicá-lo em quatro partes, sistematizando os assuntos, numa sequência lógica, de que resultará a apreciação panoramica da economia portuguesa, nos seus multiplos aspectos e implicações.

O ponto de partida para esta série de entrevistas foi a observação que o dr. Ulisses Cortês exprimiu nos seguintes termos:

— A difusão das estatísticas internacionais e a intensa curiosidade que suscitam os problemas do crescimento económico e dos padrões de vida, criaram, entre nós, um anseio generalizado de progresso, que mais se radica quando se analisam os níveis de desenvolvimento atingidos nos países do Ocidente europeu. Começa, assim, a criar-se a consciência do atraso do País e a forjar-se o propósito de lhe pôr termo através de um esforço amplo e decidido de modernização e de equipamento. E' este hoje o problema mais instante que se oferece á atenção dos governos e o que mais profundamente inquieta e preocupa o espírito colectivo.

Perante este expressivo comentário, acentuamos as preocupações que têm dominado este aspecto da vida nacional, e logo o dr. Ulisses Cortês, com vivacidade, prossegue:

— Evidentemente. Desde a Lei de reconstituição económica, ao I Plano de Fomento, em cuja execução se excederam largamente as previsões iniciais, tem-se desenvolvido, entre nós, uma acção metódica e persistente no sentido de promover a ascensão da produção, a elevação do apetrechamento técnico do País e a melhoria das condições gerais de vida. Os resultados deste esforço são visíveis, em si mesmos, quando isentamente observados, mas podem medir-se através de indicadores estatísticos, expressivos e reveladores. Não são já possíveis dúvidas. Os numeros impõem-se com a cristalina evidência dos axiomas.

Portugal e o desenvolvimento económico do ocidente europeu

—Mas, apesar dos progressos alcançados, a disparidade em relação ás nações do Ocidente europeu é ainda muito acentuada...

— O facto não pode ser contestado. As comparações feitas, segundo esse critério, não são, efectivamente, favoráveis a Portugal. Há, apenas, que averiguar se é legítimo examinar o problema nesse conspecto ou se cumpre procurar outros padrões aferidores e ângulos de visão mais apropriados. De resto, o que nesse particular se passa com o nosso País, ocorre, igualmente, com outros de elevado nível de desenvolvimento. Atente-se na França, por exemplo. No relatório do Plano de equipamento para 1954-1957 escreve-se o seguinte: «pelo seu nível de civilização, a França conta entre as nações mais evoluídas, mas situa-se, em contrapartida, em medíocre posição no ponto de vista do rendimento individual. A capitação do produto nacional correspondente a um francês é, efectivamente, inferior a um terço da que cabe a cada americano». Vê-se, assim, que, para atingir o actual nível de vida dos Estados Unidos, e supondo-se um ritmo de desenvolvimento económico similar do indicado pela Organização das Nações Unidas para os países mais evoluídos, a França carecerá de um período de tempo que pode computar-se em algumas décadas. E, quando atingir essa meta, encontrar-se-á porventura ainda mais distanciada da América do Norte do que presentemente, se esta regressar ao seu tradicional dinamismo. Em economia não há problemas insoluveis, mas há atrasos dificilmente recuperáveis.

— Dificuldade não significa, porém, impossibilidade...

— Certamente. O futuro económico dos países tem de ser concebido com grandeza e sem submissão a fatalismos derrotistas. A distinção entre países pobres e ricos, atrasados e evoluídos, não constitui um esquema imutável, uma cristalização definitiva. A técnica económica dispõe hoje de métodos, que abrem largas esperanças ás nações retardatárias, mas decididas a progredir. Cumpre, todavia, não esquecer que se neste campo existe lugar para as aspirações mais ambiciosas, não pode, também, perder-se o sentido da medida e a noção das possibilidades. O realismo é, cada vez mais, virtude essencial, sobretudo nos domínios da programação económica.

— Mas, nós fazemos parte da Europa, e é nesse contexto que parece dever situar-se o problema português.

— Sem duvida. Há, porém, duas Europas, segundo os critérios económicos clássicos: uma que deteve durante mais de um século o monopólio do progresso industrial e técnico e cujos recursos naturais, além de valiosos factores humanos, lhe permitiram manter uma hegemonia incontestada ao longo de um vasto período histórico; outra menos favorecida em condições materiais e onde os níveis de desenvolvimento não atingem os altos padrões da Europa industrial. Por imperativo da geografia, pertencemos, infelizmente, á ultima, e o facto não pode ser ignorado, sem se deformar a justa visão da realidade. E' a esta luz, de resto, que o problema começa a ser examinado em trabalhos ultimamente publicados e onde o esforço de desenvolvimento económico em Portugal é comparado com o dos países da Europa Meridional. Esta é, indubitàvelmente, uma óptica mais adequada. Não se esqueça, aliás, que entre estes ultimos países, se inclui a Itália, onde o progresso económico atingiu já coeficientes apreciáveis

— Todavia...

— Sim. Não constitui quimera que nos propunhamos, como objectivo, atingir, em prazo conveniente, um nível de desenvolvimento correspondente aos actuais valores médios europeus, e essa deve ser a ideia-força a inspirar-nos e conduzir-nos. Estamos a avançar, a ritmo veloz, nesse caminho, em matéria de produção de electricidade, e nada impede que igual finalidade seja realizada noutros sectores. A distancia, porém, é longa, e árduo o esforço a desenvolver. Há que ter essa consciência se não se quer cair no terreno das ambições utópicas e das fantasias irrealizáveis.

Natureza e objectivos do planeamento económico; demografia e emprego

— Para se alcançar esse resultado como foi planeado o esforço de crescimento português?...

— Um plano não é, evidentemente, uma pura criação do espírito, sem raízes nos dados da realidade e nas circunstancias concretas que visa a modificar. Há — ninguém o nega — princípios económicos, válidos independentemente do espaço e do tempo, mas há, também, peculiaridades de meio e condições económicas reais de que não pode alhear-se qualquer planeamento económico concebido em bases viáveis. A planificação em Portugal tem de assentar nos elementos fundamentais que caracterizam a estrutura económica e social, e partir delas para a fixação dos objectivos a atingir.

— E quais esses elementos de base?

— O primeiro é o da expansão demográfica. A população nacional está a crescer ao rítmo anual médio de cerca de 0,7 %. Em relação aos próximos anos, as estimativas prevêem um saldo fisiológico de 100 000 pessoas anualmente, o qual, deduzido o desfalque da emigração, se traduz num aumento efectivo de cerca de 60 000. Há, pois, que orientar o sistema económico no sentido de assegurar ocupação produtiva aos excedentes de mão-de-obra, resultantes do desenvolvimento populacional e essa constitui a finalidade primordial a realizar.

— Além disso...

— Não pode deixar de ter-se, também, presente que um dos índices do progresso económico é constituído pelo grau de industrialização. A' medida que os países sobem na hierarquia do desenvolvimento, a agricultura decai de posição no conjunto das forças produtivas, em benefício dos sectores secundário e terciário. Este fenómeno está também a verificar-se em Portugal. Sem prejuízo do aumento da produção agrícola, o acréscimo da produção fabril processa-se a cadência mais intensa. A participação da agricultura na formação do produto nacional, tende, assim, a diminuir em peso relativo, enquanto que o lugar da industria evolui em sentido ascendente. Contudo, a actividade agrícola absorve quase metade da população activa.

— Essa percentagem é muito elevada...

— Indiscutìvelmente. Não obstante ter-se verificado, neste capítulo, uma significativa melhoria, estamos ainda longe da meta desejável. A excessiva concentração de mão-de-obra no sector agrícola exprime-se em baixós níveis de produtividade e em situações de subemprego que exigem correcção. O facto avulta quando se compara a posição portuguesa com a verificada noutros países. Nos Estados Unidos, a ocupação na agricultura representa 12 % do total das forças de trabalho. Na França, é de 36 %; na Alemanha Ocidental, de 23 %; na Bélgica, de 12 %; na Holanda, de 19 %; na Itália, de 40 %; na Áustria, de 32%. Temos de procurar aproximar-nos de coeficientes mais aceitáveis de repartição da população trabalhadora, melhorando simultaneamente o rendimento do seu esforço. Só assim se poderá assegurar ás massas rurais um nível estável de emprego e condições mais equitativas de remuneração.

Retribuição do trabalho; novas concepções de salário

— Essa parece ser uma das tarefas mais imperativas da obra de fomento...

—Há, com efeito, que dar realidade efectiva ao direito ao trabalho mas cumpre, igualmente, garantir a este uma retribuição condigna. O salário não é hoje, apenas, um elemento do custo da produção; é uma das parcelas da procura global. O poder de compra das massas trabalhadoras constitui, assim, uma das determinantes essenciais da despesa nacional e uma das variáveis com influência decisiva na estrutura e dimensão do mercado. Toda a política económica tem, por isso, de orientar-se no sentido de promover uma mais larga participação do trabalho no produto colectivo e de favorecer o acesso das camadas sociais mais numerosas aos benefícios da civilização e do progresso. A técnica e a organização permitem hoje atingir o duplo objectivo da elevação dos salários e da diminuição dos custos, através dos acréscimos de produtividade. Se a agricultura se lançar resolutamente nesta via, por meio de um esforço de intensificação cultural e do aumento dos rendimentos unitários, nada terá a recear da tendência mundial para a unificação dos mercados, e conquistará sobre base firme melhores condições de prosperidade.

— O sentido do progresso é, pois, o da transferência da mão-de-obra excedentária da agricultura para a industria.

— Sim. Há que libertar trabalhadores da actividade agrícola e assegurar-lhes ocupação na industria, mas há, também, que reorganizar alguns sectores fabris através de uma mais conveniente estruturação das unidades ineficientes. E, se é certo que nos países onde escasseia o capital e abunda a mão-de-obra, não é aconselhável poupar trabalho, devendo buscar-se outras combinações dos factores produtivos, a verdade é, também, que, frequentemente, reconversão implica mecanização e, portanto, menor utilização de trabalhadores. A resolução do problema do emprego tem, pois, que ter em conta este conjunto de circunstancias, e essa deve ser uma das preocupações dominantes de um planeamento devidamente articulado.

Equilíbrio dos pagamentos externos

— A outra característica da economia portuguesa é a da sua excessiva dependência do estrangeiro, não é verdade?

— Somos, efectivamente, tributários dos abastecimentos externos nalguns sectores essenciais e, especialmente, no que respeita a matérias-primas e equipamentos. Embora tradicionalmente deficitária, a nossa balança de comércio está a evoluir perigosamente para uma crescente deterioração, traduzida em saldos negativos, cujo quantitativo em 1961 assumiu carácter preocupante. Por outro lado, a ascensão económica do País exige maiores importações, tanto para o apetrechamento da produção, como para assegurar ás actividades internas níveis de laboração ou de rendimento mais elevados; por outro lado, as exportações não acompanham o acréscimo das compras ao estrangeiro e manifestam, ultimamente, tendências de declínio. No ano corrente, a percentagem de cobertura das importações pelas exportações não chega a atingir 45 %. Esta evolução repercute-se inconvenientemente na oferta e procura globais portuguesas, onde a exportação de bens e serviços se tem mantido nos ultimos anos em nível pràticamente constante, em contraste com as importações, cuja percentagem revela um movimento ascensional. Assim, a balança de pagamentos — sem embargo dos saldos positivos verificados até 1959 —

(Continua na 15.ª página)

DIÁRIO escolar

CURSO DE INICIAÇÃO
PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA

Aprovado oficialmente por despacho do subsecretário da Educação Nacional, que concede tolerancia de ponto aos professores do ensino oficial que nele tomarem parte, vai realizar-se por iniciativa do Centro de Psicologia Aplicada á Educação, um curso de iniciação para o ensino da matemática do método Cuisenaire.

O método Cuisenaire para o ensino da matemática, hoje conhecido e utilizado na maior parte das nações civilizadas, foi elaborado pelo professor belga G. Cuisenaire, durante 30 anos, e tornado publico em 1952. Associou-lhe pouco depois o prof. Gattegno, da Universidade de Londres, que não só alargou a sua aplicação aos vários capítulos da matemática, como também sistematizou a sua utilização através de mais de uma dezena de obras publicadas e traduzidas em várias línguas. O material Cuisenaire está sendo largamente utilizado nos Estados Unidos da América (em mais de 2000 grandes escolas), na Inglaterra (cerca de 20 000 professores o usam), na Espanha (10 000 professores), etc. As revistas «Life» e «Selecções» fizeram-lhe também referências, o que prova a sua projecção «popular».

Em Portugal começou a ser experimentado em 1961 (Colégio Vasco da Gama). Encontra-se em vias de publicação a tradução portuguesa de uma das obras do prof. Gattegno («O Zeca já pode aprender aritmética»). O curso realiza-se de 23 a 28 do próximo mês de Abril.

No ensino tradicional da matemática todos os elementos — textos, programas, professores, exames — parecem coligados contra o aluno, constituindo a matemática, através dos tempos, a tortura dos estudantes do mundo inteiro. O ensino no entanto não devia ser uma tortura, e não há bons professores se não se procura, por todos os meios, transformar esse sofrimento em prazer — o que não significa ausência de esforço, mas, pelo contrário, fonte de estímulo e de esforços desejados e eficazes.

O método Cuisenaire pretende realizar esse objectivo, os ideais da Escola Activa. Com este material, não é o professor que ensina a verdade matemática ou corrige os erros; mas é o aluno que *por si próprio* a descobre, é ele que *aprende*, sentindo a sua evidência nas mãos e nos olhos, dando ele próprio pelos erros, e corrigindo-os espontaneamente. Muitos especialistas consideram, sob o ponto de vista pedagógico, os «numeros em cor» de Cuisenaire como a maior descoberta no campo das matemáticas desde a invenção da numeração árabe.

PALESTRA
na Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém

Depois de amanhã, ás 15 horas, realiza-se, no ginásio da Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém, uma sessão sobre a formação portuguesa, com uma palestra pelo professor José Rinvinho Brazão, ilustrada com projecção de filmes.

INTERCÂMBIO
de gravações em fita magnética

A Escola Industrial e Comercial de Castelo Branco tem em curso um plano de intercambio, á escala do ensino nacional, de gravações em fita magnética de assuntos de interesse didáctico e folclórico. Foram já feitas muitas gravações sobre diversos temas, que poderão ser enviadas a qualquer estabelecimento de ensino. Alguns alunos estão tentanto interessar nesta actividade de intercambio alguns dos seus correspondentes franceses. É intenção desta iniciativa divulgar o folclore da Beira Baixa e aspectos da didáctica seguida naquela escola, contribuindo, também, para um melhor conhecimento mutuo dos estudantes de todo o País.

ESCOLA TÉCNICA
Francisco de Arruda

Amanhã, na Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, realiza-se mais uma sessão da série «Ensino visual das ciências». Antes dela, falará com as crianças presentes o jovem actor João Mota, do Teatro Nacional D. Maria II.

Reunião internacional
sobre a poluição do mar pelos óleos

Principia na próxima segunda-feira, em Church House, Londres, a II Conferência Internacional sobre a Poluição das Águas do Mar pelos Óleos, a cargo da Organização Marítima Consultiva Internacional, sob a égide das Nações Unidas.

Portugal estará presente nessa reunião internacional, representado pelo comandante Serra Brandão, professor da Escola Naval e membro da Comissão Permanente de Direito Marítimo Internacional.

Linha de CASCAIS

Cinemas

ALGÉS — *Stadium* — Ás 21: «A história do meu crime» e «Dia de furia» (17 anos).

PAREDE — *Royal-Cine* — Ás 21: «Suspeita» e «Labirinto infernal» (17 anos).

ESTORIL — *Casino* — Ás 17 e ás 21 e 30: «Noites de Tanger» (12 e 17 anos).

CASCAIS — *S. José* — Ás 21 e 30: «Os olhos do amor» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — *Nifo* — Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, 64 (Tel. 012070).

CAXIAS — *Nova* — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 042839).

PAÇO DE ARCOS — *Godinho da Silva* — Avenida Patrão Lopes, 4 (Tel. 042039).

OEIRAS — *Godinho* — R. Candido dos Reis, 98 (Tel. 0430090).

PAREDE — *Grincho* — Avenida da Republica, 87-A (Tel. 047204).

ESTORIL — *Costa* — Avenida Saboia, 29-B-Monte Estoril (Tel. 060085).

CASCAIS — *Cordeiro* — R. Frederico Arouca, 16 (Tel. 080170).

Chegou hoje a Lisboa
um navio-escolta francês que permanecerá cinco dias no Tejo

Em visita particular, e com demora de cinco dias, entrou hoje de manhã no Tejo o navio-escolta da Armada francesa «Commandant Bourdais», do comando do capitão-de-fragata Winter e com uma guarnição de 14 oficiais e 160 sargentos e praças.

O navio, que é de um novo tipo, classificado de «double mission», para prestar serviço na guerra e na paz, meteu piloto ás 7 e 30, e, depois de ter salvado ao forte do Bom Sucesso, atracou, ás 8 e 45, á doca da Marinha.

Entraram em seguida a bordo o oficial de ligação, segundo-tenente António Abrantes Martins Godinho e o do Comando Naval do Continente, o cônsul da França e o adido naval daquele país. Depois, o capitão-de-fragata Winter desembarcou, acompanhado do oficial de ligação e do adido naval francês e foi apresentar cumprimentos ao embaixador da França, ao comandante da Força Naval do Continente e ao contra-almirante Henrique Tenreiro. Retribuiram os cumprimentos os representantes do embaixador da França e do comandante da Força Naval do Continente.

O sr. conde Bernard de Menthon ofereceu, na Embaixada de França, um almoço, ao qual assistiram alguns oficiais do «Commandant Bourdais» e de tarde o capitão-de-fragata Winter deu uma recepção a bordo do seu navio.

Amanhã, um grupo de seis sargentos e vinte e oito praças efectua um passeio pelos arredores: e para as 13 horas está marcado um almoço a bordo do «Gil Eanes», oferecido ao comandante e aos oficiais do barco francês. Na segunda-feira haverá um almoço a bordo do «Commandant Bourdais», oferecido a entidades do Ministério da Marinha. Ás 18 horas o barco meterá piloto, e meia hora depois far-se-á ao largo.

Bombeiros Voluntários
de Alcácer do Sal

Vai ser ampliado o quartel dos Bombeiros Voluntários de Alcácer do Sal.

AGORA, NOS SEUS CLIPPERS* A JACTO, A PAN AM OFERECE

PARA GRUPOS NOVAS TARIFAS REDUZIDAS
PARA OS ESTADOS UNIDOS

APENAS POR ESC. 9.100$40 † JACTO E 8.451$50 † HÉLICE

(Ida e volta por pessoa • Taxas incluídas • Classe Económica)

Poupe Esc. 5.400$00 por pessoa, numa viagem de ida e volta para qualquer cidade dos Estados Unidos, nos Clippers a Jacto da PAN AM.

Aproveite a grande economia que a Pan American lhe proporciona, a qual o ajudará a pagar as despesas da sua estadia nos Estados Unidos. Voe nos serviços regulares a Jacto da Pan Am gozando o tradicional e categorizado serviço da Pan American. Qualquer Grupo de 25 ou mais pessoas pode viajar com as tarifas reduzidas.

Quais são os Grupos com direito a esta regalia? Pràticamente qualquer Grupo é elegível desde que as suas actividades não sejam apenas viajar, e que os componentes do Grupo sejam membros da mesma organização há mais de 6 meses antes de requisitarem as passagens. Também é elegível qualquer Grupo constituído espontâneamente. Grupos paroquiais, sócios de clubes, comerciantes e outras organizações podem agora realizar o seu sonho de visitar os Estados Unidos... e ainda poupar o suficiente para custear parte das suas férias lá. Tudo o que o seu Grupo tem de fazer é apenas requisitar as passagens, directamente ou através do seu Agente de Viagens, à Pan Am, 30 dias ou mais antes da data planeada.

Viaje em qualquer altura do ano! As tarifas reduzidas de excursão para grupos não estão sujeitas a épocas. Durante a Primavera ou no princípio do Verão pode viajar em qualquer dia da semana. (Excepto das 7 da manhã de sextas-feiras às 7 da manhã das segundas-feiras, durante os meses de Agosto, Setembro e Outubro). E, o melhor de tudo: já não precisa de fretar um avião, pagando também os lugares que não utilizará.

Se quiser pode prolongar a sua estadia por um ano! Uma vez nos Estados Unidos ficará encantado com o bom acolhimento e a simpatia do seu povo e, com certeza, quererá ver tudo aquilo com que sempre sonhou. Qualquer época do ano é óptima para visitar os Estados Unidos, onde o espera o mais amável acolhimento.

Porque deve o seu Grupo escolher a Pan Am? Cada passageiro do grupo mesmo poupando Esc. 5.400$00 goza das vantagens da Classe Económica «Rainbow» da Pan Am nos seus serviços regulares a Jacto. Horários de partidas e chegadas mais convenientes. Refeições preparadas pelo Maxim's de Paris... e, ainda mais, a Pan Am oferece-lhe o incalculável valor da sua Experiência. Viaje sem preocupações porque a Pan Am o toma ao seu cuidado! Seja exigente e prefira sempre a Pan American.

Eis, em resumo, as vantagens oferecidas pela Pan American nas Tarifas Económicas de ida e volta para Grupos:

- Lisboa / Nova York e volta apenas Esc. 9.100$40. Poupa Esc. 5.400$00 em relação ao preço normal dum bilhete em Classe Económica.
- Qualquer Grupo de 25 pessoas ou mais pode viajar nos serviços regulares da Pan Am a estes preços reduzidos.
- Pode aproveitar a economia das novas tarifas para qualquer cidade dos Estados Unidos.
- As tarifas são ainda mais baratas nos aviões a hélice.

Para mais detalhes ou informações consulte o seu AGENTE DE VIAGENS ou a PAN AMERICAN - Praça dos Restauradores, 46 - Lisboa - Tel. 362181 (5 Lin.)

GOZE O INCALCULÁVEL VALOR EXTRA DA EXPERIÊNCIA, NA LINHA AÉREA DE MAIOR EXPERIÊNCIA DO MUNDO!

PAN AM

* Marca registada da Pan American World Airways, Inc.

† A PARTIR DE 31 DE MAIO DE 1962 (APENAS) SUJEITO A APROVAÇÃO GOVERNAMENTAL

A Corporação do Comércio e o imposto de consumo

(Continuação da página central)

consideradas impraticáveis e como tal denunciadas ao Ministério das Finanças por organismos peticionários, provam á sociedade que este sector profissional não merece das autoridades respectivas mais consideração do que a resultante da posição do sujeito passivo das obrigações que sucessivamente sobre ele recaem;

considerando ainda que as circunstancias excepcionais que justificaram a criação do imposto como de Salvação Nacional — e que, embora o recente decreto-lei n.º 44 235, não lhe faça qualquer referência, são conhecidas, compreendidas e aceites por todos nós e foram enunciadas, sem contestação, na Imprensa. — não podem no entanto legitimar as deficiências patentes no sistema de cobrança e na própria incidência do imposto;

considerando igualmente que a inovação introduzida pelo art.º 13.º do decreto-lei n.º 44 235 que faculta aos agentes da fiscalização o exame dos instrumentos de registo das caixas ou máquinas registadoras dos comerciantes, o que, fere, além do mais, a tradicional honestidade do comércio português, não pode deixar de ser objecto de veemente protesto desta Corporação que, como mais alto e legítimo representante da actividade atingida, requere a imediata revogação daquele preceito;

considerando, além disso, que a matéria contida no art.º 22.º, deste decreto-lei concedendo a distribuição por todos os funcionários da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, na quadra do Natal, do produto das multas, proporcionalmente aos seus vencimentos, princípio que já de si é imoral, seja qual for o imposto a que se aplique, mas neste caso em que se impõe sacrifícios gerais á população e ás actividades económicas se torna ainda menos justificável, na medida em que o é também o desvio — para outro fim que não seja o ingresso nos cofres do Estado —, do numerário apurado;

considerando finalmente que a exigência do preenchimento de livros, facturas, registos, e outras minuciosas formalidades não se coaduna com a organica e a débil capacidade económica da esmagadora maioria das empresas comerciais, e que, em situação de excepcional delicadeza como é a que o País atravessa do ponto de vista económico e financeiro, agravada com as dificuldades levantadas ás actividades comerciais na obtenção de desconto bancário, a publicação de um decreto-lei, estabelecendo sobre o consumo dos artigos considerados «supérfluos ou de luxo» taxas que vão de 10 a 20 por cento, a serem suportadas pelo publico, constitui, quanto a nós, um aumento do custo de vida determinado pelo Estado.

O Conselho, reunido, delibera:

1.º — Expressar o seu profundo sentimento de desgosto pela contradição existente entre o disposto nas normas legais enunciadas no primeiro considerando e a atitude tomada por alguns sectores governamentais responsáveis, ao publicarem importantes diplomas que vão afectar um vasto elemento económico da vida nacional sem que sejam precedidos da indispensável e lógica audiência da respectiva Corporação.

2.º — Solicitar a Sua Excelência o Presidente do Conselho que sejam imediatamente suspensos os efeitos do decreto-lei n.º 44 235 e que esta Corporação seja ouvida e possa propor as soluções destinadas a tornar exequível o referido diploma.

3.º — Que, corporativamente, seja determinado aos vários departamentos governamentais que de futuro consultem e considerem os pareceres da Corporação do Comércio, quando estudarem a legislação que afecte o seu sector, a qual lhes prestará a mais leal, digna e escrupulosa colaboração, para prestígio do Portugal Corporativo.

Aprovada a moção, o conselho apreciou o relatório e contas da direcção, tendo-o aprovado por unanimidade. Alguns membros do conselho salientaram a clareza deste documento e o espírito de sacrifício e dedicação que nele se revela, pelo que felicitaram o presidente e os seus mais directos colaboradores.

Finalmente, procedeu-se á eleição para os cargos vagos na direcção, tendo sido eleitos vogais os srs. dr. Sena da Silva e Afonso de Oliveira Rego. Estes dois dirigentes corporativos representam na Corporação, respectivamente o Grémio dos Armazenistas de Mercearia e a Federação Regional do Norte dos Sindicatos dos Caixeiros.

As visitas dos amigos do «Diário de Lisboa» — Juvenil

(Continuação da página central)

terra não teve nada de retórica. Foi, pelo contrário, uma devoção sempre viva, sempre em acção, sempre a manifestar-se em obras que o tempo não mais apagará: «A épica portuguesa no século XVI», «O dever de intelectuais», «O espírito histórico», «A luta pela expressão», «A história da literatura» e algumas dezenas de obras valiosas, são a clara afirmação de um alto espírito, totalmente entregue á tarefa de compreender e interpretar a problemática da cultura, nos multiplos aspectos da sua actualidade e das suas raízes.

Fidelino de Figueiredo vai sentir bem, no calor das mãos juvenis, o calor de toda uma pátria e do melhor que tem uma pátria: o seu futuro.

Os amigos do «Juvenil» devem comparecer, no próximo sábado, pelas 16 horas, na residência do ilustre escritor: Rua Duarte Lobo, 32 (Bairro de Alvalade).

Em Moscavide o «Diario de Lisboa» encontra-se á venda na Tabacaria Augusto da Silva Carvalho, Av. de Moscavide, 26.

O PARECER sobre as contas da Junta do Crédito Público em 1960

O «Diário das Sessões» publicou o parecer da Comissão de Contas Publicas da Assembleia Nacional acerca das contas da Junta do Crédito Publico referentes ao ano de 1960, de que foi relator o deputado Joaquim de Jesus Santos e que submete á apreciação daquela Camara, como base de resolução, o seguinte: «Durante a gerência de 1960 a política do Governo em relação á dívida publica respeitou os preceitos constitucionais, continuando a revelar um critério administrativo que prestigia o crédito do Estado e se harmoniza inteiramente com a satisfação dos superiores interesses da Nação, pelo que merece a aprovação da Assembleia Nacional».

Reuniões científicas

Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria

Reune-se hoje, ás 22 horas, na sua sede — salão nobre do Hospital Miguel Bombarda — a Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria, com a seguinte ordem de trabalhos: criação de prémios da Sociedade; criação de uma Sociedade de Psiquiátrica Luso-Espanhola, em colaboração com os psiquiatras latino-americanos; comunicação dos drs. Lopes da Silva e L. Geraldes, intitulada: «Ensaio do «Diazepan» pelo método do duplo controle cego e análise sequencial»; e projecção de dois filmes sobre esquizofrenia e arte psico-patológica, comentados pelo dr. Orlando Silva Santos.

O incêndio em Cabo Ruivo

(Continuação da página central)

rador na Quinta do Alto, ao Pote de Agua, que há 17 anos exerce a sua actividade profissional na Sacor.

De capacete de metal na cabeça, ainda lívidos e confusos ao serem interrogados pela reportagem do «Diário de Lisboa», responderam nervosamente:

— Salvámo-nos por milagre. Saímos pela primeira porte que encontrámos. Tivemos muita sorte!

Dois ministros no local do sinistro

A notícia do incêndio correu célere pela cidade e chegou ao conhecimento do Governo.

Em Cabo Ruivo, compareceram os srs. ministros da Economia e das Corporações e Previdência Social, respectivamente professores Ferreira Dias e Gonçalves Proença, assim como o presidente da Camara Municipal de Lisboa, general França Borges, que se inteiraram da extensão do sinistro.

Foram ali recebidos pelo administrador daquela importante empresa engenheiro Duarte Freitas do Amaral, por outros engenheiros e ainda pelos directores-gerais, directores e chefes de serviços.

Os prejuízos são muito elevados

Como é de calcular os prejuizos são muito elevados, pois ardeu ainda grande quantidade de combustível, especialmente gasolina que estava a ser transferida do depósito K. 13, para o S. 5.

Os trabalhos dos bombeiros foram dirigidos superiormente pelo seu comandante, coronel Ribeiro Viana, coadjuvado pelo major Rogério Cansado, que orientaram os 200 sapadores.

Estes trabalharam com denodo, a fim de evitar que o fogo alastrasse a sectores próximos.

A causa do incêndio

Um inquérito dos técnicos da Sacor determinará mais tarde o valor total dos prejuizos e definirá, com exactidão os motivos do sinistro.

A versão de um técnico daquela empresa é de que o rebentamento de um tubo de gasolina, cujos jactos atingiram superfícies metálicas quentes, é que provocou a inflamação do combustível.

Há sómente a registar a intoxicação de reduzido numero de operários que colaboraram na extinção do fogo.

Ao princípio da tarde os bombeiros ainda se mantinham em Cabo Ruivo, procedendo a trabalhos de rescaldo.

Os prejuizos não devem ultrapassar os 300 mil escudos.

Diário da Outra Banda

SETE CADASTRADOS FORAM OUVIDOS SOBRE O CRIME DO ALFEITE

Como então noticiámos, na madrugada de terça-feira passada, na Mata do Alfeite, em Almada, um vulto que logrou esconder-se nas sombras, atingiu com várias navalhadas o chefe de cantoneiros António João Miguel Ortiz, o qual, conduzido ao Hospital de S. José ali veio a falecer horas depois.

O infeliz, na ocasião do ataque, atravessava determinada zona da mata com uma porta ás costas, e era acompanhado por sua mulher, Cristina Ortiz, que, aos gritos alarmou o pessoal do recinto, chamando-o para obstar ao assassinato.

A G. N. R. de Almada, do comando do 2.º sargento João Alves, que tomou conta da trágica ocorrência, averiguou desde logo que a mesma se verificou ás três horas da madrugada — hora que já não era de serviço de cantonagem. Sete cadastrados de turva moral foram já chamados para declarações, mantendo-se, no entanto, o enigma do crime.

Cristina Ortiz, interrogada, declarou:

— Meu marido não tinha qualquer questão pessoal com ninguém.

O crime foi praticado com uma machada de carpinteiro e uma navalha de barbear: a primeira decepou um braço á vítima e a segundo cortou-lhe as carótidas.

Cinemas

ALMADA — *Incrível Almadense* — Ás 21 e 15: «O prisioneiro da cadeira electrica» (12 anos). — *Academia* — Ás 21 e 15: «A ponte para o Sol» (12 anos).

BARREIRO — *Teatro-Cine* — Ás 21: «Crime em Havana» e «O mundo dos milagres» (17 anos).

AMORA — *Cine-Teatro* — Ás 20 e 45: «Emboscada fatal» e «Costello e a mulher gigante» (12 anos).

COVA DA PIEDADE — *Clube Recreativo* — Ás 21 e 15: «O passado não perdoa» (12 anos).

SETUBAL — *Luísa Todi* — Ás 21: «Apartamento de solteiro» e «A flecha quebrada» (17 anos). — *Salão* — Ás 16 e ás 21: «Gorgo» e «Os mistérios do Himalaia» (12 anos).

Farmácias de servico

ALCOCHETE — *Gameiro* — L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 034100).

ALMADA — *Central* — R. de Olivença, 11-B (Tel. 070504).

BARREIRO — *Pimenta* — Rua Conselheiro Joaquim Aguiar, 285 (Tel. 023012).

COVA DA PIEDADE — *Castro Rodrigues* — P. 5 de Outubro, 62 (Tel. 070121).

MOITA — *Silva Rocha* — Praça da Republica, 16 (Tel. 039029).

MONTIJO — *Higiene* — R. José Joaquim Marques, 142 (Tel. 030370).

SESIMBRA — *Leão* — Avenida Salazar (Tel. 029025).

SETUBAL — *Normal do Sul* — Praça do Bocage, 137 (Tel. 22216).

CAÍU À RUA da janela da residência

O telegrafista sr. Laurindo Tavares Pinto, de 40 anos, morador na Rua Maria Pia, 360, 2.º, dt.º, caiu da janela da sua residência á rua. Transportado ao Hospital de S. José ficou ali internado em estado grave, sem fala e com escoriações várias pelo corpo.

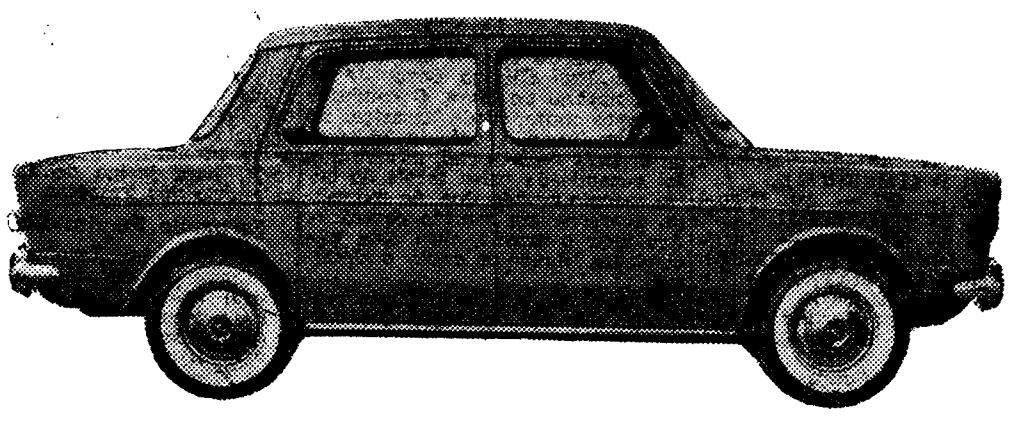
simca 1000 É ELEGANTE

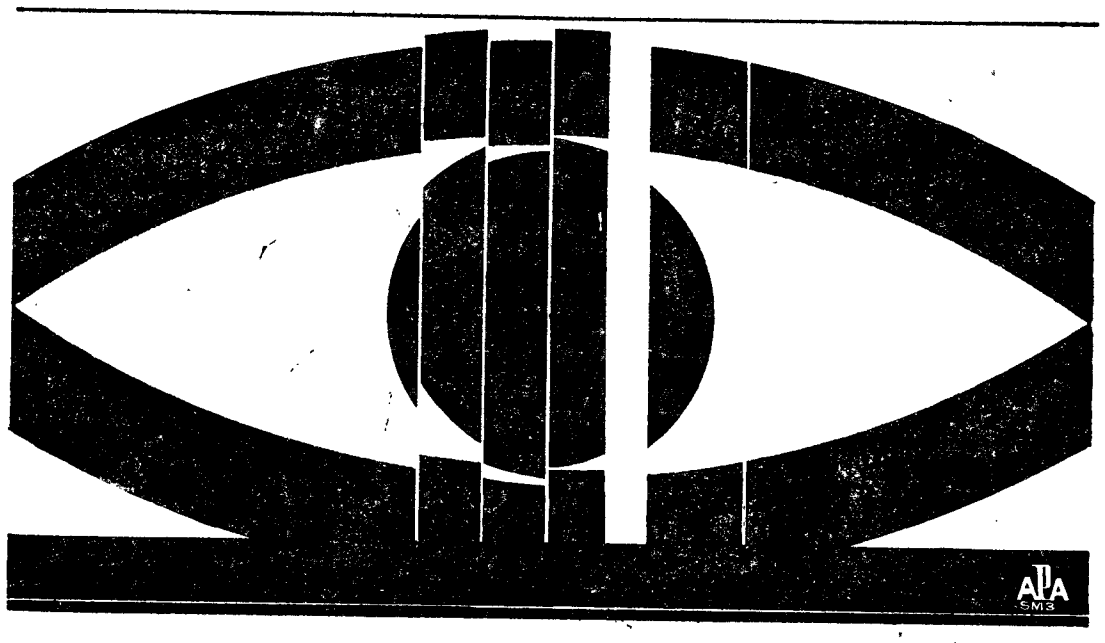
espaçoso e dinâmico

As formas intencionalmente rectangulares da sua carroçaria, oferecem o máximo espaço num volume mínimo. Assim, na cidade a circulação no tráfego quotidiano e respectivas manobras não são um problema para o SIMCA 1.000. Na estrada, a sua direcção obediente, o arranque pronto e a estabilidade, fazem do SIMCA 1.000 o carro que não se dispensa para uma viagem confortável.

Faça hoje mesmo uma experiência sem compromisso, conduza-o e certifique-se das suas altas qualidades

Simca Portuguesa-Praça de Londres, 7-A-Lisboa





RECEBIDO
15 FEV. 1962
esp.

SP33I BIEL/BIENNE 76/68 I5 1803 = A PORTUCALE
ELT = OMEGARCIA LISBONNE = 969
RESULTATS SENSATIONNELS AU CONCOURS OBSERVATOIRE DE GENEVE I96I
DEMONTRENT UNE FOIS DE PLUS LA PRECISION EXCEPTIONNELLE DES
CHRONOMETRES-BRACELET OMEGA STOP NOUVEAU RECORD DE PRECISION DANS
CATEGORIE PIECE-BRACELET ISOLEE STOP NOUVEAU RECORD DE PRECISION
DANS CATEGORIE SERIE DES CINQ MEILLEURS CHRONOMETRES-BRACELET
STOP AU CLASSEMENT GENERAL OMEGA OBTIENT LES QUATRE PREMIERES
PLACES CONSECUTIVES ET HUIT CHRONOMETRES-BRACELET CLASSES PARMI
LES DIX PREMIERS STOP INFORMATION DETAILLEE SUIT STOP OMEGA +

TRADUÇÃO:

Resultados sensacionais no concurso observatório de Genebra 1961 demonstram uma vez mais a precisão excepcional dos cronómetros de pulso OMEGA ponto Recorde de precisão na categoria peça de pulso isolada ponto Novo recorde de precisão na categoria série dos cinco melhores cronómetros de pulso ponto Na classificação geral OMEGA obtém os quatro primeiros lugares consecutivos e oito cronómetros de pulso classificados entre os dez primeiros ponto Informação pormenorizada segue ponto OMEGA

Linha de SINTRA

Cinemas

AMADORA — *Recreios Desportivos* — Ás 15 e ás 21 e 15: «O triunfo de Miguel Strogoff» (12 anos).

QUELUZ — *Queluz-Cine* — Ás 21 e 15: «Os ultimos dias de Pompeia» e «Milionário á vista» (17 anos).

MEM MARTINS — *Cine-Chaby* — Ás 21 e 30: «Inferno para a eternidade» (17 anos).

SINTRA — *Cine-Teatro* — Ás 21 e 30: «Caminho de gigantes» (12 anos).

ODIVELAS — *Cine-Teatro* — Ás 21 e 30: «O filho do Corsário Vermelho» (12 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — *Campos* — Rua Elias Garcia, 185 (Tel. 930072). — *Clabel* — Rua António Sardinha, lote 5, loja B (Tel. 931551).

QUELUZ — *Gil* — Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117).

SINTRA — *Marrazes* — Largo Rainha D. Amélia, 20 (Tel. 980155).

S. PEDRO DE SINTRA — *Valentim* — (Tel. 980456).

BURACA — *Vaz Martins* — Rua António Ferro, M. A. D. (Tel. 931690).

DAMAIA — *Confiança* — Estrada Militar, lote D (Tel. 934023).

ABASTECIMENTO DE ÁGUA A LOCALIDADES DE ALBERGARIA-A-VELHA

ALBERGARIA-A-VELHA, 22 — Sob a presidência do sr. dr. José Homem de Albuquerque Ferreira, vice-presidente em exercício, a Camara Municipal deliberou o seguinte: conceder um subsídio anual de 1500$00 á Junta Distrital, com destino á Casa da Criança; fornecer diverso mobiliário para a Secção de Finanças e Tribunal Judicial; tomar conhecimento de que foi concedida a comparticipação de 34 517$ destinada ao anteprojecto e levantamento topográfico da obra de abastecimento de água a Angeja, Fontão e Frossos; aceitar e agradecer um primeiro donativo de 12 200$00 feito por uma comissão de habitantes de Casaldelo e destinado á reparação do caminho de acesso a este lugar; e assumir a responsabilidade pelo internamento hospitalar de doentes pobres em hospitais estranhos ao de Albergaria-a-Velha.

Pereceu afogado um proprietário de Évora?

EVORA, 22. — Desapareceu na terça-feira, de manhã, o proprietário Manuel Ramalho de Sousa, de 40 anos, casado, natural de Aldeias de Montoito e residente no Monte Novo, ao Bairro da Comenda, em Evora.

A ultima vez que o viram foi ás 22 horas daquele dia, em direcção a sua casa. Como tinha de atravessar um pontão sobre a ribeira Xarrama, que, na altura, levava grande cheia. Teme-se que tenha caído á água e perecido afogado.

AS PROVAS para investigador na Estação Agronómica Nacional

Na Estação Agronómica Nacional, em Sacavém, prosseguiu esta manhã a apreciação dos «curriculum vitae» dos concorrentes para preenchimento de uma vaga de investigador do Grupo de Serviço de Solos.

Os três concorrentes são os estagiários engs. António Antunes da Silva, António José da Silva Teixeira e José Vicente de Jesus Carvalho Cardoso.

Provávelmente, só no começo da próxima semana é que a opinião do juri será conhecida.

MAU TEMPO EM SANTARÉM

SANTARÉM, 22. — Voltou o mau tempo, com chuvas por vezes torrenciais. O Alviela tomou grande volume, provocando inundações e corte da estrada no sítio do Reguengo.

Ajudante de motorista morto num desastre próximo de Aljustrel

ALJUSTREL, 22 — Esta madrugada, na estrada para esta vila, uma camioneta embateu noutra, que estava parada e cujos motorista e ajudante tentavam arrumar melhor a carga e apertavam as cordas que a envolviam. Cairam as duas por uma ribanceira. Os carros ficaram destruidos e morreu imediatamente o ajudante do veículo que circulava, sr. José Ribeiro Sapo, de 31 anos, natural de Mora. O condutor do carro causador do desastre, sr. Joaquim Tomé André, de 25 anos, de S. Brás de Alportel, afirma que foi encandeado pelos farois de outro veículo pesado que, no momento, apareceu em sentido contrário. Accionou o travão, mas este não obedeceu, dando-se então o desastre.

O corpo do infeliz ajudante está ainda sob os destroços dos dois carros, cujos motores terão de ser desmontados para se poder retirar o cadáver.

O motorista Joaquim André e o outro ajudante sofreram ferimentos leves. A G. N. R. tomou conta da ocorrência.

Novos salva-vidas para o Instituto de Socorros a Náufragos

Nos estaleiros do Instituto de Socorros a Náufragos, em Paço de Arcos, foram esta tarde lançados á água dois salva-vidas — o «Comandante Couceiro» e «Patrão Rabumba».

Ao acto assistiram o ministro da Marinha, almirante Quintanilha Mendonça Dias; director-geral de Marinha, presidente da Camara Municipal de Oeiras, capitão do porto de Lisboa e director, inspector e chefes de repartição do Instituto de Socorros a Náufragos.

GOVERNADOR CIVIL DE BRAGANÇA

BRAGANÇA, 22 — Regressou a esta cidade o sr. dr. Horácio António Gouveia, chefe do distrito, que se deslocara a Lisboa para, junto dos ministérios, tratar da resolução dos mais variados problemas brigantinos.

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Eng. José António Guerreiro de Sousa

Na sua residência, Avenida Infante Santo, 370, 1.º, esquerdo, faleceu o sr. José António Guerreiro de Sousa, engenheiro-mecanico, de 67 anos, natural de Lisboa.

O extinto era chefe de secção do Secretariado Nacional da Informação, casado com a sr.ª D. Julia Le-Cocq da Costa e Silva Guerreiro de Sousa. O funeral, a cargo da agência Barata, realiza-se amanhã, pelas 12 horas, da basílica da Estrela, para jazigo de família, no cemitério dos Prazeres.

Fernando Pereira Sá Couto

Faleceu o sr. Fernando Pereira Sá Couto, de 69 anos, natural de Maxial (Torres Vedras), profissional de seguros, casado com a sr.ª D. Alice Barreto Sá Couto, pai das sr.as D. Raquel Barreto Pereira Sá Couto Lomba e D. Maria Lídia Barreto Sá Couto Costa França e do sr. Luís Barreto Pereira Sá Couto, irmão do sr. João Pereira Sá Couto. O funeral, a cargo da Agência Salgado, realiza-se amanhã, pelas 10 horas, da igreja de São João de Deus, para o cemitério do Lumiar.

SUFRAGIOS

Pepe Rueda

É na igreja da Conceição, da Rua da Alfandega, que no próximo sábado, 24, ás 12 horas, se reza missa mandada celebrar por Fernando Camacho no 1.º aniversário da morte de D. José Rueda Claro, Pepe Rueda no mundo tauromáquico.

[redacted]

Engenheiro

José António Guerreiro de Sousa

CONFORTADO COM TODOS OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

FALECEU

Julia Le-Cocq da Costa e Silva Guerreiro de Sousa, Fernando de Sousa e sua mulher, Teresa Maria Le-Cocq da Costa e Silva Guerreiro de Sousa, José Fernando de Sousa, sua mulher e filho, António José Guerreiro de Sousa, Maria Salomé Le-Cocq Guerreiro de Sousa Soares Franco, seu marido e filho, Maria Amélia de Sousa Xavier Cordeiro, Maria José Guerreiro de Sousa, Luís Fernando de Sousa e sua mulher e mais família, participam que foi Deus Servido Chamar á Sua Divina Presença o seu muito querido marido, pai, sogro, avô, irmão, cunhado e parente e que o funeral se realiza, amanhã, ás 12 horas, da Basílica da Estrela, para jazigo de família, no cemitério dos Prazeres.

AGÊNCIA BARATA

[redacted]

[redacted]

FERNANDO PEREIRA SÁ COUTO

FALECEU

Alice Barreto Sá Couto, Luís Barreto Pereira Sá Couto, sua mulher e filhos, Raquel Barreto Pereira Sá Couto Lomba, seu marido e filho, Maria Lidia Barreto Sá Couto Costa França e seu marido, João Pereira Sá Couto, sua mulher e mais família participam o falecimento do seu muito querido e extremoso marido, pai, irmão, sogro, avô, cunhado, tio e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas, da Igreja de São João de Deus para o cemitério do Lumiar.

AGÊNCIA SALGADO

Os problemas do crescimento económico nacional

(Continuação da 11.ª página)

mostra-se, presentemente, deficitária, tendo no ultimo ano determinado sensível contracção das reservas cambiais. O equilíbrio dos pagamentos exteriores metropolitanos corresponde, pois, a uma necessidade de interesse vital para o País. Dada a dificulade de compressão das importações, em face dos compromissos internacionais e das próprias exigências do progresso nacional, a solução tem de consistir essencialmente no fomento das exportações.

Acréscimo do produto nacional

— O outro objectivo do planeamento económico, segundo os documentos oficiais, é o acréscimo do produto nacional...

— Exactamente. Esse objectivo engloba de algum modo os restantes. O progresso dos padrões de existência mede-se hoje comummente pela capitação do produto nacional. A clasificação dos países em evoluídos, em via de desenvolvimento e subdesenvolvidos assenta também, fundamentalmente, nessa base. Ora, sob este aspecto e sem embargo das melhorias alcançadas, há ainda um largo caminho a percorrer. Situados embora em lugar intermédio, quando se considera o País á escala mundial, a nossa posição torna-se menos favorável, quando confrontada com os países progressivos. Cumpre, pois, acelerar o esforço de expansão, em ordem a caminhar-se, á mais rápida cadência, para a situação a que temos direito e que cumpre conquistar.

Disponibilidades para o investimento e reprodutividade dos capitais

— Mas, a obra que se impõe neste capítulo cabe nas possibilidades nacionais? Dispomos de capitais suficientes?

— A formação bruta do capital fixo em Portugal situa-se bastante abaixo das necessidades do investimento. A sua percentagem, no produto global, em pouco excedia normalmente 14 por cento, embora tenha ultimamente melhorado de maneira apreciável. Nos outros países europeus — e considerando sòmente os de maior desenvolvimento — essa percentagem varia entre 17 por cento na Bélgica e 23 por cento na Alemanha. Nos Estados Unidos e no Canadá esses valores são de 18 e 25 por cento, respectivamente. A nossa posição nesse aspecto é, pois, de marcada inferioridade. Por outro lado, a produtividade do capital não é também a mais conveniente, carecendo de ser elevada através da modificação do tipo e estrutura dos investimentos. Os coeficientes sectoriais mostram que a relação capital-produto, isto é, o numero de unidades de capital necessário para aumentar uma unidade de produto nacional, oscila entre valores muito afastados. O grau mais reduzido de reprodutividade localiza-se no sector da habitação, situando-se os valores médios nos transportes e as inversões mais rendosas na industria transformadora. Pode, assim, concluir-se que a obra de fomento, para corresponder adequadamente á sua finalidade, pressupõe entre nós um circuito mais activo de formação de capitais e uma orientação dos investimentos para as aplicações mais produtivas.

— E' essa a política orientadora do Plano do Fomento?

— Manifestamente. No programa elaborado prevê-se um acréscimo considerável do investimento interno bruto, em valores absolutos e relativos. Procura-se também obter a elevação do grau de produtividade do capital nacional através de um programa adequado de política económica. Além disso recorre-se ao crédito externo, como forma de reforçar os meios internos de financiamento e de permitir uma expansão de maior celeridade. A solvabilidade do País, a sua sólida posição de divisas e as transferências de capitais consentidas pelo regime cambial constituem factores favoráveis aos investimentos ou empréstimos externos. E', porém, indispensável que se mantenha a atmosfera de ordem, o clima de estabilidade e de trabalho, sem os quais os capitais se retraem e a confiança desaparece. A situação que neste aspecto alcançámos tem de representar conquista irreversível, património que não pode delapidar-se.

Política de investimentos

— Mas, qual deve ser concretamente a política de investimentos para se alcançar a máxima utilidade nacional?

— A experiência mostra — e os estudos estatísticos confirmam — que no sector agrícola é possível obter amplos acréscimos de rendimento com valores de investimento, relativamente reduzidos. Nalguns países, a relação capital-produto na agricultura atinge quantitativos óptimos, traduzidos na obtenção de níveis anuais de rendimento superiores aos valores investidos. Este facto não pode deixar de ser considerado em todos os esquemas de planificação — e foi-o de maneira especial no II Plano de Fomento.

— Por outro lado...

— A industrialização constitui, como anteriormente se acentuou, o rumo para que tem de orientar-se a evolução económica portuguesa a fim de poderem obter-se mais elevados níveis de vida, de produção e de emprego. E neste aspecto impõe-se a conclusão da rede de industrias-base de que há a esperar salutares incidências no progresso fabril, na diversificação das actividades, na segurança dos abastecimentos essenciais e na economia das divisas. Mas a instalação de novas industrias transformadoras e a reconversão das existentes, representa tarefa igualmente instante. Tanto mais que a produtividade do capital e os níveis de emprego neste sector atingem quantitativos excepcionalmente favoráveis, abrindo vastos horizontes ao espírito de empreendimento e ás iniciativas criadoras.

Os investimentos na construção civil; o problema da habitação e a obra de infra-estruturas.

— Mas, na lógica dos princípios anteriormente expostos de orientação preponderante dos investimentos para os sectores produtivos, parece que deve ser revista a política de habitação e de construção?

— Evidentemente. A construção absorve em cerca de 20 por cento a capacidade de investimento global. Por outro lado, e sem embargo dos seus uteis efeitos imediatos no volume de emprego e no nível de laboração de outras actividades, as aplicações na construção são das menos reprodutivas. Acresce que as realizações nesse sector tendem para uma excessiva concentração em Lisboa e Porto e carecem do sentido social que deveria impregná-las. O problema da habitação, sobretudo na capital, reveste-se de características graves, pois as rendas de casa excedem frequentemente o nível dos proventos médios. A actual situação não parece poder manter-se e reclama urgente revisão, a fim de se evitar um estado de coisas desvantajoso, em face da reduzida produtividade dos investimentos e da sua discutível utilidade social. Esta orientação não deve, porém, excluir a solução do problema da habitação para os funcionários civis e militares e para as classes económicamente débeis, nos moldes que já foram definidos e que correspondem a um indeclinável dever de justiça social. A obra em curso neste domínio atinge já considerámel dimensão.

— Relativamente ás infra-estruturas parece que se impõem também algumas correcções de orientação...

— O desenvolvimento económico exige uma coordenação estreita entre todos os sectores, incluindo os de base, sob pena de se criarem gargantas de estrangulamento ou de se poder impedir uma expansão harmónica. Cumpre, de resto, ter em conta que algumas das infra-estruturas não têm apenas utilidade económica, servindo outros valores, igualmente relevantes. Deve, no entanto, reconhecer-se que os investimentos previstos no II Plano, nos sectores básicos da electricidade, transportes e comunicações, pesam ainda demasiado no total. Tais investimentos, porém, dificilmente poderiam ser comprimidos, sobretudo no sector da energia, onde os programas elaborados correspondem á evolução dos consumos e ao presumível desenvolvimento das utilizações eléctricas na agricultura e na industria. Por outro lado, se o seu volume avulta quando se consideram os investimentos dentro da estrutura do Plano, o seu quantitativo diminui em relação ao investimento global, representando apenas cerca de 16 por cento da respectiva totalidade. Existe, pois, larga margem para, através da política de crédito e do jogo dos estimulantes económicos, se poder orientar a fracção mais quantiosa dos recursos de capital para as aplicações mais directamente reprodutivas.

Fomento e nível de vida

— Mas uma política racional de expansão económica envolve necessàriamente sacrifícios do consumo e do teor geral de vida...

— Dos consumos sumptuários, sem duvida. A sua limitação torna-se indispensável, para evitar desperdícios que o interesse geral não consente e pressões sobre a balança de comércio, que começa a ser forçoso suprimir. Relativamente aos consumos essenciais a posição tem todavia de ser diferente. A sua compressão representaria redução dos níveis de existência, com inconvenientes efeitos no bem-estar da população e na dimensão de um mercado, cuja exiguidade constitui um dos elementos frenadores da expansão. A' medida, aliás, que sobem os rendimentos individuais, ascende igualmente a propensão para poupar. E alargam-se, assim, as disponibilidades para o investimento. Os fenómenos de indução resultantes do acréscimo dos consumos constituem também circunstancias a ter presentes. Acresce que é possível, como o relatório do Plano e o parecer da Camara Corporativa expressivamente patenteiam, intensificar o ritmo de acumulação de capital e aumentar simultaneamente, em termos absolutos, o volume do consumo, globalmente e *per capita*. Esta é uma das consequências, e não das mais despiciendas, do processo de crescimento económico.

— Dentro dessa orientação, porém, o ritmo da obra de fomento tem de ser mais moroso...

— Incontestávelmente. O progresso não pode, porém, dentro da nossa escala de valores, assentar indefinidamente na renuncia e no sofrimento. O presente não deve ser integralmente imolado ao futuro. Torna-se indispensável distribuir, em obediência a critérios justos, o peso dos sacrifícios. De resto, a expansão económica não é apenas função dos investimentos. Estes são «um dos elementos do Plano, mas não se identificam com ele». A reorganização da estrutura económica, a mais intensa utilização do capital fixo existente, a melhor organização da produção, o aperfeiçoamento da técnica e a formação profissional contam também, de modo decisivo, entre os factores do desenvolvimento.

A repartição da riqueza e a sua concentração

— E o problema da repartição?

— Esse problema pressupõe a resolução do problema da produção. A criação de riqueza deve lógicamente preceder a repartição, pois sòmente se distribui o que se produz. Certo é, no entanto, que o crescimento económico não preenche a sua finalidade se os respectivos benefícios se não alargarem, de acordo com os imperativos da equidade, ás mais vastas camadas populacionais. Sem justiça social não há paz publica nem progresso verdadeiro. Ora, a justiça nem sempre resulta dos automatismos económicos, exigindo a acção correctora do Estado. Essa é, de resto, uma das suas funções de maior relevancia.

— Fala-se hoje muito em concentração da riqueza e em abusos de poder económico...

— A concentração é um fenómeno inelutável nas economias em expansão. Pequenas empresas, pequenos espaços, dispersão da produção, começam a representar, de um modo geral, realidades ultrapassadas. Vive-se actualmente sob o signo das grandes dimensões. O drama da Europa é precisamente o da exiguidade do seu mercado e o da impossibilidade de recorrer, em maior escala, ás vastas produções de massa. A eficiência e a produtividade são os grandes critérios orientadores das estruturas económicas modernas. Mas, precisamente porque assim é, a vigilancia do Estado tem de ser mais severa e a sua acção mais eficaz para corrigir as distorções ou iniquidades resultantes do normal funcionamento do sistema económico e social.

— Mais quais os processos? — perguntamos.

O dr. Ulisses Cortês responde com decisão:

— Facilitando o acesso dos trabalhadores á propriedade; promovendo a sua participação no capital das empresas; ampliando os contratos colectivos de trabalho para assegurar, de harmonia com os nossos diplomas básicos, os maiores salários e os menores custos; revendo os esquemas da Previdência conforme as possibilidades; e redistribuindo, em grau adequado e através do Orçamento, o produto nacional. Neste ultimo aspecto, a Lei de Meios para 1962 dá um passo corajoso em direcção a esse objectivo e a anunciada Reforma Tributária não desiludirá, seguramente, as esperanças nela depositadas.

Expansão económica e taxas internacionais de crescimento

— O que interessa, com efeito, é distribuir a prosperidade...

— É esse, na verdade, o grande problema. Na base do bem-estar social está o fomento da produção. Ora, neste aspecto, o esforço planeado para o sexénio de 1959-1964 permitirá, pela sua amplitude, resultados consideráveis e um ritmo célere de desenvolvimento. O objectivo é o de alcançar um aumento anual médio do produto nacional de 4,2%, correspondente á sua duplicação em 17 anos. A grandeza desta finalidade — que aliás constitui um mínimo a atingir — poderá ser apreciada se se tiver em conta que, segundo as publicações internacionais, um país se desenvolve rápidamente quando dobra o seu rendimento real em 25 anos, correspondendo a uma taxa anual de crescimento de 3%. Vê-se, pois, que a obra de expansão económica programada no nosso País excede os coeficientes mundiais e permitirá, não só acompanhar o crescimento dos países desenvolvidos, mas ainvel, o atraso do País.

— No entanto as análises, a curto prazo, das taxas de crescimento, sobretudo na Europa, parecem não conduzir a conclusões tão optimistas...

— Esse tipo de prospecções, mesmo quando realizado com probidade e espírito científico, incide sobre breves períodos de tempo e não permite, por isso, tirar ilações seguras. Os seus resultados não podem ser objecto de extrapolação e erigidos á categoria de verdades definitivas. O problema tem de ser colocado em mais vasta perspectiva. Não interessam os surtos de progresso determinados por circunstancias efémeras ou episódicas; só a expansão regular e durável influi na vida e destino das nações.

— É preciso, porém, não confundir planos com realizações efectivas...

— A distinção impõe-se quando os planos são concebidos com ligeireza ou insuficientemente estudados. Se, porém, os programas assentam numa averiguação exacta das possibilidades, se os critérios adoptados se confinam em limites realistas e se os governos praticam uma sã ética política, há todas as possibilidades de que entre a concepção e a execução se verifique uma perfeita coincidência. É o que sucede entre nós. A moderação das estimativas do I Plano permitiu que os investimentos, efectivamente realizados, excedessem largamente os programas iniciais, e pode esperar-se que com o II Plano o mesmo se verifique. Atente-se na prudência que presidiu aos cálculos dos meios financeiros e não se esqueça igualmente que na base das estimativas referentes ao crescimento do produto nacional se encontra um coeficiente de produtividade do capital computado em base péssimista e, portanto, susceptível de ser melhorado.

— O esforço previsto é, na verdade, considerável...

— Sim. Desde a investigação científica, ao ensino técnico, ao aumento da produção e da produtividade agrícola, á reorganização agrária, á expansão da produção de energia, á criação de novas industrias e reconversão das existentes, aos transportes, obras publicas e comunicações, á valorização económica do Ultramar, previu-se em todos os sectores um intenso esforço de desenvolvimento e de progresso.

A possibilidade de execução dos planos estabelecidos

— Mas o actual agravamento das despesas militares e de defesa da Nação não terá incidências prejudiciais na acção planeada?

— Não pode negar-se o oneroso esforço a que o País é constrangido, nas presentes circunstancias, para manter a integridade nacional. Todavia, salvo factores imprevisíveis, o aumento dos encargos militares corresponde a fracção não relevante do rendimento nacional e poderá ser reabsorvido pelos seus acréscimos anuais. Os sacrifícios a suportar foram, aliás, doseados por modo a preferirem-se as formas tributárias menos repercutíveis e a não serem afectadas as fontes originárias de formação do capital. De resto, se se moderar a elevação do nível do consumo, sobretudo em bens dispensáveis, e se recorrer em escala adequada ao crédito externo, os programas de desenvolvimento podem manter-se sem necessidade de redução. O orçamento para 1962 e a lucida política nele delineada constituem um meritório esforço nesse sentido. Cumpre, no entanto, ter presente que o País, apesar dos problemas que o afligem, continua a viver acima dos seus meios. Não se esqueça que em 1961 a procura interna excedeu em escala manifestamente excessiva o produto nacional. O desequilibrio dos pagamentos exteriores e os seus efeitos no sector da moeda e do crédito reclamam também atenção vigilante e adequada actuação.

Planeamento regional

— Fala-se também muito em planeamento regional?

— Um dos objectivos da obra de crescimento económico é, com efeito, o de atenuar as disparidades do progresso técnico entre as diversas regiões do País e de garantir a todas elas um desenvolvimento proporcionado e equitativo. Os programas de trabalhos publicos, a desconcentração dos serviços oficiais, a difusão dos estabelecimentos de ensino, a reorganização agrária, a colonização interna, os planos de arborização e tantas outras medidas de sentido semelhante podem contribuir de maneira eficaz para a obtenção dessa finalidade. Mas a localização de novas industrias é susceptível de ter, neste aspecto, uma influência decisiva. Sempre que possível cumpre, na verdade, contrariar a tendência para a aglomeração industrial junto dos grandes centros urbanos e praticar os princípios de uma conveniente descentralização fabril. O II Plano de Fomento considera devidamente esse aspecto do problema e os seus critérios informadores podem concorrer para a justa ascensão económica das regiões menos favorecidas.

O mercado comum

Não quisemos fechar esta parte da entrevista sem abordar, ao menos ao de leve, o problema da unificação da Europa, que decerto esteve presente na elaboração do planeamento e o nosso interlocutor disse-nos:

— A integração económica europeia deixou de ser uma concepção de ideólogos para corresponder a um facto inscrito nas realidades. O Tratado de Roma entrou em vigor em 1958 e a desmobilização aduaneira nele estabelecida está a fazer-se á cadência prevista e, por vezes, com aceleração. O numero de nações associadas tende também a alargar-se. Comprova-o a atitude de vários países, entre eles a Inglaterra e ultimamente a própria Espanha. A mística de unificação do Ocidente Europeu e da liberdade de circulação de pessoas, mercadorias e capitais, quaisquer que sejam os perigos que comporte e as reservas que suscite, aliciou os espíritos e ganhou a adesão dos próprios governos. As políticas de isolamento e de autarcia parecem ter feito o seu tempo, dando lugar á especialização regional e á constituição de vastos mercados homogéneos.

— Mas, qual a posição a tomar por Portugal?

— O nosso País constitui geográfica, política e espiritualmente parte integrante da comunidade europeia e encontra-se ligado a ela por estreitas relações comerciais. A Europa Ocidental é o seu grande mercado fornecedor e comprador. O nosso alheamento em relação a esta área económica representa, assim, hipótese impensável.

Perguntamos ao dr. Ulisses Cortês se entende, portanto, que se justifica a política do Governo, em relação a esse problema e o nosso entrevistado apressou-se a responder:

— A adesão de Portugal á Convenção de Estocolmo, que criou a Associação Europeia de Comércio Livre, constituiu, com efeito, resolução que não podia preterir-se, tanto mais que as soluções adoptadas foram, de um modo geral, satisfatórias e ressalvaram os interesses essenciais do País. A associação ao Mercado Comum, constituirá, sem duvida, novo passo no sentido de uma evolução inelutável e em que teremos necessàriamente de inserir-nos. Quaisquer que sejam, pois as nossas apreensões, só resta que nos preparemos para enfrentar o novo clima económico europeu com a clara consciência das responsabilidades assumidas e das pesadas tarefas que se torna indispensável executar.

A SEGUIR: «O progresso não pode ser usufruto de empresas ou minorias privilegiadas» — disse o dr. Ulisses Cortês, ao abordar os problemas da energia eléctrica.

O apelo de Eichmann
começou a ser apreciado pelo Supremo Tribunal israelita

JERUSALÉM (Sector Israelita), 22. — O Supremo Tribunal israelita começou esta manhã a apreciar o apelo de Adolf Eichmann contra a sua condenação e sentença de morte por crimes contra o povo judaico.

Eichmann foi de novo conduzido para a sua cabina á prova de bala, onde já passou 410 horas durante as 121 sessões do seu julgamento, o ano passado.

Trazia o mesmo fato cinzento e a mesma gravata que usou durante o seu julgamento. Como habitualmente, tinha um maço de papéis debaixo do braço e sorriu brevemente para o seu advogado antes de se sentar entre os seus guardas.

Antes de começar os debates, Eichmann olhou longamente para as faces dos seus juizes, como a procurar perscrutar os seus pensamentos.

NÃO HÁ RECURSO POSSÍVEL CONTRA A DECISÃO DO TRIBUNAL

Cinco juízes do Supremo Tribunal ocuparam os seus lugares, por baixo do gigantesco emblema do Estado de Israel. Segundo a lei, já não há recurso possível contra a decisão deste tribunal. Se ela for desfavorável, o condenado só pode fazer um apelo á clemência do chefe do Estado.

Aberta a sessão, foi imediatamente concedida a palavra ao dr. Servatius, o advogado de Eichmann, que começou imediatamente a tratar das suas objecções quanto á competência dos tribunais israelitas para julgar o seu constituinte.

O dr. Servatius pediu ao tribunal que ouvisse o testemunho dos dois funcionários da companhia aérea «El Al» que trouxeram Eichmann da Argentina: Yehouda Shimony e o capitão Zvi Tohar.

O advogado insistiu em que o facto de Eichmann ter sido raptado tira autoridade ao tribunal para o julgar. «A lei que prevê a punição dos criminosos de guerra nazis não é válida para cidadãos estrangeiros».

UM APELO A O. N. U. É PREVISTO PELO ADVOGADO DE DEFESA

O dr. Servatius acrescentou que o rapto de Eichmann era «um acto de Estado», sendo o raptor o próprio Estado de Israel. Recordou a esse respeito que ainda não está resolvida a questão entre Israel e a Argentina e pediu que sobre o caso fossem ouvidos os ministros da Justiça dos dois países.

Segundo o dr. Servatius, só a Alemanha Ocidental poderia pedir a extradição de Eichmann. O advogado revelou que o Ministério dos Negócios Estrangeiros desse país se tinha, no entanto, recusado a intervir em favor de Eichmann, embora este tivesse feito esse pedido. «Apresentarei um recurso contra esta decisão do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Alemanha Ocidental, recurso que será apreciado por um tribunal alemão. Se o recurso não for atendido, o meu cliente apelará para as Nações Unidas, evocando o artigo 25 da Carta dos Direitos do Homem».

O dr. Servatius pediu ainda que o tribunal ouvisse o testemunho do dr. Hans Globke, conselheiro oficial do chanceler Adenauer. — (R.).

ANULADO O CASAMENTO
DA ESCRITORA NEGRA CAROLINA MARIA DE JESUS

SÃO PAULO, 22. — A escritora negra, Carolina Maria de Jesus, que se tornou célebre quando há dois anos escreveu o «Diário da minha miséria» perdeu aos 46 anos de idade as ilusões e o noivo. Este, um jovem professor chileno de Belas-Artes publicou na Imprensa de Santiago vários artigos sobre os seus «amores» com a escritora negra de São Paulo. O casamento fixado para o mês de Junho acaba, porém, de ser anulado.

«Vou voltar a ser uma velha negra pobre e sem ilusões» — declarou ontem Carolina. Depois de passar quarenta e quatro anos a alimentar-me dos restos que encontrava nos caixotes do lixo, o convívio com os letrados não me arrancou da lama» — afirmou ela antes de anunciar a sua decisão de retirar-se definitivamente do mundo das letras, não sem, entretanto, escrever um ultimo livro, intitulado «A demissão», cujo prefácio conta obter de Janio Quadros. «Tal como eu, ele decidiu abandonar a glória para se tornar num simples cidadão. Somos duas vítimas da maldade humana» — concluiu Carolina. — (F. P.).

Jânio Quadros vai apresentar
um projecto de Constituição

RIO DE JANEIRO, 22. — Jânio Quadros voltará a falar hoje, pela Rádio a fim de apresentar um projecto de Constituição federal redigido, segundo as suas directivas, por um grupo de colaboradores.

A informação foi fornecida á Imprensa por José Aparecido, sabendo-se apenas que a Constituição proposta será semelhante á do Egipto.

Por outro lado, anunciou-se que o senador Kubitschek de Oliveira concorrerá a governador do Estado de São Paulo se Jânio Quadros apresentar a sua candidatura áquele cargo. — (A. N. I.).

PINTA
utilizando um automóvel em vez do pincel

LONDRES, 22. — William Morris foi multado ontem por guiar sem carta quando pintava um quadro com as dimensões de 12×4 metros. E' que em vez de pincéis o artista utilizou um automóvel e, entusiasmado pela criação, saiu da tela em marcha atrás e ficou atravessado na estrada.

A técnica de Morris é simples: espalha tinta de várias cores pela tela e depois passa com as rodas por cima, efectuando curvas e contra curvas até se dar por satisfeito com o acabamento «artístico» da obra.

PARA QUADROS MAIS PEQUENOS... UMA «SCOOTER»

Quando os quadros são de dimensões mais modestas, Morris emprega como «pincel» uma «scooter».

Só com a venda de um metro e oitenta da mencionada tela ganhou 150 guinéus (cerca de 12 contos) e tem ainda mais quatro quintos do quadro para vender.

«Se as minhas obras são apreciadas» — diz — «é porque não transijo com o publico e pinto conforme sinto». — (A. N. I.).

A O. A. S. contra a Imprensa

ARGEL, 22 — Pessoas estranhas introduziram-se ontem á noite no quarto de um jornalista britanico actualmente em Argel, destruiram-lhe o telefone, rasgaram-lhe os papéis pessoais e outros artigos e espalharam no chão o conteudo das gavetas Os intrusos escreveram no espelho: «A O. A. S. observa-te».

O jornalista, conhecido pelos seus bons contactos profissionais com os meios muçulmanos, pediu que não fosse revelada a sua identidade para não assustar a sua família em Inglaterra

O incidente ocorreu no hotel Aletti, onde recentemente a O. A. S. provocou outros disturbios. — (R.).

CAFÉ RESTAURANTE
EXPRESSO TERMINUS
Rua Primeiro Dezembro, 67-69
Telefone 324597
Amanhã: Sexta-feira
Lampreia à Moda do Minho
Bacalhau à Terminus
Arroz de Frango á Portuguesa
Frango Grelhado no Espeto com Piripiri

DO ESTRANGEIRO EM POUCAS LINHAS

● **O orçamento apresentado ontem ao Parlamento pelo Governo da Africa do Sul revela no domínio da defesa um aumento de 67,3 por cento sobre a verba votada no ano anterior. O ministro da Defesa explicou que, embora a republica se não encontre ameaçada precisa de dispor de força suficiente para dissuadir um eventual agressor.**

● O assistente do secretário de Estado norte-americano para os negócios do Extremo Oriente, Averell Harriman, chegou a Bangkok, ido de Hong-Kong. Deve avistar-se com o chefe do Governo tailandês, marechal Sarit Tanarat, e com o ministro dos negócios estrangeiros, Tanat Koman.

● **Um grande veleiro, transportando perto de 30 iranianos, afundou-se ao largo do porto iraquiano de Fao, segundo o jornal «Al Manar» de Bassorah. Na maior parte os passageiros morreram afogados.**

● Indira Ghandi, filha do primeiro-ministro indiano, chega amanhã aos Estados Unidos, onde fará durante um mês uma série de conferências sob o tema «A India de hoje». Por outro lado, Vilaya Lakshmi Pandit, irmã de Nehru, pronunciará entre 10 e 12 do próximo mês uma série de conferências na Universidade de Wellesley (Nova Inglaterra).

● **Não há notícias de um avião «Neptune» da Marinha norte-americana, que partiu ontem para uma missão de patrulha na costa ocidental dos Estados Unidos. Transportava entre sete e dez homens.**

O presidente da Argentina
tem dificuldade de formar um Governo sem peronistas

BUENOS AIRES, 22 — Há indicações de que o presidente Frondizi está a encontrar dificuldades nos seus esforços para formar um gabinete de coligação sem a participação dos peronistas. Os dirigentes dos partidos Conservador e Socialista, bem como dos Radicais Populares, rejeitaram os convites que o presidente lhes dirigiu para entrarem em negociações sobre a formação do novo Governo.

Assim, julga-se que o presidente pedirá novamente a alguns dos ministros demissionários para ficarem, citando-se como possíveis o ministro da Educação, Luís Mackay, o ministro do Trabalho, Bruno Quijano, o ministro da Agricultura, César Urien, e o das Finanças, Jorge Whebe.

Num comunicado publicado ontem á tarde pelo secretário da Imprensa da presidência, Frondizi informou ter recusado a oferta de demissão dos três ministros militares.

A QUESTÃO MAIS DIFICIL É A SITUAÇÃO DO CONGRESSO

Os observadores políticos salientam que uma das questões mais difíceis de resolver na crise argentina é a situação do Congresso.

Os peronistas tiveram 44 deputados eleitos, mas 25 mandatos já foram anulados devido á intervenção das Forças Armadas, admitindo-se que os ministros militares conseguirão excluir os outros 19 também antes da reabertura do Congresso, no próximo dia 1 de Maio.

Sem os peronistas, o Governo ficará com a maioria (77 votos em 148) na Camara dos Deputados. A sua posição no Senado não foi afectada pelas eleições.

ANUNCIADA PARA AMANHÃ UMA GREVE GERAL

O grupo sindical «62», formado por sessenta e dois sindicatos controlados pelos peronistas, anunciou uma greve geral de 24 horas, com início á meia-noite de hoje.

Os sindicatos, que agrupam mais de um milhão e meio de trabalhadores, decretaram a greve como protesto contra a anulação das eleições ganhas no domingo pelos peronistas.

As Forças Armadas e o Governo estão preparados para possíveis perturbações provocadas pela greve. — (A. N. I. e F. P.).

Baixou 0,5 %
a taxa de desconto na Grã-Bretanha

LONDRES, 22. — Sofreu hoje nova baixa de 0,5 por cento a taxa de desconto, que assim passa a ser de 5 por cento — informa o banco de Inglaterra, que atribui a redução á acentuada firmeza da libra esterlina.

A taxa de desconto, que é um indicador do estado da economia, e das finanças do país, fora já reduzida de 6 para 5,5 por cento há duas semanas. — (A. N. I. e R.).

A NAVE ESPACIAL
PARA DOIS COSMONAUTAS SERÁ EQUIPADA COM ASAS

BASE AEREA DE LANGLEY (Virgínia), 22 — A cabina espacial «Gemini» (gémeos) destinada a transportar dois cosmonautas americanos em longas viagens espaciais, será equipada com duas asas, que a tornarão semelhante a gigantesco morcego, revelou ontem um informador na N. A. S. A. na base aérea de Langley.

As asas, chamadas «rogallo» permitirão aos cosmonautas dirigir a cabina, podendo fazer aterragens como as dos aviões.

O informador da N. A. S. A. declarou que os dois cosmonautas que viajarem na cabina «Gemini» estarão equipados com fatos de macaco pressurizados com mangas e pernas separadas a fim de lhes permitir maior liberdade de movimentos na cabina.

As asas da cabina estarão «encolhidas» no momento do lançamento. Poderão desdobrar-se por enchimento quando o engenho regressar á atmosfera. A cabina «Gemini» será semelhante, á parte as asas, ás cabinas «Mercurio» que serviram a Alan Shepard, Virgil Grisson e John Glenn, mas o seu peso será cerca do dobro.

Os primeiros voos espaciais das «Gemini» (com piloto e co-piloto) estão previstos para 1963 ou 1964, mas haverá voos sem tripulação humana antes daquelas datas. Estes voos, á volta da Terra, durarão uma semana.

As asas «rogallo» tiram o seu nome do cientista que as concebeu: Francis Rogallo, que trabalha no centro de investigações da base de Langley. São de material fino e flexível, cuja natureza não foi revelada.

A «Gemini» constitui uma fase intermédia no programa que deve conduzir ao lançamento de um homem para a Lua. Será utilizada na técnica das «plataformas espaciais» que devem permitir a montagem em pleno espaço do veículo lunar «Apollo». — (F. P.).

A situação na Argélia

(Continuação da 1.ª página)

círculos oficiais, dois gendarmes ficaram feridos.

Calcula-se que tenha sido elevado o numero de feridos em incidentes entre europeus e muçulmanos no bairro misto de Clos Salembier.

FORAM PRESAS EM RUSGAS 110 PESSOAS

Segundo um comunicado do prefeito da Polícia, em buscas no bairro de Bab-El-Oued foram presos 10 indivíduos e, noutros bairros da cidade, mais de 100 pessoas foram detidas para verificação da sua situação.

Entretanto, em Philippeville, o gabinete do procurador Roger Roth, citado frequentemente como uma das personagens europeias da Argélia susceptíveis de fazerem parte do Executivo provisório, foi saqueado por manifestantes europeus, sendo os estragos avultados. — (F. P. e R.).

O G. P. R. A. reuniu-se em Rabat

RABAT, 22. — A primeira sessão de trabalho do G. P. R. A. com a participação de todos os seus 12 membros, começou ás 9 horas no palácio de Dar-Es-Salam, residência de Verão, posta ao dispor dos dirigentes argelinos pelo rei Hassan II.

Com efeito, cinco dos «ministros» rebeldes, incluindo Mohamed Ben Bella, vice-chefe do «Governo», encontravam-se em poder dos franceses quando o «Governo» foi substituido, em Setembro de 1958. Esses cinco dirigentes foram postos em liberdade, no princípio da semana, depois do acordo de cessar-fogo e regressaram ontem, em triunfo, a Rabat. — (F. P. e R.).

MORREU O GENERAL DAVILA

MADRID, 22. — Com 84 anos, faleceu, esta manhã, em Madrid, o tenente-general Fidel Davila.

O general Davila foi um dos principais organizadores do levantamento de 18 de Julho de 1936 no Norte de Espanha. — (F. P.).

BEBA ÁGUA
das Caldas de Monchique
De mesa e gaseificada

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o vento era fraco e o céu estava muito nublado, por acção de uma massa de ar instável transportada na circulação de uma depressão centrada a Sul da França.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS: Porto, 12°; Portalegre, 9°; Lisboa, 13°; Faro, 13°.

TEMPERATURAS REGISTADAS HOJE ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 14°,2; na água do mar, 14°,2.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS: máxima, 16°,7; mínima, 12°. No mesmo dia do ano passado: máxima, 18°,7; mínima, 11°,4.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu muito nublado; vento fraco; aguaceiros, passando, no fim da tarde de hoje, a períodos de chuva.

Vida literária e artística

NÚMERO 191
22-MARÇO-1962

Suplemento semanal do «Diário de Lisboa»

QUEM NÃO SABE ARTE NÃO NA ESTIMA

OS «Jogadores de Cartas», de Cézanne, ou a «Canção X», de Camões, o «Anfião», de Laurens, ou o «Quarteto de cordas n.º 5», de Bartok, proporcionam-nos um prazer insubstituível e certamente inenarrável. Antes de tudo, um prazer. Mas trata-se dum prazer bem diferente de qualquer outro: tanto nos isola — de tudo, de todos — como no seu mesmo isolamento nos revela uma rede, práticamente inesgotável, de ligações, apelos, necessidades, para os quais teríamos ficado, sem a sua acção perturbadora, eternamente cegos e surdos.

Compreende-se, assim, que seja difícil a um autêntico amador de arte ignorar a importancia que ela tem na vida e na mentalidade dos homens e que lhe

O conhecimento prático da questão tarde ou cedo aconselha a que não se confundam os problemas da criação artística com os da divulgação da arte. E

«Anfião», bronze de Laurens

seja igualmente difícil de evitar a generosa (ou interesseira) tentação de contribuir para o aumento e generalização da cultura artística de todos. A sinceridade que a tentativa implica, por um lado, e a própria complexidade do problema, por outro, explicarão — e porventura perdoarão — a ingenuidade com que muitas vezes se procede nestes casos, embora ela não chegue para tornar eficientes certas suposições e experiências que se produzem e repetem.

Pensar na situação da arte no nosso mundo, na maior ou menor aceitação de quadros e poesias, no género e no grau de influência que esses quadros e poesias exercem, ou não exercem, é decerto pôr um problema de produção e de consumo. Mas de que tipo de produção e de que tipo de consumo?

por isso terá dito Picasso um dia que «uma coisa é ver, outra é pintar». Bem nos lembramos, no entanto, de como este truísmo, pronunciado embora pelo autor de «Guernica», foi desagradàvelmente recebido, principalmente por aqueles que, influenciados pelas íntimas relações que entre ver e pintar existem, quereriam reduzir toda a Estética a ser o artista compreendido, ou não, de chofre e totalmente, pelo publico. Muito se falou em fazer subir o publico até ao artista (sublinhe-se o pitoresco da palavra «subir» empregada neste caso) ou em fazer descer o artista ao publico (ver observação anterior sobre «subir»...) como método infalível de promover o encontro entre as partes desavindas. Exigiu-se uma «arte fácil» — empresa que só se afigurava fácil a doutrinadores não muito entendidos na matéria sobre que doutrinavam. Falou-se de arte «que interessa» e que «não interessa». Chegou-se a assinalar, com toda a seriedade e quase comovente candura,

por

MÁRIO DIONÍSIO

como ponto mais nobre da missão do escritor, «escrever para analfabetos».

O tempo, porém, provou a muitos, ou vai provando, o que alguns sabiam desde início: não se pode intervir na situação da arte, começando por desconhecer as condições da criação artística e considerando o publico uma massa homogénea, de preparação, sensibilidade e aspirações iguais, apesar do uso e abuso (mas bem teórico e vago) das palavras época, nação e classe. Na verdade, não há boa vontade (de subir ou

(Continua na página central)

OS BALANÇOS

ERA voz corrente entre os anos de 50 e 55 afirmar-se que o Mundo estava saturado de literatura sobre os terríveis anos do Terceiro Reich e que era tempo de a humanidade começar a esquecer. Mas surpreendentemente (ou talvez: lógicamente) só depois disso surgiu uma verdadeira avalancha de balanços daquela época, feitos por quem a ela assistira ou por quem sentia vergonha de descender de uma geração que não conseguira evitá-la. Estes balanços estão a ganhar proporções cada vez mais vastas. Dir-se-ia que a consciência não dá sossego aos intelectuais para quem a ascensão vertiginosa do progresso material numa Alemanha rápidamente reconstruída não constitui a felicidade suprema. É raro esbarrar-se com um romance alemão moderno e de qualidade, onde o autor não se debata com a terrível pergunta: «como foi possível?», em que não tende desenredar o emaranhado de causas, culpas, fatalismos, cobardias, hesitações, ou não se entregue á acusação amarga dos seus progenitores.

Uma das obras que chama sobre si a atenção da Alemanha e de outros países é o romance «Nebenan» («Ao lado»), de Johanna Moosdorf. A autora procede a uma autentica pesquisa da verdade, faz a reconstrução de factos que nos são revelados, na maior parte, através de monólogos de uma mulher alienada. Esta mulher chamava-se em solteira Dorothea Laurens passando a chamar-se Dorothea Brockendorf depois de ter casado com o médico Alexander Brockendorf, membro da S. S. Certo dia Dorothea soube que o marido exterminava presos num campo de concentração. Esta medonha revelação não só a desespera, mas provoca-lhe também uma forte aversão contra o marido. Procura alhear-se disso vivendo intensamente a paixão por outro jovem médico, Reinhold. Mas também Reinhold é forçado ao mesmo crime praticado por Brockendorf;; sentindo-se, no entanto, incapaz de cumprir tais ordens, refugia-se na morte. Dorothea fica totalmente desorientada. Psíquicamente atingida torna-se um estorvo para Brockendorf que, para se libertar dela e das suas violentas

por

ILSE LOSA

acusações, a interna no «sanatório» de Rabenstein onde, nessa altura, se liquidavam os alienados, considerados «comedores de pão sem utilidade».

Por várias circunstancias favoráveis Dorothea, porém, sobrevive. Libertada depois do desfecho da guerra, abriga-se em casa de uns parentes da pequena burguesia onde, num ambiente mesquinho, procura viver uma personalidade diferente e ignorar o passado. Mas não é possível ignorar-se o passado, ao fim e ao cabo a parte mais vigorosa do presente. Havia gente em busca do médico criminoso Brockendorf e o rasto condu-la á presença de Dorothea... Condu-la também á casa do riquíssimo industrial Stefan Jensen cujo negócio floresce e que goza a fama de um homem honrado. Mas quem é Stefan Jensen? Esta pergunta perpassa no livro, preocupa as pessoas que andam no rasto de Brockendorf, levanta suspeitas na jovem esposa do industrial e nos seus empregados. E é, por fim, o velho judeu Lachmann, que assistira ao extermínio do filho pelas mãos do médico assassino, quem reconhece no conceituado industrial Jensen o dr. Brockendorf.

O livro culmina no cinismo de uma autora que não ameniza nem facilita: enquanto Lachmann, de saude arruinada pelos maus tratos que sofreu no campo de concentração, tem um apoplexia ao rever o assassino do seu filho, Brockendorf, o monstro sem consciência e sem remorsos, consegue fugir, não se sabe para onde. Pouco a pouco, todas as outras figuras da história voltam á normalidade procurando construir a sua felicidade na próspera Alemanha Federal, com excepção de Dorothea que dificilmente conseguirá compreender a realidade e acomodar-se nela.

É assim que a autora nos sacode com as perguntas que inevitàvelmente se nos impõem: os melhores, os mais dotados de sensibilidade serão sempre vencidos, enquanto os outros, os Brockendorfs, os ruins, os criminosos vivem tranquilamente ao nosso lado ou escapam-se para outras terras e continuam a lançar o mal? Uma transposição do caso Eichmann? Julgo que a autora não precisou de ir tão longe. Casos como o de Eichmann houve-os e ainda os há com fartura, e ela, que nasceu em 1911 em Leipzig, viveu e sofreu os acontecimentos de perto, de modo que tem um profundo conhecimento deles e também das fraquezas e das virtudes do seu povo.

SEMANA DE MADRID

por MANUEL RIUTORT

COM Carlos Lemos e Luísa Salas nos protagonistas, estreia-se, dentro de dias, no Teatro de Belas-Artes, a peça «El Cardenal de España», de Montherland.

*

«ESOS DIAS...», a sair brevemente, é uma reportagem histórica dos principais acontecimentos que viveu a Espanha do século XIX. António Jimenez Landi é o autor deste trabalho.

*

DANIEL MERINO ràpidamente alcançou fama como pintor. Expõe, agora, na Sala Minerva, uma série de quadros de onde se destaca a riqueza da matéria e um denso colorido.

*

UM numeroso brupo de poetas restabeleceu as reuniões de poesia que se efectuam na Associação Cristina, situada na Calle Goya.

*

NA Cidade Universitária rea-

(Continua na 26.ª página)

O CENTENÁRIO de José Estêvão

vai ser assinalado com duas importantes obras

Associando-se ás grandes comemorações que vão ser promovidas, em Novembro, para assinalar o centenário da morte de José Estêvão, a Portugália Editora lançará duas obras sobre o eminente tribuno: um ensaio, da autoria do dr. José Tengarrinha, sobre o pensamento e a personalidade do maior orador parlamentar português que foi, também, uma das figuras de maior relevo da nossa política oitocentista; e uma antologia, organizada pelo mesmo autor, com os seus notáveis discursos na Camara dos Deputados, os principais artigos na Imprensa diária, os programas políticos elaborados pelo grande orador e as suas magistrais lições de Economia Política na Escola Politécnica.

São duas obras que vêm preencher uma importante lacuna, revelando em toda a sua extensão e profundidade a figura e a obra, hoje práticamente desconhecidas, de um dos maiores vultos da nossa história oitocentista.

José Estêvão

SOCIEDADE CENTRAL DE CERVEJAS

S. A. R. L.

SEDE E ESCRITÓRIOS: AVENIDA DO ALMIRANTE REIS, 115 — **LISBOA**

RELATÓRIO E CONTAS DO EXERCÍCIO DE 1961

RELATÓRIO DA ADMINISTRAÇÃO

SENHORES ACCIONISTAS:

1 — No decurso do exercício findo, algo de muito importante se passou no plano internacional das relações entre os produtores de cerveja dos Países da EFTA, nos quais se instituiu e radicou uma mentalidade *comum* de informação permanente. Assinala-se o facto, do maior significado e relevo, naturalmente, por a iniciativa ter partido da nossa Sociedade e pelo reconhecimento honroso que todos os Estados membros se não fatigaram de nos prodigalizar no decurso das reuniões de Lisboa, Paris e Viena. nele envolvendo a Delegação portuguesa.

O «EBIC — EFTA BREWERY INFORMATION CENTER» é, hoje, uma realidade estimável e uma fortíssima e decidida contribuição para a união económica europeia.

A constituição operada, entretanto e sobre convenção privada, da *Associação da Indústria Cervejeira Portuguesa* — AICP, com representação da indústria continental, insular e ultramarina, proporcionou a Portugal o ter sido eleito Secretário-Adjunto do EBIC, cuja sede foi fixada em Viena, e cuja presidência foi confiada ao representante da Áustria e grande amigo do nosso País, Konsul Manfred von Mautner Markhof.

O alinhamento da política agrícola comum, com início no dia 1 de Julho próximo futuro, colocou em primeiro plano e sublinhou indelèvelmente esta realidade incontestável: — o Mercado Comum é, hoje, a *potência comercial* mais importante do Mundo. Ignorar o facto constituirá imperdoável erro histórico.

A afluência de candidatos a *associados*, sem embargo da filosofia política do Tratado de Roma, — detém aí a única explicação. Para alguns Países esse Tratado é o fim; para outros, uma *étape*, como há dias o acentuou o infatigável Ministro Spaac.

Felizmente que os homens não se mostram insensíveis ao sofrimento, e conhecem o seu elevado preço. O holocausto da solidariedade está a forjar a sobrevivência do Ocidente Europeu no seio do Mercado Comum e a instalar nele uma opinião favorável aos pequenos países, como o nosso, se tomarmos por base o exemplo da Grécia que é, como se sabe, um Estado-tampão. Já se preconiza e advoga que os Países Associados de modesto porte económico devem fazer um estágio prévio de adaptação, por sorte a facilitar a sua integração no processamento da prudência exigida pelo arranque das suas estruturas desenvolvíveis — Compreende-se.

— Será, todavia e de algum modo, aconselhável adormecer e repousar sobre a tolerância que semelhante estratégia, claramente orientada no sentido da unidade económica, alimenta e consubstancia?

— Ou não será antes preferível que essas colectividades nacionais — até por elementar cautela — ignorem tão salutar predisposição, mobilizando toda a sua capacidade realizadora, galvanizando toda a sorte de energias recônditas, e releguem para último lugar interesses especulativos, concedendo preferência aos interesses nacionais que, na hora presente, de grave provação, são os únicos que decretòriamente comandam e obrigam?

O EBIC nasceu no nosso espírito sob o signo deste imperativo categórico, mediante o qual provado ficou, e está, que a nossa Empresa é titular de mentalidade industrial progressiva e de insofismável patriotismo, ainda que a miopia, o egoísmo e o despeito mórbido de alguns não queiram reconhecê-lo, em obediência ao seu tradicional negativismo.

2 — O alinhamento da nossa política agrícola com apoio numa planificação nacional, implantada sobre fomentos regionais, constitui o esteio axial da *expansão*. E a produtividade e os custos no produtor, são elementos de base para a obtenção e conquista desse alinhamento internacional. — Não há, com efeito, tempo a perder.

No que interessa à produção da cevada dística para a fabricação da cerveja tem a SOCIEDADE CENTRAL, em íntima e profícua colaboração com a Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, como é, aliás, público e notório, obtido resultados extremamente favoráveis e promissores, mercê da metodologia científica e tecnológica utilizada. Pode, por isso e afoitamente, dizer-se que não só a indústria da *cerveja* encontrará no solo nacional a matéria-prima de que carece, como a indústria da *malteria*, impulsionada por ela, terá ao seu alcance condições sobremodo apreciáveis de utilização do seu equipamento na transformação do produto da terra, e da colocação dos seus excedentes sobre mercados externos. E o mesmo se observará, naturalmente, na transformação do cereal estrangeiro se quisermos ir conquistando e preenchendo, palmo a palmo, o espaço vazio que ainda nos separa do equilíbrio indispensável da nossa balança comercial e corresponder, desse modo e além do mais, a uma provada necessidade social e política.

A exportação de mão-de-obra e de energia eléctrica nacionais, afora outros factores e bens intervenientes na transformação industrial e transporte do *malte* português, não institui a natureza de um mero conceito intelectivo, ou de uma aspiração impregnada de optimismo transviado, irresponsável, inexequível.

— Pelo contrário. Essa exportação é, em si própria, um meio e não um *fim*, e será uma realidade tangível, logo que a queiramos praticar e o Governo fomente, como se espera, a resolução do problema, libertando a importação do cereal da carga aduaneira, tal como sucede na Bélgica, cuja exportação de malte, nessas condições subiu, no ano de 1960, a 69.000 ton.

— Quando poderá Portugal fazer uma exportação que iguale, *como a desse outro pequeno país*, 40% da sua produção industrial e que, só no ano de 1961, exportou 115 biliões de francos, ou seja, o correspondente, na nossa moeda, a cerca de 66 milhões de contos?

Impõe-se estugar o passo e dar rentabilidade ao equipamento industrial existente no solo pátrio e, à produção agrícola, o incremento que o seu estado de crise reclama.

— E por que esta tarefa de prima evidência e necessidade depende, afinal e em larga medida, de nós próprios, há que sacudir, com determinação e energia indefectível, a inércia, a melancolia e a cabulice que sempre barraram o caminho da nossa bem precisa saúde económica.... já que, por natureza, não somos pobres em imaginação e em inteligência.

Este estado de consciência dos problemas contemporâneos e das dificuldades de toda a ordem que os enquadram, — constituem obsessão permanente do Conselho de Administração, cujo neofilismo está na raiz do seu procedimento.

3 — Continuam a ser objecto de estudo, mantendo-se outras a aguardar resolução Ministerial, — várias e múltiplas questões suscitadas pela programação estabelecida no e pelo douto despacho de 8 de Setembro de 1960, de S. Ex.ª o Senhor Ministro da Economia.

4 — Com a publicação do Decreto n.º 43 763, que elevou o imposto de consumo de $60 para 2$10 o litro, baixaram, naturalmente, as vendas. — Era inevitável, ainda que a superior *qualidade* dos nossos produtos. em confronto com os estrangeiros, *e o seu baixo preço*, continue a inspirar e a merecer do público consumidor o mais inestimável acolhimento, e preferência.

5 — As *Sociedades Distritais*, cuja apreciável actividade merece o melhor agradecimento da Sociedade Central, alinham na vanguarda dos resultados da nossa gestão.

— O *Conselho Fiscal* conferiu-nos a sua preciosa colaboração de sempre, jamais nos regateando o seu conselho, pelo que lhe tributamos a nossa imperecível gratidão.

— O *Pessoal*, sem distinção de funções, continuou a dar à Empresa colaboração de grande mérito, e a justificar, por isso, o elevado apreço do Conselho.

6 — O resultado do exercício de Esc.: — 206.868$54 que aumentado do saldo transitado de Esc.: 628.335$85, soma a importância de Esc.: — 835.144$39, deverá, segundo o Conselho, ser levado a *«Conta Nova»*.

Lisboa, 1 de Março de 1962.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Companhia Produtora de Malte e Cerveja «Portugália»
Companhia de Cervejas «Estrela»
Companhia da Fábrica de Cerveja «Jansen», Lda.
Companhia da Cerveja de Coimbra
Fernando Espírito Santo Moniz Galvão
Carvalho & Martins, Lda.
Humberto Pelágio

BALANÇO GERAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1961

ACTIVO		PASSIVO	
Material das Empresas em Administração	6.958.623$57	Capital	100.000$00
Existências das Empresas em Administração	56.676.195$47	Fundo de Reserva Legal	110.000$00
Fundo de Ampliação de Instalações		Fundo de Ampliação de Instalações	
C/ Utilização do Fundo (Contrato 9 de Junho de 1952)	23.176.727$82	*C/ Capital do Fundo*	23.176.727$82
Caixa	4.349.901$17	Letras a Pagar	2.176.913$50
Comparticipações	784.022$50	Contas Passivas da Administração	106.627.934$56
Devedores e Credores		Devedores e Credores	
Saldos devedores	88.659.374$81	*Saldos Credores*	58.389.752$86
Contas em Suspenso	12.407.520$55	Contas em Suspenso	1.795.892$76
Valores em Caução	90.500$00	Credores por Valores em Caução	90.500$00
		Ganhos e Perdas	835.144$39
	193.302.865$89		193.302.865$89

Lisboa, 31 de Dezembro de 1961.

O GUARDA-LIVROS
Fernando Afonso Tavares

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Companhia Produtora de Malte e Cerveja «Portugália»
Companhia de Cervejas «Estrela»
Companhia da Fábrica de Cerveja «Jansen», Lda.
Companhia da Cerveja de Coimbra
Fernando Espírito Santo Moniz Galvão
Carvalho & Martins, Lda.
Humberto Pelágio

PARECER DO CONSELHO FISCAL

SENHORES ACCIONISTAS:

De acordo com as disposições legais e Estatutárias verificámos durante o ano toda a documentação, Livros e Contas constatando estar sempre tudo em boa e devida ordem.

Não podemos deixar de manifestar o nosso apreço pela muito esclarecida exposição feita pelo nosso Digno Conselho de Administração e pela Sua iniciativa de largo alcance referente à actividade internacional exercida neste último ano em colaboração com os Países produtores de cerveja membros da E. F. T. A.

Ao Conselho de Administração agradecemos as referências expressas no seu Relatório à nossa Colaboração.

Associamo-nos também aos merecidos louvores do Conselho de Administração endereçados a todo o nosso Pessoal.

Concluindo somos de parecer:

1.º — Que aproveis o Relatório, Balanço e Contas do Conselho de Administração;
2.º — Que aproveis a sua proposta sobre a distribuição dos lucros;
3.º — Que aproveis um voto de louvor ao Conselho de Administração pela subida forma como soube conduzir os destinos da nossa Sociedade;
4.º — Que aproveis um voto de louvor ao Pessoal e a todos os que colaboraram nesta Sociedade.

Lisboa, 2 de Março de 1962.

O CONSELHO FISCAL

José Eller Caldas Pereira
Alexandre Brás Nunes Sequeira
Mário de Carvalho Brito das Vinhas

Assembleias gerais

A Voz do Operário

A nova direcção da Sociedade A Voz do Operário, eleita em assembleia geral ordinária dos associados, ficou assim constituida:

Mesa da assembleia geral — Presidente, Agnelo Morão Pereira; vice-presidente, João Guedes da Silva; 1.º secretário, Abílio Artur Alves Lima; 2.º, secretário, José Neves da Silva; vogal, Manuel Simões Ferro.

Comissão administrativa — Presidente, Amadeu Farias Longo; 1.º secretário, António Perianes Palma; 2.º secretário, José Apolinário Ramos; 1.º tesoureiro, Jorge da Cruz Valente; 2.º tesoureiro, João Ribeiro de Almeida; 1.º vogal, João Marques da Silva Carvalho; 2.º, vogal, Manuel Mendes Delgado.

Conselho fiscal — Artur Augusto Soares Pereira, José Joaquim Rodrigues Dias, Alfredo Lacerda Dias, Jaime Mendonça e Carlos José Vaz.

Casa da Imprensa

Reune-se amanhã, ás 17 horas, em primeira convocação, a assembleia geral da Caixa de Previdência de Profissionais da Imprensa de Lisboa (Casa da Imprensa), para apreciação e votação do relatório e contas da gerência de 1961.

Não havendo numero suficiente de sócios, reunir-se-á em segunda convocação, no dia 30, á mesma hora, com qualquer numero de presenças.

UM CARPINTEIRO EM LUTA com a cegueira

Orlando Costa Figueiredo, residente em S. Pedro de Sintra, nas Escadinhas dos Aliados, exerceu a profissão de carpinteiro até que maligna doença lhe roubou a luz a uma das vistas.

Com mulher e dois filhos menores, o pobre homem, sómente com um olho são, tentou prosseguir no seu trabalho. Eis que o mal, no entanto, avançou e ameaça a unica pupila com que, então, contemplava a mulher e os filhos... Um especialista de Santarém, consultado, afirmou poder obstar ao avanço da doença. É necessário, porém, dinheiro — coisa que o carpinteiro não possui.

Assim, surge o seguinte cruciante dilema: ou o homem se trata, e continua a ver a mulher e os filhos; ou a doença avança, e o carpinteiro entrará na noite eterna dos cegos

O 66.º aniversário

da Sociedade Filarmónica João Rodrigues Cordeiro

Integrado no programa das festas do 66.º aniversário da Sociedade Filarmónica João Rodrigues Cordeiro, a sua comissão de beneficência distribui, no próximo dia 25, pelas 10 horas, um bodo ás velhinhas pobres da freguesia.

A' noite, pelas 22 horas, realiza-se um baile de recepção ás colectividades congéneres com as quais mantém as mais estreitas relações de amizade.

Câmara Municipal de Cascais

AVISO

A fim de evitar que as pessoas interessadas na aquisição de terrenos com o objectivo de ós aplicar a fins de construção venham a ser prejudicadas por terem tomado tal iniciativa sem conhecimento dos condicionamentos estabelecidos quanto ao respectivo aproveitamento urbanístico em conformidade com o disposto na Lei n.º 2099, de 14 de Agosto de 1959, com o plano de urbanização aprovado pelo Decreto-lei n.º 37 251, de 28 de Dezembro de 1948, e com os regulamentos e deliberações camarárias, chama-se a atenção dos interessados para a conveniência de efectuarem prévia consulta a esta Câmara, a fim de se esclarecerem, não só sobre a viabilidade de neles se construir, mas também sobre as condições em que poderá vir a ser autorizada a construção nesses mesmos terrenos.

Chama-se ainda a atenção para o facto de a transgressão das disposições legais e regulamentares sobre edificações não ficar regularizada pelo simples pagamento de multa, seguindo-se, pelo contrário, à autuação do infractor, as providências necessárias para obter-se a suspensão e a demolição das obras feitas sem licença desta Câmara.

Cascais, 17 de Março de 1962

O Presidente da Câmara,
António Azevedo Coutinho

À porta da livraria

CASO INVULGAR

Um dos casos mais extraordinários de revelação literária é, sem sombra de dúvida, o de Carolina Maria de Jesus, a negra brasileira que, com o seu diário, atinge a mais angustiada e emocionante expressão da vida das favelas. «Quarto de Despejo», o livro de Carolina Maria de Jesus, que muitos comparam a Gorki, pelo realismo com que narra o drama dos subalimentados e pinta o quadro da miséria extrema, constituiu um dos mais sensacionais êxitos de livraria do Brasil e ultrapassou, mesmo, as fronteiras da língua portuguesa. O último «Figaro Litteraire», por exemplo, publica na primeira página, com grande relevo, uma notícia sobre o próximo casamento de Carolina de Jesus inserindo um vasto capítulo do livro, que vai ser editado em França, em tradução de Violente d'O'Canto. Também em Portugal o caso da escritora negra está a despertar o maior interesse, pelo que uma casa editora de Lisboa — Publicações Europa-América — vai publicar em Abril próximo, a edição portuguesa de «Quarto de Despejo», destinada, certamente, a um êxito comparável ao que teve no país irmão.

A capa da edição brasileira do livro de Carolina de Jesus

ERICO VERÍSSIMO

Erico Veríssimo já entregou ao editor Sousa Pinto os originais do segundo tomo de «O Arquipélago», com o qual ficará definitivamente encerrada a monumental trilogia «O Tempo e o Vento», e vai entrar brevemente no prelo. O autor encontra-se neste momento em viagem particular á América do Norte, onde deverá pronunciar conferências em várias Universidades, entre elas a de Washington e a de Wisconsin. No seu regresso, é provável que o autor de «O Arquipélago» volte a visitar Portugal, país em que conta inúmeros admiradores e leitores fiéis.

LITERATURA ALEMÃ

O próximo volume da Colecção «Antologia» da Arcádia será consagrado a Franz Kafka, o famoso escritor checo de expressão alemã. O volume abrirá com um estudo crítico assinado por Armando Ventura Ferreira.

«A PONTE SOBRE O DRINA»

Mais uma iniciativa digna de especial louvor das publicações Europa-América: a edição de «A Ponte sobre o Drina», a famosa obra de Ivo Andric, que obteve o Prémio Nóbel de 1961. Além de proporcionar ao público português o conhecimento de uma obra que mereceu tão elevado galardão, o livro revela-nos um escritor cuja carreira, iniciada em 1918, teve, sobretudo depois da segunda guerra, uma larga projecção no panorama literário europeu. Considerada uma obra-prima, «A Ponte sobre o Drina» obteve, além do Prémio Nobel, o 1.º prémio do romance instituido pelo Governo Federal da Jugoslávia.

VOLUME DE CRÓNICAS

Anuncia-se para breve a publicação, pela Editorial Aga, de «Regresso ao Velho Mundo», de Carmo Vaz, um volume de crónicasJ da Inglaterra, França e Espanha, em que são focados os mais variados problemas. Carmo Vaz, um dos fundadores e o primeiro director da revista «Vértice» é autor de dois importantes ensaios: «Introdução ao Romance Português» e «Cultura Popular Goesa».

A Aga tem no prelo «Encontros», de José de Melo, que se integra numa panorâmica da literatura portuguesa de hoje e estuda a obra dos escritores Vergílio Ferreira, Tomás de Figueiredo, Natália Correia, Urbano Tavares Rodrigues e Tomás Kim. O volume é documentado com antologias, fotografias e fac-símiles dos escritores estudados.

ALDOUS HUXLEY

Na colecção «Dois Mundos», editada pelos Livros do Brasil, saiu agora a tradução portuguesa de «Those Barren Leaves», de Aldous Huxley, sob o título de «O Grande Problema». A tradução desta obra do grande escritor foi confiada a Virginia Mota.

«DOUTRINAS ECONÓMICAS»

De «As Grandes Doutrinas Económicas», de Arthur Taylor, obra que constitui uma introdução necessária ao estudo da economia e um imprescindível auxiliar de trabalho, vai sair uma 2.ª edição, revista e corrigida pelo autor, que a enriqueceu com um parágrafo inteiramente novo sobre a encíclica Mater et Magistra, *de grande interesse e actualidade. (Publicações Europa-América — Colecção «Saber»).*

FICÇÃO CIENTIFICA

O próximo romance da colecção «Argonauta», de Livros do Brasil, intitula-se «O espaço será pequeno» e é da autoria de Fredric Brown, um dos mais reputados escritores de ficção científica.

ISAAC ASIMOV

Isaac Asimov reaparecerá brevemente na colecção «Argonauta», dos Livros do Brasil, com um dos seus mais famosos romances de ficção científica: «Geração Galática». Na mesma colecção vai ser agora integrado mais um livro de Fredric Brown: «O Espaço será Pequeno».

TEATRO DE NOVOS

O volume «Teatro de Novos», lançado pela Arcádia, inclui duas peças em um acto de autores portugueses. São elas «Consultório», de Augusto Sobral e «O Pescador á Linha», de Jaime Salazar Sampaio.

POESIA

A Editorial Aga vai publicar «Morfologia Poética», um trabalho do poeta e ensaísta Eduíno de Jesus e uma antologia da «Beat Generation», com textos seleccionados, traduzidos e prefaciados pelos escritores Carlos Cunha, poeta, crítico literário e autor de um lucido ensaio sobre Cesário Verde, e dr. Carmo Vaz. Esta antologia faz parte de um plano que tem em vista dar a conhecer ao público leitor a verdadeira face da América de hoje.

FRANZ KAFKA

A editorial «Livros do Brasil» adquiriu os direitos de edição em Portugal de uma das obras mais célebres de Franz Kafka: «Metamorfose». Elegantemente ilustrado com extratextos, este livro será posto á venda dentro em breve.

ESCAPARATE

(De 13 a 20 de Março de 1962)

Autores portugueses

Título — «índia Portuguesa — Penhores do Seu Resgate».
Autor — Alberto Feliciano Marques Pereira.
Editor — Autor.
Numero de páginas — 188.
Preço — 450$00.

Título — «O Amor Vigilante».
Autor — Vítor Matos e Sá.
Editora — Livraria Almedina.
Numero de páginas — 95.
Preço — 25$00.

Título — «Não Discutimos a Pátria».
Autor — Prof. Dr. Oliveira Salazar.
Editora — Editorial Organizações.
Colecção — Col. 'Linha Geral n.º 1.
Numero de páginas — 87.
Preço — 12$50.

Título — «Poesia».
Autor — António Maria Lisboa.
Editora — Guimarães Editores.
Colecção — Col. Poesia e Verdade.
Numero de páginas — 70.
Preço — 25$00.

Título — «Erro Próprio».
Autor — António Maria Lisboa.
Editora — Guimarães Editores.
Colecção — Col. Ideia Nova.
Numero de páginas — 87.
Preço — 17$50.

Título — «Trindade Coelho».
Autor — Fernando Duarte.
Editora — Síntese.
Colecção — Col. Síntese, n.º 5.
Numero de páginas — 99 a 118.
Preço — 5$00.

Título — «História Breve do Teatro».
Autor — Goulart Nogueira.
Editora — Editorial Verbo.
Colecção — Col. Histórias Breves, n.º 8.
Numero de páginas — 149.
Preço — 20$00.

Título — «Estrela para um Epitáfio».
Autor — Alexandre Babo.
Editora — Distribuidores: Livraria Divulgação.
Numero de páginas — 107.
Preço — 20$00.

Título — «O Algarve».
Autor — David Mourão-Ferreira.
Editora — Livraria Bertrand.
Colecção — Antologia da Terra Portuguesa, n.º 13.
Numero de páginas — 127.
Preço — 30$00.

Autores estrangeiros

Título — «A Terceira Visão».
Autor — Lobsang Rampa.
Tradutor — António Neves-Pedro.
Editora — Editora Ulisseia.
Colecção — Documentos do Tempo Presente, n.º 11.
Numero de páginas — 286.
Preço — 30$00.

Título — «História Breve do Comércio».
Autor — Georges Lefranc.
Tradutor — Maria do Céu Guerra d'Oliveira.
Editora — Editorial Verbo.
Colecção—Histórias Breves, n.º 9.
Numero de páginas — 150.
Preço — 20$00.

Título — «A Festa da Enforcada».
Autor — Anthony Berkley.
Tradutor — Mascarenhas Barreto.
Editora — Livros do Brasil.
Colecção — Col. Vampiro, n.º 178.
Numero de páginas — 204.
Preço — 12$50.

Título — «O Grande Problema».
Autor — Aldous Huxley.
Tradutor — Virgínia Motta.
Editora — Livros do Brasil.
Colecção — Col. Dois Mundos, n.º 70.
Numero de páginas — 348.
Preço — 45$00.

Título — «Elogio da Filosofia».
Autor — Maurice Merleau-Ponty.
Tradutor — António Braz Teixeira.
Editora — Guimarães Editores.
Colecção — Col. Ideia Nova.
Numero de páginas — 90.
Preço — 17$50.

A TRÁGICA MORTE de um grande escritor norte-africano

Da tragédia absurda deu a Imprensa de todo o Mundo a reportagem usual — quase um *fait-divers* entre tantos que se sucedem no quotidiano. Mais um crime, numa longa cadeia de outros crimes. Um bando de sicários da O. A. S. assassinou a tiros de metralhadora, nos arrabaldes de Argel, seis colaboradores dos «Centros Sociais» argelinos que tratavam pacíficamente, numa das suas reuniões de rotina, das tarefas de assistência e educação ás populações martirizadas. Entre os mortos dessa chacina sem piedade e sem razões, que misturou uma vez mais o sangue de franceses e de argelinos, incluiu-se o notável escritor norte-africano Mouloud Feraoun.

Romancista, poeta, ensaista, acima de tudo homem de boa vontade, Feraoun era uma das mais significativas personalidades do escol intelectual e moral que quis acreditar, até ao fim, na fraternidade possível de franceses e de muçulmanos. Filho de um trabalhador rural muito pobre, conseguiu por esforço próprio e á custa de sacrifícios indizíveis formar-se como professor. O seu primeiro livro, uma narrativa autobiográfica intitulada «Le Fils du Pouvre», deu-lhe imediato

Mouloud Feraoun

prestígio de escritor; e o romance «La Terre et le Sang», consagrado em 1953 com o Prémio Populista, o ensaio «Jours de Kabylie», a adaptação da poesia tradicional Kabília «Poème de Si Monaud», elevaram-no ao nível de grande escritor contemporaneo, de língua francesa. Amigo de Albert Camus, de Emmanuel Robles, de Jules Roy, foi sempre um homem doce e calmo, sonhando com a paz e a concórdia entre os homens, tímido nas atitudes — unicamente empenhado, sem paixão política, em minorar os sofrimentos e misérias do povo argelino. Os seus íntimos chamavam-lhe «o Poeta».

Em tempos, soube-se que o F. L. N. argelino o tinha condenado á morte por colaboracionismo com a França. A sentença foi posta de parte. E foram franceses que mataram Mouloud Feraoun, porque desejava e preconizava a paz, a compreensão, o ressuscitado amor entre os homens. Entre tantos outros símbolos dramáticos do mundo de hoje, a morte deste escritor é um lancinante caso de consciência humana.

Olívio Montenegro

Faleceu no Recife, o escritor Olívio Montenegro, que tinha 66 anos e era natural de Paraíba. Uma das figuras mais expressivas da vida cultural do Nordeste brasileiro, professor universitário, jornalista e crítico literário dos mais respeitados, as suas obras principais foram: «O Romance Brasileiro», «Memórias do Ginásio Pernambucano», «A Igreja na Idade Média», «Um Revolucionário da Praeira», «Retratos e Outros Ensaios». A estreia literária de Olívio Montenegro verificou-se em 1932, há exactamente 30 anos, com o romance «Os Irmãos Marçal».

Gravura brasileira em Paris

Artistas brasileiros da gravura levaram a Paris, ultimamente, uma exposição das suas criações. Escolas e tendências muito diversas participaram nessa exibição, que mereceu expressivos elogios da crítica pela sua qualidade técnica e estética. A imprensa francesa, através de comentadores especializados, salientou mais destacadamente a intuição e o «sentido instintivo» dos artistas da gravura que o Brasil possui na actualidade.

FR. JOAQUIM DE SANTA ROSA DE VITERBO

ELUCIDÁRIO

DAS PALAVRAS, TERMOS E FRASES QUE EM PORTUGAL ANTIGAMENTE SE USARAM E QUE HOJE REGULARMENTE SE IGNORAM: OBRA INDISPENSÁVEL PARA ENTENDER SEM ERRO OS DOCUMENTOS MAIS RAROS E PRECIOSOS QUE ENTRE NÓS SE CONSERVAM

Edição crítica baseada nos manuscritos e originais do autor pelo

DR. MÁRIO FIÚZA

Prof. efectivo do Liceu da Póvoa de Varzim
Ex-bolseiro do Instituto de Alta Cultura

A obra completa constará de três volumes (cada volume compor-se-á de 9 fascículos aproximadamente) sendo o terceiro formado por muitos vocábulos arcaicos que Viterbo não incorporou na sua obra. Algumas citações foram emendadas, acertando-as pela versão de D. Bernardo da Encarnação. Levaram-se em conta os adiamentos e correcções publicadas posteriormente, mormente os de João Pedro Ribeiro, José Leite de Vasconcelos, Epifânio Dias e muitos outros que se citarão no seu devido lugar. A publicação far-se-á em fascículos mensais de 48 páginas, sendo o preço de cada fascículo (pago no acto da entrega) esc. 30$00. O primeiro fascículo será publicado dentro de dias. A assinatura desta edição crítica de «O ELUCIDÁRIO» pode efectuar-se por intermédio do seu habitual fornecedor ou enviando os pedidos á

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — EDITORA

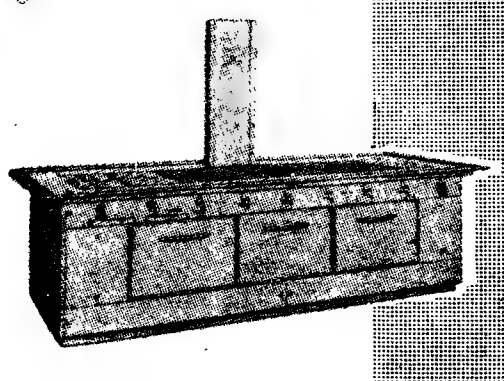
Rua Alberto Aires de Gouveia, 27 — PORTO

Um espécime grátis e sem qualquer compromisso será enviado a quem o solicitar

À **Livraria Civilização** **R. Alberto Aires de Gouveia, 27** **PORTO**	**Desejo receber, grátis e sem qualquer compromisso, um espécime da edição crítica de «O ELUCIDÁRIO».** **NOME (bem legível)** .... **DIRECÇÃO** ....

FOGÕES INDUSTRIAIS
A GÁS DA CIDADE
E PROPANO

FÁBRICA PORTUGAL



ESCRITÓRIOS
RUA FEBO MONIZ, 20, 1.º, TELEFONE 45022/3-47157/8/9
SALAS DE EXPOSIÇÃO E VENDA
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 49 a 57 ; RUA FEBO MONIZ, 2 e 18
NO PORTO
JOÃO TOMAZ CARDOSO & F.º SUCRS., LDA. — R. SÁ DA BANDEIRA, 92

VIDA MUSICAL

Duo Scheiderhan-Seeman no C. C. M.

A perfeita ligação entre os membros de um conjunto é uma das garantias de deleite do ouvinte. E quanto mais pequeno é o conjunto, maior é a necessidade de equivalência e de entendimento. Calculávamos que isto se devia dar com a associação de Wolfgang Scheiderhan e Carl Seeman, e não nos enganámos: esmero de técnica, finura dos detalhes, aristocrática contenção avessa a efeitos espectaculares, são da mesma natureza nos dois mestres respectivamente do violino e do piano. E sendo Beethoven o compositor escolhido, não nos queixaremos de que, ele só, preencha dois programas, com 8 sonatas: pelo contrário, concertos deste teor são raros, relativamente, e dos mais valiosos. O que numa execução vulgar recai sobre o compositor como possível falha de escrita ou desleixo de estilo — sem contar as execuções insuficientes que apoucam ou desfiguram a obra — desaparece para dar lugar a uma sensação de que tudo está certo, admirávelmente pensado e realizado. Encontra-se um flagrante exemplo, entre muitos, do que tentamos expor, na sonata op 24 «À Primavera», em que a mais pequena fórmula toma o seu papel de complemento e nunca um lugar de recheio apenas.

Além desta adorável sonata, o programa que ouvimos no Tivoli incluía as «Três Sonatas» op. 30 (ao tsar Alexandre I) onde percorremos caminhos de encantos e sentimentos sempre renovados, com uma segurança de construção que nos faz parecer a obra ao mesmo tempo muito longa e demasiadamente curta. Para contribuição a um semblante de pormenorização, apontamos a puríssima qualidade de som, o impecável «cantabile» e os requintes de arcada de Schneiderhan, a perfeição de ataque e a insuperável igualdade de jogo de tecla de Seeman. Pode-se desejar em certas passagens das referidas execuções uma mais robusta consistência, uma maior condensação passional? Isto já é questão do temperamento e da personalidade dos intérpretes, que não dá lugar a reparos verdadeiramente críticos; mas por tudo o que dissémos, permitimo-nos marcar a nossa preferência pelas realizações das Sonatas «À Primavera» e op. 30 n.º 3, em sol maior.

FRANCINE BENOIT

PERNAS E BRAÇOS ARTIFICIAIS

Rigorosa técnica de adaptação a actuar com os mais aperfeiçoados e recentes modelos. Eficiência comprovada. Garantia absoluta. **APARELHOS ORTOPÉDICOS, CINTAS MEDICINAIS E ORTOPÉDICAS, FUNDAS, MEIAS ELÁSTICAS, BENGALAS, MULETAS, ETC. CADEIRAS E CARROS PARA DOENTES.**

CONSULTE O:

CENTRO ORTOPÉDICO

RUA DO ARCO DA GRAÇA, 51 (á entrada do Hospital de S. José) — Telef. 361925 LISBOA

ALGARVE

S. I. A. — SOCIEDADE IMOBILIÁRIA DO ATLÂNTICO

MAGNÍFICO INVESTIMENTO DE CAPITAL

ALBUFEIRA

VENDEM-SE: Moradias modernas. — Janelas para o mar, com uma, duas ou quatro residências.
PREÇOS: de 180 a 700 contos por residência.
PAGAMENTO: 10% de sinal e o restante em 30 prestações.

TRATAR COM OS PROPRIETÁRIOS E CONSTRUTORES:

LISBOA — S. I. A. — Rua do Ouro, 110-5.º (Edifício do Banco Português do Atlântico)
ALBUFEIRA — EMPRESA COMERCIAL A. J. CABRITA

PRAIA DA ROCHA

S. I. A. E COPROL (ASSOCIADAS)

VENDA DE APARTAMENTOS

GRANDE PRÉDIO EM CONSTRUÇÃO — 40 apartamentos modernos, com ascensores, varandas para o mar, acabamentos esmerados.
PREÇOS: 300 a 500 contos por apartamento.
PAGAMENTO: 20% de sinal e o restante em 40 prestações.

TRATAR COM OS PROPRIETÁRIOS:

LISBOA — S. I. A. — Rua do Ouro, 110-5.º (Edifício do Banco Português do Atlântico)
PRAIA DA ROCHA — **COPROL** — CONSTRUÇÕES PRAIA DA ROCHA, LDA.

TOMAR

+

Benvinda Mendes Godinho Núncio

FALECEU

Maria do Carmo Godinho de Almeida, Manuel Mendes Godinho Junior e sua mulher, Maria do Carmo Freire Mendes Godinho, Georgina da Conceição Mendes Godinho e seu marido, Egízio da Silva Godinho, Maria da Conceição Mendes Godinho, Manuel de Sousa Godinho e sua mulher, Laura Godinho de Almeida e Sousa, Maria Henriqueta de Almeida Correia e seu marido, José Augusto Pimentel Correia, Benvinda Godinho de Almeida Shearman de Macedo e filhos, Georgina Godinho de Almeida Baptista, seu marido, dr. José Augusto de Oliveira Baptista, e filhos, engenheiro Manuel Freire Mendes Godinho e sua mulher, Maria da Conceição Albuquerque de Freitas Godinho, Maria dos Anjos Mendes Godinho Passos, seu marido, coronel Humberto Passos, e filha, Maria do Céu Godinho de Queiroz e Melo, seu marido, António Matos de Queiroz e Melo, e filhos, dr. João Mendes Godinho Junior, sua mulher, Maria Emília Parente Mendes Godinho, e filhos, Maria Henriqueta Mendes Godinho Novais, seu marido, dr. João José Leite de Abreu Novais, e filhos, engenheiro Nuno Maria Godinho Mourão, sua mulher, Maria Candida Antunes Mourão, e filhos, Vitor Manuel Mendes Godinho, sua mulher, Maria Sara Mendes Godinho, e filhos, Vasco António Mendes Godinho, sua mulher, Maria de Lourdes Feliciano Mendes Godinho, e filhos, participam o falecimento de sua irmã, cunhada e tia e que o seu funeral se realizou no dia 17 do corrente. Mais participam que no próximo dia 23 será rezada, na Igreja da Misericórdia, em Tomar, pelas 8 e 30, missa pelo seu eterno descanso.

Helena da Encarnação Santos

MISSA DO 7.º DIA

Sua família participa que mandam rezar amanhã, dia 23, ás 8.30, na igreja de S. Sebastião da Pedreira, missa pelo seu eterno descanso.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

SUNWAY

O «Diário de Lisboa» vende-se em Moscavide na Agência D. Laura Massano, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, lote 5.

EMBALAGEM COM UM CRIME

por FRANK KANE

FOLHETIM SEMANAL DO

Diario de Lisbôa

17

RESÚMO DOS CAPITULOS ANTERIORES — Liddell, um detective particular, é procurado por uma rapariga que lhe dá um embrulho para guardar. Diz-se ameaçada. Pouco depois é atacado por um desconhecido que leva o embrulho. Graças a uma velha caixa de fósforos, o detective vai a um clube nocturno, onde pensa estar o centro da meada do mistério. Encontra ali a rapariga, que o procurara Combinam um encontro. Liddell vai a sua casa, dando com ela morta. Volta ao clube nocturno e luta com o dono deste, conseguindo reaver papéis que julga terem estado no fatídico embrulho.

CAPÍTULO IV

Johnny Liddel inclinara a cadeira toda para trás e olhava agora pela janela aberta sobre o parque, oito andares mais abaixo. Após uns minutos, levantou-se e atravessou o gabinete em direcção ao filtro de água. Bebeu da água cristalina, amachucou o copo de papel na mão e atirou-o para o cesto. Depois, voltou para a secretária e olhou os papéis empilhados sobre o tampo.

Após uns momentos, agarrou-os e folheou-os lentamente. Constavam de nomes com datas e quantias. Certos nomes eram-lhe vagamente familiares, causando-lhe uma espécie de mal-estar... Nomes de agentes da Polícia. Olhou de mau humor para aquelas listas e atirou-as para cima da secretária. Acercou-se da janela e continuou a contemplar o firmamento enevoado.

Que relação haveria entre a loira cor-de-cinza e aquelas listas de pagamentos de uma quadrilha que dirigia casas de batota e, provávelmente, tinha outros negócios do sindicato do crime — droga, escravatura branca, contrabando? Seria uma espia a soldo de uma quadrilha rival? Johnny praguejou baixinho, furioso consigo mesmo.

Voltou-se ao ouvir a porta do gabinete abrir-se. A sua secretária ruiva entrou e depositou um maço de correspondência sobre a secretária.

— A que horas chegaste? — perguntou. — Ou não chegaste a ir a casa?

— Tinha várias coisas para fazer. — Acenou a cabeça para o correio. — Alguma coisa de interesse?

A ruiva encolheu os ombros.

— Dois ou três cheques. E uma carta sem pés nem cabeça, — apanhou uma carta dobrada e ergueu-a na ponta dos dedos — de uma tal Doris Benson. E' tua conhecida?

Liddell abanou a cabeça.

— Que é que ela quer?

— Pretende contratá-lo. Diz possuir provas que demonstram a inocência do irmão. — Ergueu a cabeça. — Quem é ele?

Liddell esboçou uma careta

— Sei lá! Se ainda nem falei com essa pequena! Provávelmente... — Parou e franziu a testa. — Benson? Espera aí. Esse nome faz-me lembrar um caso. — Passou pela empregada e tirou-lhe dos dedos a carta que percorreu rápidamente com o olhar

— Onde está o sobrescrito desta carta?

— No cesto, juntamente com os outros. Porquê? Resolveu coleccionar selos, agora? — perguntou com um sorriso.

Liddell dirigiu-se ao cesto dos papéis, rebuscou-o com vivacidade e voltou com um pequeno sobrescrito. Estudou o carimbo e acenou a cabeça.

— Que há de tão fascinante no sobrescrito?

— Creio que sei quem é a rapariga. Pinky. Deve ser a mesma que ontem me esperou á porta do escritório. Confiou-me um embrulho para guardar. — Com o queixo apontou os papéis sobre a secretária. — Agora já faz sentido...

Porquê?

— Benson era tenente da Polícia. Gozava de uma boa reputação, mas surgiu uma sindicancia e o tipo suicidou-se. — Atirou a carta para cima da secretária. — Pelo menos, é o que consta.

— E tu achas que não, não é verdade? Oh, Johnny! Deixa que a Polícia se ocupe do assunto. Lembra-te de que temos o relatório do caso Carter para elaborar, as facturas para...

— Benson não se matou, Pinky. Se fosse culpado, o seu nome constaria da lista. E não está. Arranjaram-lhe uma tramoia de molde a comprometê-lo. Por isso, o assunto era tão importante para a irmã

A ruiva acenou a cabeça.

— Muito bem, e por essa razão, tu atiraste-te ao assunto com unhas e dentes. Pois bem, devolve-lhe agora a papelada e deixa que ela vá contratar outra pessoa. Tens mais assuntos em mãos e, além disso...

— Não posso devolver-lhe coisa alguma. A pequena morreu. Assassinaram-na ao descobrirem que ela tinha lançado a mão a estes documentos.

— Quem a matou?

Liddell meteu a mão no bolso e tirou dois cigarros

— Um tipo chamado Ângelo. Dirige um clube chamado «Dude Ranch». — Acendeu os dois cigarros e entregou um á rapariga. — Ela trabalhava lá como vendedora de cigarros. Provávelmente para lançar mão destes documentos.

Pinky encolheu, novamente, os ombros.

— Então, é simples. Entrega Ângelo á Polícia e ela que se ocupe do assunto.

Liddell soprou uma baforada de fumo.

— Não é assim tão simples. Ângelo também já se foi. Matei-o eu... quando reavi os papéis.

— Cada vez melhor — gemeu a ruiva. — E agora?

Liddell fumou por momentos.

— Agora há que provar a quem pertencem estas listas. Quando provar isso, terei o patrão de Ângelo nas unhas. E' esse quem eu procuro.

— Que é que te faz pensar que ele tem um patrão?

— As listas. Dizem respeito á Polícia da cidade, a que Benson também pertencia. Se as listas pertencessem a Ângelo, diriam respeito ao corpo da Polícia Rural. Talvez alguns constem dessa lista, mas a maior parte são nomes de agentes de cá.

— E como pensas descobrir?

Liddell aproximou-se da janela e olhou o parque lá em baixo.

— Não tenho que descobrir; já sei. Só existe um *gangster* capaz de ter uma lista deste tamanho...

— Al Zito?

Liddell acenou a cabeça.

— Al Zito, o «Grande». — Virou-se e encarou a empregada com olhar sombrio. — Se lhe vou deitar a mão terá de ser depressa, porque logo que ele descubra que sou eu quem possui as listas...

— Johnny, não sejas tolo. Não te podes medir com Zito. Ninguém...

Mas Johnny levou o dedo aos lábios e apontou para uma sombra desenhada no painel de vidro fosco do escritório.

Era a silhueta de um homem. Um homem baixo. Ficou parado por momentos, mas, depois, outra sombra surgiu a seu lado. Num ápice, Liddell agarrou os papéis, tirou um livro da prateleira, enfiou os papéis lá para trás e tornou a repor o livro.

A porta do escritório abriu-se, e dois homens surgiram no limiar. Um deles tinha ombros largos, feições grosseiras e pálpebras papudas. O outro era magro e de uma beleza quase feminina. Não trazia chapéu e tinha um cabelo que já começava a ficar ralo nas têmporas. Enfiara a mão na lapela do casaco, mas via-se-lhe o pulso com uma pulseira de identificação em ouro.

— A sala de espera é lá fora — disse-lhes Liddell.

O homem dos ombros maciços torceu os beiços num assomo de sorriso.

— Pois é, mas nós não *'tamos p'ra esperar*. Há uma pessoa que quer falar consigo, camarada.

Liddell encolheu os ombros.

— Pois essa pessoa que telefone á minha secretária e marque uma conferência.

O outro atravessou o gabinete e segurou o braço de Liddell com uma manápula do tamanho de um presunto.

— Muito engraçado, mas o tipo de quem falo não é muito esquisito sobre o estado em que você lhe aparecerá, desde que apareça.

Nesse momento, o homem de cabelos ralos meteu-se na conversa.

— Não será preciso isso, Luke. Liddell virá connosco. — Segurou o braço de Johnny. — Tenho a certeza de que você não gostaria de o fazer esperar, não é verdade? Ele pode zangar-se...

Liddell esmagou o cigarro no cinzeiro.

— Com que então o próprio Zito, hã? Que diabo quer ele de mim?

O homem magro retirou a mão da lapela.

— Talvez precise de um quarto parceiro para o *bridge*... Você, ele, Ângelo e a pequena dos cigarros.

— Pois isso parece-me mais um jogo de solitário.

O outro mostrou os dentes num sorriso postiço.

— Talvez acabe dessa maneira.

(Continua)

Em BELMONTE o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na «FLOR DO ZÊZERE».

Guerra sensacional às constipações!

Eficaz contra:
- Catarro nasal
- Constipações — Tosse
- Bronquites
- Asma ou coriza dos fenos
- Asma bronquica
- Amigdalite
- Inflamações da garganta e da faringe
- Sinusite frontal, nasal e maxilar

Clima maske HICO

HOJE em cada lar contra todas as afecções das vias respiratórias o inalador eléctrico portátil de calor regulável concebido pelo dr. Dobbelstein para a respiração de ar quente e seco

Patente mundial

A VENDA NAS FARMACIAS

Distribuidores exclusivos para Portugal
HASSE, LDA.
3, CALÇADA DO GARCIA, 5
Telef. 86 20 40 — LISBOA-2

DEPOSITARIO NO PORTO
BORAL
R. DA FÁBRICA, 36
Telef. 3 44 17

BAMBINA

ARMAZÉM DE LÃS PARA TRICOT — FIOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

VENDA DIRECTA AO PÚBLICO

LÃS TIPO ESCOCESA SHETLAND, MOHAIR, PLATINA, FOOTING, SAFIRA, ETC.

LÃ AUSTRALIANA DESDE 130$00 O QUILO

RÁFIA E PERLAPONT AOS MELHORES PREÇOS

Enviam-se amostras e lãs á cobrança para todo o País

BAMBINA — Avenida Duque d'Ávila, 65, r/c.
Telefone 46472 (Junto ao Cinema Avis)

Em Sacavém o «Diário de Lisboa» é vendido por intermédio da V.ª de António d'Oliveira Paciência.

NOTAS DE UM ROMANCISTA

A MASCOTE de Saint-Germain

por FERNANDO NAMORA

DESTA vez projecto demorar-me quinze dias em Saint-Germain-des-Près. E durante a longa viagem da insípida Suíça até ao coração da França, faço vôtos (que até certo ponto não foram traídos) de só por excepção ultrapassar o Sena para a cidade convencional da outra margem. Nas minhas viagens anteriores a Paris, sempre frenéticas, apenas enfiara a ponta do nariz no Bairro Latino, de raspão, como quem espreita nervosamente pelo buraco da fechadura um mundo que não deve ser desperdiçado numa provadela fruste. E, enfim, eis-me em Saint-Germain, disposto a saboreá-lo, pausadamente, até ao fundo do copo.

Dou voltas do diabo para conseguir um hotel. Sob um ou outro pretexto, não é fácil encontrar um tecto neste bairro um tanto perturbante e logo monótono, que, aos poucos, foi devorando as tradições dos outros bairros, a gula embasbacada dos turistas e a imaginação dos inventores de exotismos, até se crismar, a si próprio, do mais característico cartão de visita de Paris. E embora não haja ali lugar para espantos, visto que em Saint-Germain tudo é possível acontecer, não deixo de exibir o meu assombro de provinciano perante o primeiro hóspede que desce nesse momento a suja escadaria do hotel: talvez seja uma mocinha um tanto carnavalesca, mas também poderá identificar-se com um rapazola adolescente. O penteado não me ajuda a definir-lhe o sexo: lembra a cabeleira mais ou menos piolhosa de certos garotos de aldeias, a quem as mães, de tempos a tempos, disciplinam a trunfa com uma tesourada drástica e oportuna. Pensando bem, porém, creio que representa uma versão farfalhuda desses cabelos das Joanas d'Arc das revistas cinematográficas. Quanto ao vestuário... Bem, o vestuário começa num casacão branco, de fitas pendentes e um bordado gritante, sugerido, talvez, pelos índios prefabricados das pradarias americanas. Do casacão escorrem umas calças de ganga, terminando nuns pés minusculos, escondidos numas alpargatas azuis. O rosto que emerge desta palhaçada (ah, os meus pruridos burgueses! Mas não foi Oscar Wilde que escreveu: «Por detrás do que é exótico, encontra-se o trágico»?), o rosto é pálido, rechonchudo, infantil, de olhos límpidos e tranquilos. Os lábios grossos, mas rosados, não lhe estragam a suavidade. Enfim: a personagem é quase uma mulher. Ou antes: é, segundo me disseram mais tarde, a F... de Saint-Germain. (O seu nome é hoje excessivamente conhecido e parece-me razoável essa discrição...). É a pulguinha irrequieta e pitoresca deste mundo onde a fragilidade e o feminino dos nossos climas parecem, sob muitos aspectos, discordantes. Foi por isso, ao que se julga, que a F... conseguiu destacar-se nesta feira de génios e excentricidades de todos os naipes, neste fragor de raças, de miragens, de ambições e até de violências. A frágil F..., de dorso curvado, débil e silenciosa como uma sombra, é qualquer coisa que apetece esconder nas mãos. A quem apetece descobrir um refugio para a resguardar da alucinação da rua.

Foi na manhã seguinte que o porteiro me indicou sorrateiramente a rapariguinha.

— Esta é que é a F...

Fiquei sabendo, pelo mistério e reverência da frase, que eu tinha obrigação de conhecer a existência da célebre e que esta oportunidade de a ver com os meus próprios olhos tinha sido uma mercê do acaso. Para não desmerecer no conceito do velhote, achei preferível não fazer mais perguntas.

A F... entrava e saía muitas vezes do hotel; em certas ocasiões, trazia debaixo do braço uma grande pasta de cartão; de outras, pendurava-se-lhe do braço uma bolsinha tão ridícula como tudo o resto que fazia parte da sua indumentária. A bolsinha e também um embrulho com as pobres refeições. Acabei por saber o que continha a pasta: pinturas. Assim que percebeu a minha curiosidade, a F... apressou-se a mostrar-me as suas obras, prevenindo desde logo que os «gouaches» maiores valiam dez mil francos, nada menos, e os outra metade. A valia media-se, muito objectivamente, pelo tamanho.

Não é fácil dizer o que era a sua pintura, mas sim o que ela sugeria: qualquer coisa como o deslumbramento, tímido e repetido, de um adolescente. Nas largas manchas azuis e amarelas — campos, céus, casas —, surgiam olhos ávidos ou estonteados, e corpos franzinos. No entanto, o processo soou-me a moeda falsa.

O porteiro afiançou-me depois que a F... fazia um dinheirão com os seus quadrinhos. Muito conhecida no bairro, os jornalistas falavam dela a todo o momento (e, quando se esqueciam, ela não hesitava em fazer-se lembrada), transformando-a, como disse, na mascote do Bairro Latino. Desse modo, os americanos, nos meses em que, num vendaval de dólares e arrogancia inundam as ruelas cinzentas de Paris, vêm ao hotel oferecer grossos milhares de francos por qualquer ninharia que exiba a sua assinatura. F... é Saint-Germain. Levar daqui uma das suas pinturas é levar um pedaço autêntico daquele Paris que perdura na memória dos turistas.

Mas a F... («milionária já», segreda-me ainda o porteiro) continua a mesma de sempre: substituindo as refeições de garfo por «croissants» e vestindo blusões de artista sem vintém, visto que a sua glória, uma glória muito vulnerável, não poderia ser compatível com uma conta bancária.

Dois dias depois, com novo espanto, vejo duas livrarias expondo com ares de grande acontecimento um romance da F..., tendo no frontispício a assinatura prestigiante de uma famosa casa editora. Emoldurando os livros, retratos da F..., nos quais o seu rostozinho candido e ainda mais redondo nos pede licença da ousadia. E alguns quadros, claro. A F..., com o lançamento dos livros, anda numa roda viva. Sempre que entro no hotel dou com ela a telefonar aos críticos, aos amigos influentes, a todo o mundo, e nesses momentos a sua expressão parece-me adulta e sabida. É preciso transformar o livro num sucesso. A F... não se fecha no quarto á espera que lhe tragam numa bandeja a glória e... o dinheiro. Procura-os, luta por eles como um obreiro.

É de novo o meu prestimoso e coscuvilheiro porteiro quem me define a impaciência da rapariga com estas palavras esclarecedoras em qualquer língua: «Esta garota enfia-se como uma enguia».

Reparo, por fim, que um mocetão espigado e loiro, também penteado e vestido com o desleixo em que já ninguém repara, vem procurar a F... com insistência. Não sobe ao quarto. Espera-a decentemente no rés-do-chão e saem depois juntos como dois camaradas.

— A F... tem admiradores... — insinuo.

— É o marido — e o meu informador espreita para todos os lados com alarme, não vá algum bisbilhoteiro ouvir-nos.

— O marido?!

— Sim, mas ninguém sabe disso. Se a F... fosse casada, isto é: se alguém o soubesse, quem lhe compraria os quadros? Quem lhe editaria os livros? Ele trabalha no cinema e ganha bem. Se os soubessem casados, estava tudo estragado. A F... só é F... solteira, criança, desamparada e... assim como o senhor vê. Um francês, fique sabendo, nunca se perde!

Fico pensativo. Talvez que tudo isto, ao fim e ao cabo, seja o retrato de Saint-Germain.

O arquiduque Alberto Augusto

Estava por estudar entre nós a personalidade deste cardeal que foi vice-rei de Portugal, que depois despiu a púrpura para casar com sua prima, a infanta Isabel Clara Eugénia; e que foi morrer soberano dos Países Baixos. Estava por estudar, como estão tantas outras figuras eminentes da nossa história, umas que o destino enfeitou e outras que no destino influiram pela sua inteligência, pela sua vontade ou pela maneira como souberam aproveitar os colaboradores e as circunstancias que se lhes depararam.

Sobre o arquiduque Alberto saiu agora uma valiosa monografia, apresentada com um luxo gráfico que a torna simultaneamente um livro de história e um livro de arte. Assina-a o antigo procurador-geral da Republica, doutor Francisco Caeiro. Aproveitou este os ócios de jurista reformado em lavrador, para estudar um quadro a óleo que foi de Manuel Teixeira Gomes, coleccionador de tão apurada sensibilidade como requintado gosto, e que hoje faz parte do recheio da Casa da Azaruja. É de P. P. Rubens e representa o arquiduque na plenitude do seu vigor. Desse quadro passou o doutor F. Caeiro a outros óleos, gravuras, á personalidade do retratado, á documentação sobre ele existente aqui e além, nos livros e nos arquivos. E assim nasceu um historiador depois de se reformar um homem de leis.

«O Arquiduque Alberto de Austria» foi de facto o filho espiritual de Filipe II, aquele filho que ele desejaria ter tido, obediente e sagaz, atencioso e firme em tudo que lhe parecesse a vontade do rei e o interesse do Estado. Por conveniência de Estado entrou no clericatura e por interesse de Estado a abandonou. Não se fala em paixões nem em vocação ou amor, mas apenas nas conveniências; é verdadeiramente o espelho de uma alma a carta dirigida ao Papa, em que pede a renuncia ao cardinalato: «Não se trata de razões leves nem de interesses particulares, mas de motivos graves, não só para dignidade da nossa Casa de Austria, mas sobretudo para o bem e tranquilida de comum do Estado e da Cristandade... Entre as principais está a de o Rei Católico, que o é de no me e de facto, meu cunhado, meu tio e meu senhor, haver resolvido que eu me casasse com sua filha primogénita, a Serenissima Infanta. Eu sei quanto isto é honroso para mim e para a minha família; todavia asseguro que apenas me deixei levar pela consideração do bem publico que daí pode resultar...».

Os interesses da Casa de Austria são o motivo sobre todos ponderoso que levaram o cardeal a substituir seu irmão, arquiduque Ernesto no Governo da Flandres e como noivo de sua prima. Não foi ordenado presbítero como estava prestes a sê-lo. Passara já os entusiasmos da juventude se é que alguma vez os tivera, e, aos 36 anos, esse homem de Estado que era um homem de Igreja tornava-se também um chefe de família para se enquadrar plenamente nos planos de seu tio e sogro. Deixara já o Governo de Portugal onde acumulara as funções de vice-rei e de inquisidor-geral.

O doutor Francisco Caeiro consagra um capítulo especial da sua obra ás relações do cardeal Alberto com a Inquisição Portuguesa. Bem documentado, como aliás todo o volume, é todavia algo difuso. Nele se diz que «o tribunal da Inquisição fora, de resto, desde a sua instituição, como em Espanha, uma máquina puramente regalista». Parece-nos que aqui se foca um problema em que reina bastante confusão e em que se lançam ideias que os documentos não confirmam.

A verdade é que se a Coroa insistiu e teimou pelo estabelecimento do tribunal da Inquisição em Portugal, desde que a instituição se organizou e criou raízes e poder, emancipou-se verdadeiramente da Coroa e por vezes com ela discutiu e levou a melhor. A Inquisição, tribunal político no sentido de ser um mero executor das ordens emanadas do Paço ou que ao soberano interessavam, se é exacto quanto á Espanha não o é quanto a Portugal. Com o cardeal D. Henrique inquisidor começou esse poder inquisitorial á margem da Coroa e o período em que ele governou foi atribulado demais para transformar o mesmo tribunal em braço do Estado. Parece-nos que a nomeação do cardeal Alberto, vice-rei, para inquisidor-geral; assim como a reunião dos dois cargos, depois, no bispo D. Pedro de Castilho, sob o Governo do qual sairia o «Regimento» de 1613, visaria exactamente a tornar a Inquisição Portuguesa, á semelhança da Espanhola, em instrumento de poder real. Mas a evolução não se verificou nesse sentido e a verdade é que só o marquês de Pombal a tornaria realmente um instrumento dócil nas mãos do rei, a ponto de

Dr. Francisco Caeiro

nela fazer condenar quem lhe aprouvesse. Antes de Pombal, D. João IV e D. Pedro II, em particular, tiveram de engolir muitas vezes em seco.

O doutor Francisco Caeiro lembra que «o tribunal da Inquisição era um tribunal régio ou «tribunal da Coroa», como mais tarde lhe chamou o cardeal da Cunha, em que a influência do rei era ainda de efeitos mais seguros, profundos e simples, do que nos outros tribunais, apoiada no segredo dos processos e na enorme coacção física e moral das torturas e das penas». Que quando o cardeal da Cunha lhe chama «Tribunal da Coroa» a Inquisição o era de facto, não há duvida. Que o digam as condenações de Malagrida e do Cavaleiro de Oliveira. Que antes o fosse de facto, não é exacto, porquanto vemos, por exemplo Manuel Fernandes Vila Real ser queimado, perante a impotência de D. João IV para lhe valer; vemos o conde de Vila Franca ser condenado a desterro, sem que o mesmo rei lhe valha também; e Duarte Silva, um dos financeiros do Restaurador, depois de preso e penitenciado, aproveitou o levar o dote de D. Catarina de Bragança, para não mais voltar. O tribunal chegou a apresentar-se, no século XVIII, entre nós, como sendo «menos uma arma de defesa da fé do que um sindicato de interesses privados, cioso do seu poder e privilégios», como diz A. Gonçalves Ro-

(Continua na 26.ª página)

Saudação

Adeus, ó sonho longínquo,
Presença eterna dum pulsar maior,
Criação absoluta do belo!
Roubo-te á vulgaridade dos dias,
Para a alma te trago,
Todo um sistema de ilusões
Que gravitam na emoção.

Existência infeliz,
Porque regressa só na hora da es-
[perança
À ilusão da felicidade.
E a mágoa ampliada pela injustiça
De existir,
E o coração, charco de sangue,
que apodrece num mundo desco-
[nhecido...

Adeus, ó sonho longínquo,
Musica sublime,
Alma!
De repente encontrada
No movimento dissecante,
Na indiferença colectiva,
No barulho vazio das capitais fe-
[lizes.

ARTUR DE VASCONCELOS SOBRAL

«Os jogado

QUEM NÃO NÃO N

(Continuação da 17.ª página)

de descer...) que substitua o acto de criar, no que toca á produção, e uma prática social comum, no que toca ao consumo. Ou o artista obedece ao seu caprichoso mecanismo interno de criação e produz com a personalidade inteira uma obra de arte («faz da tua dor um poema», ou da tua alegria, ou da tua revolta) ou, submetendo-se ao que lhe não está no sangue e, violando, assim, as leis daquele mecanismo, sempre nos dará um produto inferior que de arte só terá o nome Ou artista e publico partilham duma mesma experiência e dum mesmo ambiente emotivo e ideológico e teremos uma arte «compreendida», com maior ou menor latitude, por esse publico: ou a sociedade se encontra profundamente dividida por interesses, experiências, ambições divergentes, e sempre a arte será menos expressão de identidades do que de antagonismos. Sempre ela será para «o publico» — sobretudo nos períodos máximos de tensão, em que o desentendimento já não existe apenas de grupo para grupo, mas de indivíduo para indivíduo e, com dramática intensidade, dentro de cada indivíduo — uma expressão de verdades não só alheias, mas hostis.

Acontece, todavia, que em arte, toda a interpretação é delicada, a começar pelo significado de «alheio» ou «hostil». Acontece que nesse «alheio» há sempre muito de cada um de nós e que na sua «hostilidade» fervilham muito mais elementos de simpatia e unidade do que ao primeiro aspecto poderá parecer. A sua doença é uma doença nossa, com certeza, mas por nossas mãos prodigiosamente transferida para uma situação de possibilidade permanente de recuperação. O que em cada um de nós morre ou apodrece — em nós-indivíduo ou em nós-grupo — renasce nela para um destino de superação, que não pode afinal classificar-se melhor do que dizendo que é o nosso próprio destino — previsto e confirmado, moribundo e renascente.

Só isto explica, ao que suponho, que se vá enfim tornando claro não deverem confundir-se actos, no fundo, tão intimamente ligados (mas quão diferenciados) como «ver» e «pintar» e que, independentemente da luta de sempre pela arte que cada um ou cada grupo desejaria que houvesse ou venha a haver, se sinta cada vez mais a necessidade de conhecer a arte que há. É visível que um sector de publico mais e mais vasto se está agora a interessar pela arte ou por assuntos que directamente lhe dizem respeito: histórias de arte, ensaios, biografias de artistas, reproduções, sobretudo, de pintura. E é visível também — novidade importante — que se fortalece a corrente dos que consideram a ausência da arte nos pla-

«Os jogadores de cartas», de Cezanne

M NÃO SABE ARTE
IÃO NA ESTIMA

17.ª página)

stitua o acto de
produção, e uma
no que toca ao
obedece ao seu
interno de cria-
personalidade in-
(«faz da tua dor
a alegria, ou da
etendo-se ao que
gue e, violando,
mecanismo, sem-
duto inferior que
me Ou artista e
na mesma expe-
ambiente emo-
eremos uma arte
maior ou menor
ico: ou a socie-
rofundamente di-
experiências, am-
empre a arte será
entidades do que
pre ela será para
udo nos períodos
m que o desen-
te apenas de gru-
le indivíduo para
ática intensidade,
duo — uma ex-
o só alheias, mas

ue em arte, toda
cada, a começar
neio» ou «hostil».
ilheio» há sempre
nós e que na sua
muito mais ele-
unidade do que
oderá parecer. A
ença nossa, com
sas mãos prodi-
para uma situa-
ermanente de re-
cada um de nós
em nós-indivíduo
renasce nela para
io, que não pode
lhor do que di-
róprio destino —
moribundo e re-

que suponho, que
claro não deve-
, no fundo, tão
nas quão diferen-
«pintar» e que,
luta de sempre
ou cada grupo
ou venha a ha-
mais a necessi-
e que há. É visí-
publico mais e
gora a interessar
ntos que directa-
eito: histórias de
s de artistas, re-
de pintura. E é
ridade importante
corrente dos que
da arte nos pla-

nos de estudos dos vários países uma lacuna muito grave. Ao mesmo tempo, parece ganhar terreno, embora devagar, a aceitação desta verdade de que quase tudo depende: na arte, como nas línguas (aproximação não tão superficial como poderá parecer), é preciso começar pela infancia.

Mas é evidente que aqui se ergue logo um novo grande problema. Não penso agora no pobre destino dessas crianças que levam o dia inteiro numa roda-viva, depois das suas aulas, saltando da lição de pintura para a de piano, da de piano para a de «ballet», numa série de experiências desencontradas, incompletas e extenuantes, que deveriam estar integradas na sua actividade escolar. Penso apenas, no conhecido facto de muitos dos que reconhecem a necessidade de introduzir a arte na vida e na escola, estarem quase sempre a pensar numa nova disciplina — a de história da arte —, a acrescentar ás tantas que, na mais surpreendente das descoordenações, atafulham os programas actuais. Ou em conferências. Ou em visitas colectivas a museus.

Repetir-se-á com a arte, se o seu ensino alguma vez for decretado, o mesmo equívoco que, entre outros, vitima os demais ensinos e que consiste em serem os métodos activos considerados, quase sempre, experiência interessante, em certos momentos aplicável, e não a maneira unica de verdadeiramente ensinar?

Muito especialmente no caso da arte, é de convívio que acima de tudo se trata, de convívio interior que não se aprende pelo livro (ou pela televisão...), de entendimento a que se chega, que se conquista, através duma série de fases, sem duvida organizáveis e conduzíveis num plano escolar desde que se parta dum conceito activo de trabalho e se disponha dos meios suficientes, incluindo, primeiro que tudo, professores preparados.

Num artigo bem oportuno há pouco publicado neste mesmo jornal, em que o problema se pôs com toda a lucidez, perguntava Faustino Torres: «Qual a influência que podem exercer três ou quatro visitas por ano (e é esta a melhor hipótese) a um ou outro monumento, a um ou outro quadro?». A resposta é só esta: Nenhuma. Mas mil dessas visitas, como do mesmo artigo se conclui, não a teriam maior. O convívio com a pintura ou a escultura, por exemplo, exige silêncio e possibilidade de concentração. Cada um tem de tentar sózinho o caminho que se lhe abre, porque esse caminho vem de encontro, ou não (depende de nós e dele), ao que há de mais íntimo, porventura ainda ignorado, em cada um de nós. Nem todas as obras levam o mesmo tempo a revelar o seu segredo, a iluminá-lo. Nem todas as pessoas levam o mesmo tempo a descobri-lo, a aceitá-lo ou a recusá-lo. E nada disto se pode conseguir debaixo de forma ou em grupos saltitantes e barulhentos, como não se lê um romance em coro. Nada disto é possível, sobretudo, se não se experimentou, com tempo e a seu tempo, «como aquilo se faz». As visitas de estudo são naturalmente indispensáveis em qualquer plano de cultura artística, pois nada substitui o contacto directo com as obras. Mas fazem parte dum ponto já avançado da marcha. Apesar da sua grande importancia, são pormenor (há pormenores de valor decisivo) no conjunto das «actividades» destinadas á educação dos sentidos e da sensibilidade, sem a qual não há «conhecimento» possível de qualquer arte. Sem a qual não existe aquele «saber» de que Camões falava ao afirmar que «quem não sabe arte não na estima».

E' a arte o que de mais espontaneo existe na produção humana e só espontâneamente pode ser entendida. Mas esta espontaneidade prepara-se, a sensibilidade educa-se. Só isso é, na verdade, promover o conhecimento da arte, divulgá-la, na escola ou fora dela. Só isso é criar um publico, alargar mais e mais as condições de entender o apelo ou apelos que a arte nos dirige através das suas estranhezas e hostilidades, mesmo quando tudo (incluindo ela própria) parece estranho e hostil.

MÁRIO DIONÍSIO

DOS PRIMITIVOS A PICASSO
—uma notável exposição em Londres

Encerrou-se agora, em Londres, a Exposição de Inverno da Royal Academy, sob o tema «Dos Primitivos de Picasso», que reune, pela primeira vez, uma selecção das melhores obras de arte existentes nas colecções publicas fora de Londres. E' constituída por cerca de 300 pinturas, 120 desenhos e 20 esculturas, que vão desde os antigos mestres das escolas italiana e nórdica, até ao presente. Esta exposição não foi planeada com o fim de realçar qualquer estilo ou época, em especial. A sua selecção foi orientada pelo desejo de que cada colecção fosse representada apenas por obras de excepcional valor. Isto deu como resultado um certame geral de extraordinária variedade.

Coube a Philip James, secretário da Associação dos Museus, a Benedict Nicolson, director da «Burlington Magazine», e dr. Kenneth Garlik, do Instituto de Belas Artes de Birmingham proceder á selecção dos trabalhos. Esta pequena comissão percorreu toda a Inglaterra, Escócia e País de Galles, tendo escolhido obras de 65 colecções municipais e universidades. A Galeria de Arte de Glasgow emprestou, entre outras obras, «A Mulher Adultera», de Giorgione; «Auto-Retrato», de Rembrandt e um elevado numero de obras de impressionistas franceses, da colecção Burrel. A contribuição de Liverpool e Birmingham é notável, sobretudo pela forte representação de primitivos italianos e de pré-rafaelistas. O Museu Bowes, de Barnard Castle, é representado pelo grande tríptico do «Mestre da Virgem entre Virgens» e pinturas de El Greco, Goya e Tiepolo Na secção moderna, de origens diversíssimas, acham-se obras de Picasso, Matisse, Braque, Ernst, Klee, Kokoschka, Sutherland, Nicholson e Pasmore assim como esculturas de Epstein, Moore, e Hepworth.

E' particularmente interessante, a contribuição prestada por pequenas e quase desconhecidas galerias, que, em certos casos, são representadas apenas por uma unica obra, como é o caso da Galeria de Arte de Astley Cheetham, com uma rarísima e até desconhecida pintura do século XIV, de autor italiano, «O Mestre da Madonna de Strauss».

A questão nacional dos painéis

Por exigências de paginação, o artigo do dr. Adriano de Gusmão, que foi publicado neste suplemento, no passado dia 1, não pôde sair com o título inteiro que estava no original: «Impossibilidade de ser Grão Vasco o autor das célebres pinturas provenientes de S. Vicente de Fora». Haverá, a propósito, que rectificar a legenda de uma das gravuras, que se referia ao «Painel dos Frades».

RELANCES DO MUNDO LITERÁRIO

● Morreu há pouco o poeta holandês Gerrit Achterberg, considerado uma das mais poderosas e originais personalidades literárias do seu país. «Este poeta da morte ficará como um dos nossos mais vivos poetas», escreveu um crítico, na Holanda, evocando a sua lírica do desespero, da solidão e das funebres ressonancias. Achterberg morreu com 55 anos e publicou muito poucos livros de poemas, que foram há tempo reunidos em quatro volumes sob o título de «Criptogramas».

● Anuncia-se o aparecimento na Inglaterra de uma nova edição actualizada, lançada pela Imprensa da Universidade de Oxford, de «The Annals of English Literature, 1474-1950». Trata-se de uma obra de consulta de extrema utilidade para os estudiosos, investigadores e estudantes.

● O pensador francês Armand Pierhal publicou um ensaio sobre a tolerancia a que deu o título «Le Diable est un imbécile». O demónio, na opinião do autor, seria o inspirador dos violentos e dos tiranicos, mas não verificando na experiência histórica que a violência e a tirania vêm sempre a recair nas suas piores consequências sobre os que as praticam. O livro tem suscitado vivos comentários.

● O historiador brasileiro Inácio José Veríssimo publicou «Pombal: os Jesuitas no Brasil», em que faz exaustiva análise da época pombalina no Brasil, não só no que directamente respeita á luta contra a Companhia de Jesus, como á evolução económica, formação dos primeiros nucleos de pensamento político autonomista, etc.

● Sob o título «Missão ou Demissão» publicou o político e escritor brasileiro Lourival Fontes um livro que debate temas politicos da maior oportunidade; uns de ordem externa, outros de ordem interna, mas todos reveladores do seu profundo sentido crítico e de observador da realidade política e social contemporanea. Faz um estudo da obra sociológica de Gilberto Freyre e dos problemas da África, actualmente tão debatidos. Edição José Olympio.

● Na sequência das suas colecções «Pelicano» e «Puffin» a editora inglesa «Penguin» iniciou uma nova série intitulada «Peregrino». Constituem a colecção, que o publico culto britanico acolheu com excepcional interesse, reedições integrais e a preço acessível de obras críticas de extraordinário valor. Entre os primeiros oito títulos publicados encontram-se: «The Common Pursuit», do dr. F. R. Leavis; «Seven Types of Ambiguity», de William Empson; «The Background of English Literature», de Herbert Grierson, etc.

● Foi publicado recentemente na Alemanha o primeiro numero de uma nova revista publicada pelo professor Walter Hollerer, da Universidade Técnica de Berlim, com o título «Sprache im Sechnischen Zeitalter» («A língua na era da técnica») (Editora Kohlhammer, Estugarda). A revista propõe-se investigar a evolução da língua na era presente e analisar as grandes transformações ás quais a língua está exposta na era da técnica. O editor realça no seu prefácio que a revista apresentará em secções especiais a linguagem moderna da política, da economia, da cultura, da arte, da literatura, da ciência e de outros domínios. Além disso, analisará a língua dos grandes meios de transmissão ás massas, a saber, a rádio, a televisão, as revistas ilustradas, os grandes jornais e a propaganda política.

O pintor e o violino

Em momentos de desocupada recreação o pintor Carlos Botelho cultiva como desprendido «hobby» de amador o violino. Aqui o vemos representado nesse devaneio, tal como o surpreendeu em flagrante improviso a jovem artista Cecília, nossa colaboradora habitual do «Suplemento Juvenil»

UM NOVO ÊXITO APRESENTADO PELOS **ESTÚDIOS COR**

PANORAMA DAS ARTES PLÁSTICAS CONTEMPORÂNEAS

de **Jean Cassou**

AS PRINCIPAIS CORRENTES E OS PRINCIPAIS REPRESENTANTES DA ARTE MODERNA, ESTUDADOS POR UM DOS MAIS CÉLEBRES CRÍTICOS DE ARTE DO NOSSO TEMPO.

Consulte o 1.º fascículo desta obra invulgar, para o que bastará enviar o talão anexo

Queiram enviar-me, sem compromisso da minha parte, o **1.º** tomo do **Panorama das Artes Plásticas Contemporâneas,** que devolverei, no prazo de 8 dias, se me não interessar.

NOME .....

MORADA .....

LOCALIDADE .....

EDITORIAL ESTÚDIOS COR, LDA.

CALÇADA DOS CAETANOS, 20-A — LISBOA - 2

TEM CARRO?
TEM PRÉDIO?
ENTÃO TEM DINHEIRO!
Visite a
ORCOSI
R. 1.º Dez. 45, 3.º — T. 367444
A FIRMA QUE RESOLVE OS SEUS PROBLEMAS FINANCEIROS NAS MELHORES CONDIÇÕES, RAPIDEZ E SIGILO

Terrenos para prédios de rendimento em Cascais

A Câmara Municipal de Cascais anuncia que no dia 7 de Abril próximo, pelas 15,30 horas, no edifício dos Paços do Concelho procederá à venda em hasta publica, de 3 lotes de terreno no Bairro do Rosário, em Cascais, e um lote na Amoreira, destinados à construção de prédios de rendimento, de harmonia com projecto aprovado a vender pela Câmara.

Os lotes em Cascais com as áreas de 309,24 m2, 238,66 m2 e 240,27 m2 serão postos em praça com a base de licitação de 800$00 por metro quadrado, e o de Amoreira que tem a área de 233,30 m2, com a base de 600$00 por metro quadrado.

O pagamento poderá ser feito em prestações sem juros.

Não se aceitam cheques.

Cascais, 15 de Março de 1962

O Presidente da Câmara,
António Azevedo Coutinho

PIANOS
Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
Est. Valentim de Carvalho, Lda.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

UM DIA NO TEJO
Bilhete turístico

A C. P. em colaboração com a E. G. T. e o Abidis Hotel tem á venda, para utilização em todos os domingos do ano, bilhetes turísticos, com todas as despesas incluídas, aos preços de 125$00 ou 92$50.

Informe-se e compre o seu bilhete nos seguintes locais:

Estações de Caminhos de Ferro
Lisboa (Rossio).
Lisboa (Santa Apolónia).

Despachos Centrais do Caminho de Ferro
Av. Praia da Vitória, 36 e 38
Travessa do Cais do Tojo, 15
Rua Almeida e Sousa, 14-A
Av. de Roma, 4-B
Rua Marquesa de Alorna, 22-A
Rua dos Anjos, 77-A

Agências de Viagens
E. G. T. (Rua do Arsenal, 124); Expresso (Av. António Augusto de Aguiar, 88-C); Havas-Exprinter (R. do Ouro, 234 a 242); Marcus & Harting, Ld.ª (Rossio, 45 a 50); Marsans Lusitana (Av. da Liberdade, 72-A); Mundial Turismo (Travessa da Glória, 19-A); Orey, Antunes (Praça Duque da Terceira, 4); Roque (Rua de S. José, 21); Santa Maria (Rua Nova do Almada, 60); Turismo Portugal (Rua Alexandre Herculano, 12-A) Wagons-Lits (Av. da Liberdade, 103).

ROYAL EXCHANGE ASSURANCE

BALANÇO GERAL

Contas relativas a 31 de Dezembro de 1961 dos negócios em Portugal

ACTIVO	Acidentes de Trabalho	Restantes Ramos	Contas Gerais	Subtotais	Totais
RESERVA MATEMATICA (Resseguros cedidos)	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—
RESERVA DE GARANTIA (Resseguros cedidos)	—$—	347.100$00	—$—	—$—	347.100$00
RESERVA DE SEGUROS VENCIDOS (Resseguros cedidos)	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—
VALORES DE EMPREGO DAS RESERVAS					
Títulos de Crédito e Numerário					
Próprios	—$—	—$—	6.697.025$00	6.697.025$00	
de Resseguradores	—$—	—$—	—$—	—$—	
Imóveis	—$—	—$—	11.664.400$00	11.664.400$00	
Empréstimos Hipotecários	—$—	—$—	—$—	—$—	
Empréstimos sobre títulos	—$—	—$—	—$—	—$—	18.361.425$00
VALORES EM DEPÓSITO					
de vários	—$—	—$—	—$—	—$—	
de resseguradores	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—
DEVEDORES POR VALORES EM DEPÓSITO					
vários	—$—	—$—	80.600$00	—$—	
resseguradores	—$—	—$—	—$—	—$—	80.600$00
IMÓVEIS	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—
MOBILIÁRIO E MATERIAL	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—
EMPRÉSTIMOS SOBRE TÍTULOS	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—
DEVEDORES & CREDORES					
Segurados, Correspondentes e Angariadores	—$—	—$—	511.549$60	511.549$60	
Resseguradores	—$—	—$—	31.451$70	31.451$70	
Resseguradores	—$—	—$—	5.574$20	5.574$20	
Outros	—$—	—$—	222.650$20	222.650$20	771.225$70
PRÉMIOS EM COBRANÇA					
na Sede	233.997$90	1.529.782$80	—$—	1.763.780$70	
nos Correspondentes	446.644$50	2.656.893$20	—$—	3.103.537$70	4.867.318$40
LETRAS A RECEBER	—$—	—$—	4.500$00	—$—	4.500$00
TÍTULOS DE CRÉDITO	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—
DEPÓSITOS EM BANCOS	—$—	—$—	2.670.757$50	—$—	2.670.757$50
CAIXA	—$—	—$—	65.000$00	—$—	65.000$00
SEDE					
Flutuação de Valores	—$—	—$—	2.021.078$60	—$—	2.021.078$60
	680.642$40	4.533.776$00	23.974.586$80	—$—	29.189.005$20

PASSIVO	Acidentes de Trabalho	Restantes Ramos	Gerais Contas	Subtotais	Totais
RESERVA MATEMÁTICA					
de seguros directos	6.632.000$00	—$—	—$—	6.632.000$00	
de resseguros aceites	—$—	—$—	—$—	—$—	6.632.000$00
RESERVA DE GARANTIA					
de seguros directos	—$—	6.809.600$00	—$—	6.809.600$00	
de resseguros aceites	—$—	44.700$00	—$—	44.700$00	6.854.300$00
RESERVA DE SEGUROS VENCIDOS					
de seguros directos	—$—	4.954.000$00	—$—	4.954.000$00	
de resseguros aceites	—$—	—$—	—$—	—$—	4.954.000$00
CREDORES POR VALORES EM DEPÓSITO					
vários	—$—	—$—	302.350$00		
resseguradores	—$—	—$—	—$—	—$—	302.350$00
CREDORES GERAIS					
Segurados, Correspondentes e Angariadores	—$—	—$—	1.025.527$70	1.025.527$70	
Resseguradores	—$—	—$—	238.882$30	238.882$30	
Ressegurados	—$—	—$—	4.540$60	4.540$60	
Outros	—$—	—$—	350.804$70	350.804$70	1.619.755$30
INDEMNIZAÇÕES A PAGAR					
de seguros directos	—$—	1.099.336$30	—$—	1.099.336$30	
de resseguros aceites	—$—	—$—	—$—	—$—	1.099.336$30
COMISSÕES A PAGAR	98.729$70	777.374$40	—$—	—$—	876.104$10
PROVISÕES					
para prémios em cobrança	146.742$80	407.058$60	—$—	553.801$40	
Diversos	—$—	—$—	872.690$80	872.690$80	1.426.492$20
SEDE					
Saldo anterior	—$—	—$—	914.100$47	914.100$47	
Fundo para Flutuação de Valores	—$—	—$—	2.021.078$60	2.021.078$60	
Ganhos & Perdas	—$—	—$—	2.489.488$23	2.489.488$23	5.424.667$30
	6.877.472$50	14.092.069$30	8.219.463$40		29.189.005$20

O Chefe da Contabilidade: WLADIMIRO DE MENEZES

O Gerente em Portugal: E. C. WYATT

(Continua na página seguinte)

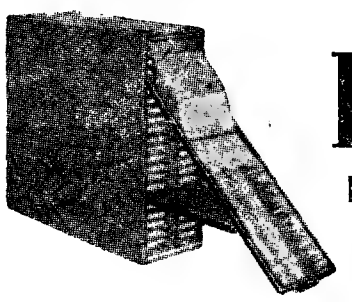
ESCOLA DE CONDUÇÃO «A PORTUGUESA, LDA.»

RUA CARLOS MARDEL N.º 132-1.º — LISBOA-1
Telefones 72 41 37 e 72 45 12

A exemplo dos anos anteriores, comunica aos seus alunos e amigos, que para comemoração do seu 6.º aniversário, encerra amanhã, dia 23, os seus serviços.

Aproveita a oportunidade para apresentar, os seus mais respeitosos cumprimentos à Ex.ma Direcção-Geral dos Transportes Terrestres, à Ex.ma Direcção dos Serviços de Viação e aos seus alunos e amigos, e ainda para estes últimos, os nossos melhores agradecimentos pela preferência que têm sempre dispensado aos nossos serviços.

OS GERENTES



KARDEX
Ficheiros e Sistemas

MUITO IMITADOS — NÃO IGUALADOS
Agora mais baratos por efeito da E. F. T. A.

Consulte a SOLOR — CASA REMINGTON
Rua da Emenda, 118-1.º — LISBOA — T. 369381
R. Sá da Bandeira, 69-2.º — PORTO — T. 22276

ROYAL EXCHANGE ASSURANCE

GANHOS E PERDAS

Contas relativas a 31 de Dezembro de 1961 dos negócios em Portugal

(Continuação da página anterior)

DÉBITO	Acidentes de Trabalho	Acidentes Pessoais	Fogo	Agrícola e Pecuário	Automóveis e Responsabilidade Civil	Transportes Terrestres	Marítimo	Aéreo	Diversos	Contas Gerais	Subtotais	Totais
RESERVA MATEMATICA												
de seguros directos	784.800$00	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	784.800$00	
de resseguros aceites	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	784.800$00
RESERVA DE GARANTIA												
de seguros directos	—$—	6.400$00	82.100$00	5.100$00	255.900$00	200$00	9.800$00	—$—	—$—	—$—	359.500$00	
de resseguros aceites	—$—	—$—	3.500$00	4.600$00	—$—	—$—	—$—	—$—	3.500$00	—$—	11.600$00	
de resseguros cedidos	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	12.000$00	—$—	12.000$00	383.100$00
PROVISÕES PARA PRÉMIOS EM COBRANÇA	91.866$30	9.071$10	26.633$30	10.001$00	180.381$60	—$—	719$80	1.134$80	1.190$20	—$—	—$—	320.998$10
AMORTIZAÇÕES	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	1.500$00	—$—	1.500$00
COMISSÕES												
de seguros directos	607.269$30	60.323$00	1.252.745$80	25.521$00	2.058.033$30	19.476$50	165.615$50	10.602$20	170.696$90	—$—	4.370.283$50	
de resseguros aceites	—$—	—$—	28.269$00	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	3.145$40	—$—	31.414$40	
despesas de aquisição	329$90	—$—	14.751$70	18.352$20	61.021$10	—$—	43$60	—$—	—$—	—$—	94.498$50	4.496.196$40
INDEMNIZAÇÕES												
de seguros directos do exercício	2.140.681$90	41.783$00	206.551$70	16.378$50	6.879.592$70	18.163$50	288.484$00	720$00	34.967$10	—$—	—$—	
de exercícios anteriores (reajustamentos)	—$—	—$—	—$—	—$—	+ 17.249$15	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	
	2.140.681$90	41.783$00	206.551$70	16.378$50	6.896.841$85	18.163$50	288.484$00	720$00	34.967$10	—$—	9.644.571$55	
de resseguros aceites	—$—	—$—	—$—	10.838$40	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	10.838$40	9.655.409$95
ENCARGOS DE RESSEGUROS CEDIDOS												
Prémios	—$—	—$—	881.308$40	108.761$50	—$—	—$—	—$—	—$—	127.577$40	—$—	1.117.647$30	
Juros	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	1.117.647$30
DESPESAS GERAIS												
Administração	966.444$70	69.184$20	1.372.531$27	42.519$80	2.822.371$65	26.010$10	218.155$50	17.455$90	185.989$60	—$—	5.720.662$72	
Impostos	354.091$00	25.167$30	800.557$00	13.860$90	1.025.151$80	9.000$60	70.684$20	7.675$60	62.095$70	—$—	2.368.284$10	8.088.946$82
ENCARGOS DIVERSOS	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—
SALDO	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	2.489.488$23	—$—	2.489.488$23
	4.945.483$10	211.928$80	4.668.948$17	255.933$30	13.299.701$30	72.850$70	753.502$60	37.588$50	601.162$30	2.490.988$23	—$—	27.338.086$80

CRÉDITO	Acidentes de Trabalho	Acidentes Pessoais	Fogo	Agrícola e Pecuário	Automóveis e Responsabilidade Civil	Transportes Terrestres	Marítimo	Aéreo	Diversos	Contas Gerais	Subtotais	Totais
RESERVA MATEMATICA												
de seguros directos	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	
de resseguros cedidos	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	
de resseguros aceites	—$	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—
RESERVA DE GARANTIA												
de seguros directos	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	2.300$00	18.800$00	—$—	21.100$00	
de resseguros cedidos	—$—	—$—	39.800$00	4.800$00	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	44.600$00	
de resseguros aceites	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	65.700$00
PROVISÕES PARA PRÉMIOS EM COBRANÇA	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	
PRÉMIOS E SEUS ADICIONAIS												
de seguros directos	4.340.812$30	312.079$30	6.209.369$40	131.972$40	12.680.050$50	111.584$10	908.747$90	80.873$70	858.796$20	—$—	25.634.225$80	
de resseguros aceites	—$—	—$—	91.518$10	107.459$30	—$—	—$—	—$—	—$—	10.484$50	—$—	209.461$90	25.843.687$70
RECEITA DE RESSEGUROS CEDIDOS												
Comissões	—$—	—$—	282.209$60	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	37.209$80	—$—	319.419$40	
Indemnizações	—$—	—$—	44.004$70	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	412$50	—$—	44.417$20	363.836$60
RENDIMENTOS												
das reservas técnicas de seguros directos	288.453$70	6.272$50	93.848$70	317$60	385.002$00	2.302$60	4.049$20	397$00	13.338$90	—$—	793.982$20	
das reservas técnicas de resseguros aceites	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	
de valores livres	3.501$30	250$10	5.081$00	191$60	10.224$50	87$50	744$00	62$50	698$20	—$—	20.840$70	814.822$90
RECEITAS DIVERSAS	225$70	—$—	—$—	—$—	180.075$50	7.593$00	62.025$40	120$00	—$—	—$—	—$—	250.039$60
	4.632.993$00	318.601$90	6.765.771$50	244.740$90	13.255.352$50	121.567$20	975.566$50	83.753$20	939.740$10	—$—	—$—	27.338.086$80

O Chefe da Contabilidade: WLADIMIRO DE MENEZES

O Gerente em Portugal: E. C. WYATT

C.C.N.

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS	DESTINO

LINHA DE AFRICA

VERA CRUZ — 24 de Março 16 horas
Directo a **Luanda** e **Lobito**.

GANDA — 28 de Março
Com escala por **Leixões**, para: **Cabinda, Sazaire, Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito** e **Moçâmedes**. Carrega em **Lisboa** até 26 de Março.

AMBOIM — 12 de Abril
Com escala por **Leixões**, para: **S. Tomé** (se necessário). **Luanda, Lobito, Moçâmedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala** e **Porto Amélia** (se necessário). Carrega em Lisboa até 10 de Abril.

Infante D. Henrique — 17 de Abril
Com escala por **Funchal**, para: **Luanda, Lobito, Cidade do Cabo, Lourenço Marques** e **Beira**. Carrega em Lisboa até 13 de Abril.

UÍGE — 21 de Abril
Com escala prévia por **Leixões**, para: **Cabinda, Luanda, Lobito** e **Moçâmedes**. Carrega em Lisboa de 13 a 16 de Abril.

IMPÉRIO — 24 de Abril
Com escala por **Funchal**, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cidade do Cabo, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala** (se necessário) e **Porto Amélia**. Carrega em Lisboa até 21 de Abril.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

SANTA MARIA — 19 de Março, 24 de Março, ás 16 horas
Com escala por **Vigo** e **Funchal**, para: **Tenerife, La Guaira, Curaçao, Porto Rico** e **Porto Everglades (Miami)**.

Chama-se a atenção dos Srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre transporte de bagagens

LISBOA: Rua de S. Julião, 63 — Telefs 369621/8 — PORTO: Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 23342

FORNECIMENTO E DISTRIBUIÇÃO DE GASES
TUDO PARA A SOLDADURA
SOCIEDADE PORTUGUESA DO AR LÍQUIDO
LISBOA TELEF. 637136
PORTO TELEF. 50031
DEPÓSITOS EM: SETUBAL, COIMBRA, FUNCHAL E PONTA DELGADA

VENTILAÇÃO
Instalações para todos os fins
Eng.º J. Nunes Correia
LISBOA — R. DO ALECRIM 29 — T. 30901/4
PORTO — R. DA FIRMEZA 482 — T. 28034

PEQUENO MAGAZINE

Gil Vicente no Brasil

Anunciou-se no Brasil que o poeta Walmir Ayala fez uma transcrição poética do «Auto da Barca do Inferno», de Gil Vicente. Adaptando a linguagem vicentina sem deformar o espírito e a estrutura da obra, a transcrição — que será publicada brevemente — cria para os elencos brasileiros novas possibilidades de montar aquele texto do fundador do teatro popular português.

O CAFÉ NO MUNDO

O cálculo da produção de café na campanha de 1961-1962, relativa aos 28 países integrados no A. I. C., é de 60 820 000 sacas. As quotas: Brasil, 4 080 423 sacas; Colômbia, 1 358 321 sacas; Grã-Bretanha (Quénia, Tanganica e Uganda), 734 271; Portugal (Angola), 468 147 sacas; Salvador, 430 344; França (Camarões, Africa Central, Congo, Costa do Marfim, Daomé, Gabão, Madagáscar e Togo), 400 344; México, 367 712; Guatemala, 325 514; Costa Rica, 291 396.

Luta contra a indecisão

O. S. Marden, um escritor que se debruçou sobre os problemas da psicologia e da filosofia da vida moderna, disse, certo dia, que vale mais que um homem de negócios sofra, ao enganar-se, as consequências do seu erro do que caia na indecisão.

Com efeito, deve adquirir-se o hábito de raciocinar e reflectir sobre as vantagens, inconvenientes ou contingências dos seus propósitos, antes de iniciá-los. Mas, uma vez posta a ideia em execução, não deve vacilar-se nem voltar-se atrás, pois, embora o erro apareça na realidade, isso servirá de nova experiência e lição para o futuro.

— Tenho que olhar aos preços ou posso fingir que somos solteiros...

ESPECIAL PARA A LEITORA

APRENDA A PINTAR OS LÁBIOS

Apesar de a pintura dos lábios ser de uso corrente, poucas mulheres sabem tirar todo o efeito desse realce da beleza. Em primeiro lugar, para que os lábios fiquem bem pintados, é imprescindível suprimir todo o «bâton» anterior, por qualquer dos meios correntes. Depois, deve pôr-se pó de arroz nos lábios e retirar o excesso. O facto de polvilhar os lábios impede que o «bâton» esborrate e deslize para as linhas verticais, que, por vezes, há nos cantos da boca. Segue-se a operação mais delicada, que é contornar os lábios com um lápis bem afiado, de tom mais escuro que o «bâton» a usar. Marcado esse contorno, com precisão (esta adquire-se com a prática), pode ser aplicado o «bâton» da cor preferida, que deve harmonizar-se sempre com a maquilhagem das pálpebras e o verniz das unhas. Sem isso, a estética do rosto feminino será prejudicada.

Uma fábrica de chá instantâneo

Uma organização industrial alemã vai instalar no Ceilão uma fábrica para a produção de chá instantaneo.

NEM SEMPRE!...

A mulher não tem sempre a última palavra... porque ás vezes fala com outra mulher.

PARA OS HOMENS DE NEGÓCIOS

Aquilo de que o Mundo mais precisa é de confiança mutua. Ninguém jamais poderá conhecer os segredos do coração de outro homem. Contudo, há confiança bastante entre mãe e filho, marido e mulher, comprador e vendedor, para tornar a vida social numa realidade prática aceitável. Confiar pode ser arriscado, mas não há nada mais arriscado do que desconfiar.

(ARNOLD J. TOYNBEE)

Quando andamos para a frente, é natural que tropecemos em qualquer coisa. Mas não há ninguém que tenha tropeçado, mantendo-se sempre sentado. A estes, ataca-os, por fim, a paralisia de acção que é morte em negócios.

HENRY FORD

O arquiduque Alberto Augusto

(Continuação da página central)

drigues, ao tratar do Cavaleiro de Oliveira.

Que para esta relativa independência da Inquisição em face da Coroa tenha contribuido o afastamento da corte em Madrid, é hipótese que mereceria estudo pormenorizado, mas que não vem ao caso.

Não vamos esmiuçar o volume, que bem merecia essa homenagem pela seriedade com que foi elaborado e nos é apresentado. Nem o espaço o permite nem um jornal é uma revista da especialidade. Para a história da Ocupação Espanhola ele traz elementos preciosos, entre os quais queremos destacar apenas o Regimento que Filipe II deu ao cardeal para o Governo do nosso País. É a peça essencial da documentação publicada no final do volume.

No volume vem um capítulo de mais de 50 páginas consagrado ao arquiduque Alberto na arte de Rubens. Sabendo-se como nasceu a monografia não se achará exagerado que o autor tenha esgotado o assunto da iconografia da personagem. Se foi de um retrato pintado por Rubens que o belo estudo teve origem...

Estudo sério, boa apresentação, investigação conscienciosa encontramos nesta monografia em que nos é retratado o vice-rei de Portugal, o inquisidor, o soberano dos Países Baixos, depositário de Filipe II e seu instrumento na conservação e alargamento da grande monarquia espanhola, sob a direcção da Casa de Austria. Estudo perfeito, monografia sem mácula? Cremos que não. É que o historiador, como o poeta, não nasce na aposentação. Além de outros senões, apontemos este que ressalta á primeira leitura e se deve á inexperiência do historiador: os capítulos são outras tantas monografias independentes. Não se continuam uns aos outros, mas parecem forjados como elos á parte e depois juntos, há mesma cadeia, sem serem entrelaçados. Voltando ao capítulo citado de «O Arquiduque Alberto e a Inquisição Portuguesa», o autor principia por nos dar a origem, a evolução, os primeiros tempos e fundamentos jurídicos da instituição do Santo Ofício em Portugal, não trazendo novidades sobre o caso. Parece-nos que *magnus passus, sed extra viam*... Para a biografia do cardeal Alberto isso de pouco interessa; mas já as intenções de Filipe II de transformar verdadeiramente a Inquisição Portuguesa, á semelhança da espanhola, em instrumento de influência e acção da Coroa, nomeando para o cargo de inquisidor-geral seu sobrinho e vice-rei interessariam muito.

O prof. Queirós Veloso que viveu uma vida de ensino e política sem quase nada publicar enquanto professor, começou a produzir livros depois de jubilado; e graças a ele temos os reinados de D. Sebastião e D. Henrique esclarecidos na literatura histórica portuguesa (na literatura histórica espanhola têm-no sido desde que Alfonso Danvila publicou em 1900 o seu monumental «Don Cristobal de Moura»). Esperemos que o doutor Francisco Caeiro se não fique pelo «Arquiduque Alberto de Austria» e que, com a experiência deste valioso estudo, nos dê outros volumes em que a História e a Arte vão de mãos dadas. A História é uma ciência auxiliar da Jurisprudência; bem pode o Direito, para o jurista aposentado, transformar-se em poderoso auxiliar da História.

RAUL REGO

Semana de Madrid

(Continuação da 17.ª página)

briu ao publico o Museu de reproduções artísticas. Com cerca de oitenta anos de existência foi criado por Cánovas del Castillo.

*

AMBIENTADO na vida jornalística, o escritor Mário Verdaguer está a escrever um romance que deve intitular-se «Noches de Papel».

*

FALA-SE na construção de um novo teatro. Será na Calle Alberto Aguilera no local onde existe o cinema Flor.

*

DE temperamento inquieto e independente, Pelegrin foi um dos pioneiros do cubismo. Nas salas do Círculo de Belas-Artes está patente uma exposição das suas obras.

*

UM título lacónico, «Yo», escolheu Bartolomé Soler para o romance que está escrevendo.

*

EM homenagem a Gregório Marañon, o Instituto Francês de Madrid vai reunir, num volume, algumas das conferências daquele ilustre médico.

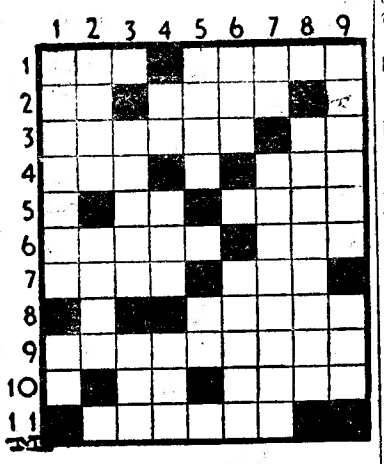
*

MARIA GIRONA é uma pintora que vê a Natureza com graça e poesia sem complicar a sua própria simplicidade.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 2617



HORIZONTAIS: 1—Ansia. Acrescento. 2 — Símbolo químico do bromo. Impulso. 3 — Agregar. Oferece. 4 — Suspiros. Conheço. 5 — Preposição e artigo. Delicada. 6 —Estouvada. Raça a que pertencem os machos e as mulas. 7 — Repasse ao fogo. Ilha inglesa no mar da Irlanda. 8 — Nariz grande. 9 — Resignação. 10 — Viração. Unidade monetária da China. 11 — Siameses.

VERTICAIS: 1 — Diminui. Polvilho. 2 — Frade. Embuçada. 3 — Empregais. Pende. 4 — Prefixo de privação. Poesia. Cólera. 5 — Combina. Pretexto. 6 — Sofrimento. Imaginação. 7 — Frequentar. Vila de Espanha, na provincia de Valladolid, onde se encontram os mais preciosos arquivos daquele país. 8 Dê a entender. 9 — Olaieiras. Nome da árvore cuja casca aromatiza o vinho.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 2616

HORIZONTAIS: 1 — If. Dea. 2 — Descompõe. 3 — Éreo. Bern. 4 — Ar. Anui. 5 — Iens. Truz. 6 — Si. Pios. 7 — Remir. EM. 8 — Podão. 9 — Ratar. 10 — Reza. CASA. 11 — As DE. Mar.

VERTICAIS: 1 — Ideais. Puru. 2 — FERREIRO. És. 3 — Se. Edaz. 4 — Coas. Má. Ad. 5 — Dó. PIOR. 6 — Embutir. AC. 7 — APEIRO. Atam. 8 — Or. Use. Asa. 9 — Tenaz. Mirar.

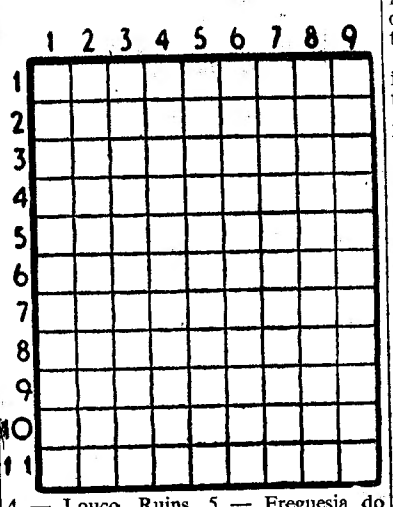
(Provérbio: EM CASA DE FERREIRO PIOR APEIRO).

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 4662

HORIZONTAIS: 1 — Equipo. Leão americano. 2 — Figura mitológica que se enamorou da sua própria imagem. 3 — Apelido. Batráquio. 4 — Preposição. Possuir. Base. 5 — Embaciado. Vila e concelho do distrito de Aveiro. 6 — Camareira. Pedra de altar. 7 — Consentimento. Sobrenome de uma rainha de Portugal. 8 — Tiras. 9 — Oferece. Ribeira do distrito de Portalegre. Símbolo químico do cério. 10 — Época. Sulca. 11 — Freguesia do concelho de Ponte de Sor.

VERTICAIS: 1 — Assunto. O mesmo. 2 — Símbolo químico do rado. Em maior quantidade. Cincho. 3 — Conjunção. Iguais. Prefixo de privação.



4 — Louco. Ruins. 5 — Freguesia do concelho de Vieira do Minho. 6 — Rei do Epiro célebre pelas suas lutas contra os Romanos. Semelhante. 7 — Empregа. Caminhas. Símbolo químico da prata. 8 — Pedra de moinho. Um dos estados do Brasil. Acreditei. 9 — Verdadeira. Freguesia do concelho de Braga.

Solução do problema n.º 4661

HORIZONTAIS: 1 — Soga. Apar. 2 —Eram. Rima. 3 — Grã. Ala. 4 — Pai. Ada. 5 — Soma. Atai. 6 — Primo. 7 — Formosa. 8 — Pó. Aos. Sr. 9 — Uras. Tapa. 10 — Rara. Rias. 11 — Alar. Assa.

VERTICAIS: 1 — Se. Psi. Pura. 2 — Orgão. Foral. 3 — Garimpo. Ara. 4 — Ama. Arrasar. 5 — Imo. 6 — Ara. Amostra. 7 — Pilatos. Ais. 8 — Amada. Aspas. 9 — Rá. Aio. Rasa.

MARLO

O HOMEM DO ESPAÇO

Por PHIL EVANS e TOM COOKE

sob a orientação científica do dr. I. M. LEVITT

142

Boletim do dia

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 22 de Março de 1932, publicava:

— *A capital da União dos Sovietes presenciará dentro de poucos dias a primeira «exposição de modas» que se celebra após a revolução É certo que esta exposição será bem diferente da dos outros países, mas não deixará por isso de ser extremamente interessante. Expõem-se modelos de confecções e desenhos de vestidos e fatos. Nestes trabalhos cooperaram, não só alfaiates e artistas, mas também, especialmente, os estudiosos. Os modelos que melhor se ajustem ás necessidades russas serão premiados e os juizes do concurso terão muito em conta, mais que o elemento «moda», propriamente dito, tudo o que tenha qualidade de prático e higiénico, mas sobretudo russo.*

RADIO

EMISSORA NACIONAL — *Programa «A»* — 451 m. — 655 kc./s. — Às 17 horas, A casa e o Mundo; 17 e 30, Cançonetas; 17 e 45, Orquestras ligeiras; 18, Noticiário; 18 e 10, Musica de dança; 18 e 45, A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 19, Defesa Nacional: «Esboço Histórico do Congo Português»; 19 e 10, Concerto pelo sexteto de cegos; 19 e 30, Rádio Mocidade; 20, Jornal sonoro; 20 e 30, Fala Portugal; 20 e 45, A nossa terra; 21, Varanda da Europa — Crónica de Angola; 21 e 40, Separador; 21 e 45, Teatro das Comédias: «O Banquete», original de Botelho da Silva; 22 e 10, Musica portuguesa instrumental; 22 e 25, Cançonetas; 22 e 45, Jornal sonoro (2.ª emissão); 23, A Voz do Ocidente fala-vos de Lisboa; 1 hora, Encerramento.

Programa «B» — 397 m. — 755 kc./s. — Às 19 horas, Intérpretes musicais; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Obras-primas da musica francesa, gravações cedidas pela Radiodifusão Francesa: «Cantate des Cho es os Nues», de Marcel; 20 e 40, Árias de óperas de Rossini pela meio-soprano Teresa Berganza; 21, Noticiário; 21 e 20, Separador; 21 e 30, Musica e poesia; 21 e 50, Recital pelo pianista Sequeira Costa — Separador; 22, Horizonte, semanário de letras e artes; 22 e 50, Musica sinfónica: «A Gruta», de Fingal, abertura, de Mendelssohn; 23, A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 23 e 10, Musica de dança; 23 e 20, Onde a terra se acaba e o mar começa; 23 e 45, Noticiário; 24 horas, Encerramento.

RADIO CLUBE — Às 17 horas, Solistas; 17 e 15, Programa da Associação Luís Braille; 17 e 30, Motivos portugueses; 17 e 45, Noticiário; 18, Fados e guitarradas; 18 e 15, Variedades; 19, Artista; 19 e 45, Noticiário; 20 e 20, Conjuntos; 21 e 45, Curso de língua inglesa; 22, «Hot Club»; 22 e 15, Ronda das profissões; 22 e 30, Mensagem do soldado; 22 e 45, Cançonetas; 23, Asi es España; 23 e 45, Noticiário; 1 e 45, Noticiário; 2 e 55, Noticiário; 3 horas, Fecho.

Emissor de Miramar — Às 17 e 30, Solistas; 17 e 45, Noticiário; 18, Musica regional portuguesa; 18 e 15, Ritmos de baile; 19 e 15, Imagens por musica; 19 e 30, Uma orquestra ligeira; 20, Noticiário; 20 e 10, Melodias; 20 e 30, Curso de língua inglesa; 21, Noticiário; 21 e 30, Paisagem intelectual; 22, Programa «jazz»; 22 e 30, Cançonetas; 23, Trechos recreativos; 23 e 30, Ritmos de baile; 23 e 45, Noticiário; 1 e 30, Fecho.

RADIO RENASCENÇA — Às 18 e 20, Noticiário e boletim religioso; 18 e 30, Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19 e 5, Migalhas doutrinais; 19 e 10, Musica escolhida; 19 e 25, Boletim do S. C. R.; 19 e 30, O meu programa; 20, França, Horizonte do Mundo; 20 e 15, «Dia do Trabalho», programa da J. O. C. F.; 20 e 30, Noticiário e boletim de Rádio Rural; 20 e 55, Meditando; 21, Programa das nove; 21 e 30, A Amadora em marcha; 22 e 30, Chuva de estrelas; 23, A 23.ª hora; 1 e 45, Noticiário; 2 horas, Encerramento.

EMISSORES ASSOCIADOS—Das 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; 22 á 1, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Às 19 e 30, abertura; 19 e 32, telejornal (edição da tarde); 19 e 45, «Culinária»; 20 e 10, futebol (resumo filmado do jogo, da primeira «mão» das meias-finais da «Taça dos Campeões Europeus» entre o Benfica e o Tottenham, comentários de Alves dos Santos; 21, «Vitrina» (actualidades); 21 e 10, «Concurso Campeão Português», com a colaboração do Conjunto de António Mafra; 21 e 30, telejornal (edição da noite); 22 e 5, Programa Mabor: «O caso do carro assassino» da série Man Hunt, incluido na Selecção Policial; 22 e 40, Concerto pela Orquestra Sinfónica do Conservatório de Musica do Porto, dirigida por Silva Pereira, Coral dos Monges de Singeverga e Coro da Escola Claustral de Singeverga (transmissão da igreja de S. Francisco do Porto); 23 e 25, telejornal (ultimas notícias).

CARTAZ DO DIA

(Para maiores de 12 anos)

TEATROS

MARIA VITÓRIA — «Badaróscope».

CINEMAS

MONUMENTAL — «Madalena».
SÃO JORGE — «Pequeno homem grande Norman».
ODEON — **«A noiva»**.
CONDES — **«O conde de Monte Cristo»**.
ROMA — **«O conde de Monte Cristo»**
CAPITOLIO — **«Todos morreram calçados»**.
COLISEU — «O senhor do Mundo».
ROYAL — «Namoro á italiana».
SOC. MUSICAL ODIVELENSE — «Com jeito vai comandante».
VOZ DO OPERÁRIO — «Os 13 bravos».
IDEAL — «Férias em Roma».

(Para maiores de 17 anos)

TEATROS

IMPÉRIO — Às 18 e 30: «Humilhados e ofendidos».
TRINDADE — A's 21 e 45—«O pai».
VARIEDADES — A's 21 e 45 — «Aqui há fantasmas».
ABC — A's 20 45 e 23 — «Saude e Totobola»

CINEMAS

S. LUIZ — «O presidente».
TIVOLI — «Os canhões de Navarone».
ALVALADE — «O presidente»
EDEN — «Carne da minha carne».
POLITEAMA — «Os canhões de Navarone».
AVIS — «A América vista por um Europeu».
IMPÉRIO — «Do alto da ponte».
CHIADO TERRASSE — «Idílio em Setembro».
OLIMPIA — «O quimono misterioso».
ARCO-IRIS — «Carmen a de Ronda».
SALÃO LISBOA—«A ilha maldita».
JARDIM CINEMA — «Conversa de travesseiro».
CINE-MOSCAVIDE — «O vampiro».
S. L. BENFICA — «O ultimo couplet».
RESTELO — «Gangster á força».
CAMPOLIDE — «O gume da navalha».
PROMOTORA — «Katia, o grande amor do Czar».

MARÉS

PREIA-MAR

Dia 22 — 3 e 58 (3,97 m.); 16 e 18 (3,87 m.).
Dia 23 — 4 e 29 (3,93 m.); 16 e 48 (3,86 m.).
Dia 24 — 4 e 57 (3,88 m.); 17 e 10 (3,82 m.).

BAIXA-MAR

Dia 22 — 9 e 33 (0,90 m.); 21 e 46 (0.90 m.).
Dia 23 — 10 e 06 (0,86 m.); 22 e 22 (0.90 m.).
Dia 24 — 10 e 38 (0,90 m.); 22 e 58 (0,94 m.).

FARMÁCIAS

TURNO L

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

AJUDA — Caramão da Ajuda, Est da Cruz, 20-C-D (633248).
ALCANTARA — Nogueira, R. da Creche, 2 (631635).
ALVALADE — Paris, Est. da Portela, lote 5 (710131) ✲ **Cartaxo**, Av. da Igreja 21-C (776358).
AMOREIRAS — D. João V, R. D. João V, 16-C (682772).
ANJOS — Matos, R. Alvaro Coutinho 10 (404712).
AREEIRO—Avis, Av. de Roma, 56-B-C (776070) ✲ **Nova Lisboa**, R. Guilhermina Suggia, 12 (727721) ✲ **João XXI**, Av. João XXI, 16-A (726462).
ARROIOS — Fonseca, R. Carvalho Araujo, 46-B-C (841708).
AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av. de Berna, 24-B (763107) ✲ **Avenidas**, Avenida da Republica, 27-A (733688) ✲ **Império**, R. Filipe Folque, 40-A-E (48002).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (389216).
BAIXA — Americana, Calç. de Santana, 3 (863984) ✲ **Nacional**, R. do Salitre, 7 (46858) ✲ **Avelar**, R. Augusta, 225 (323977).
BELÉM — Remisio, R. dos Jerónimos, 14-C (631699) ✲ **Sepol**, Calç. da Boa Hora, 94-A (631958).
BENFICA — Lisboa, R. Cláudio Nunes, lote 2 (703393) ✲ **Sousa**, Est. de Benfica, 429-431 (780027).
CAMÕES — Combro, Calçada do Combro 78 (326059) ✲ **Azevedo, Irmão & Veiga**, R. da Misericórdia, 24 (323540).
CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, R. 4 de Infantaria, 28-A (688857) ✲ **Ourique**, R. Freitas Gazul, 32-B (671667).
CAMPOLIDE — Lab, R. Rodrigo da Fonseca, 101-101-A (682333) ✲ **Salutar**, R. B. n.º 75-A-B (Bairro da Liberdade) (683694) ✲ **Pátria**, Calçada dos Mestres, 30-A (680627).
CARNIDE — Leal de Matos, R. Neves da Costa, 33-35 (780181).
CHARNECA — São Bartolomeu, Quinta dos Balsares de Baixo, Vila Paulo Jorge 1.
CONDE DE REDONDO — Capuchos, Rua Luciano Cordeiro, 2-A (52076).
ENTRECAMPOS — Galeno, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (774920). ✲ **São Miguel**, Pr. Francisco de Morais, 1 (771469). ✲ **Oriente**, R. Lopes, 120 (843381).
ESTEFANIA — Mundial — Largo de D. Estefania, 9 (45578).
ESTRELA E LAPA — Lapa, Rua dos Navegantes, 10 (661734) ✲ **Janeiro**, Av. Alvares Cabral, 100 (660627).
GRAÇA — Monte, Rua Senhora do Monte, 30-A-B (867842) ✲ **Rosa & Viegas**, R. de S. Vicente, 31 (864351) ✲ **Bastos Andrade**, Cal. de St.º André, 107-111 (860450) ✲ **Santo António**, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (862333).
LUMIAR — Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (790942).
MADRAGOA — Lealdade, R. do Oliveval, 226 (663441).
OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (389237).
PALHAVÃ — Aguiar, Av. Columbano Bordallo Pinheiro, 98-A (764629).
PATRIARCAL — São Marçal, R. de S. Marçal, 100 (25318).
PENHA DE FRANÇA — Carrondo, R. Padre Sena Freitas, 10-A (842518).
PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nascimento Costa, n.º 16-A, Bairro de St.ª Engrácia) (728395-720703).
REGO — Universitária, R. O. n.º 29-D (Bairro Santos) (778953).
ST.º AMARO — Teles, R. João de Barros, 2 (638249).
SÉ — Nacional, R. de S. João da Praça, 26 (864351).
DE ST.º APOLÓNIA AO BEATO — Salter, R. de Xabregas, 63-65 (381185).

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efect.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 % T. 10	660$00	659$00	—
Cons. 3 % T. 10	720$00	719$50	720$00
Cons. 3 1/2 % T. 10	840$00	838$00	840$00
Centenários 4 % 1940	—	—	2.000$00
Obg. Tes.2 1/2 % 1942	—	1.015$00	—
Obg. Tes.2 1/2 % 1943	—	1.015$00	—
Obg. Tes.2 1/2 % 1944	—	1.015$00	—
Externo 1.ª série	—	1.080$00	1.090$00
Ext. 1.ª série car.	1.085$00	1.080$00	1.090$00
Externo 2.ª série	—	1.080$00	—
Ext. 2.ª série car.	—	1.080$00	—
Externo 3.ª série	—	1.330$00	—
Ext. 3.ª série car.	—	1.330$00	1.350$00
Caut. 3.ª série s/j.	—	212$00	215$00
Obrigações			
Águas Lisboa 5 %	—	495$00	500$00
Norte de Portugal 5 %	—	102$00	—
Gás Elect. 3 3/4 %	—	—	—
Gás Elect. 4 %	—	—	—
Gás Elect. 4 1/2 %	—	—	965$00
Gás Elect. 5 %	—	1.000$00	1.003$00
U. E. P. 3 3/4 %	—	81$00	—
U. E. P. 4 % 1945	—	—	—
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—
U. E. P. 4 1/2 %	—	87$00	90$00
U. E. P. 5 % 1951	—	—	95$50
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—
H. E. do Douro	—	960$00	—
H. E. da S. E. 3 1/2 %	—	720$00	740$00
C. P. 4 1/2 %	—	—	1.000$00
Metropolitano	960$00	960$00	962$00
Acções			
Bancos			
Alentejo	—	—	—
Angola	—	—	—
Espírito Santo	7.950$00	7.950$00	8.500$00
Lisboa & Açores	—	1.910$00	—
Portugal	2.300$00	2.280$00	—
Ultramarino	—	1.090$00	1.100$00
Agricultura	—	50$00	53$00
Seguros			
Mundial	280$00	280$00	282$00
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
Soberana	—	1.500$00	1.700$00
C.ª Ultramarinas			
Ag. Cassequel	610$00	605$00	620$00
Ag. das Neves	—	—	170$00
Agríc. Colonial	—	—	160$00
Açucar de Angola	880$00	875$00	880$00
Boror	—	155$00	165$00
Cabinda	—	—	40$00
Cadá	—	1.000$00	1.100$00

C.ª Ultramarinas	Efect.	Compra	Venda
Colonial do Buzi	—	89$00	90$50
Ilha do Príncipe	—	—	600$00
Incomati	—	—	—
Moçambique	45$00	43$00	47$00
Zambézia	—	69$00	71$00
Diamantes	426$00	425$00	427$00
Lobito	360$00	358$00	365$00
C.ª Diversas			
Cimentos Tejo	—	—	700$00
Cimentos Leiria	—	—	570$00
Crédito Predial	—	43$80	44$50
Industrial Aliança	—	310$00	—
Portugal e Colónias	500$00	500$00	505$00
Nacional Navegação	—	—	—
Colonial Navegação	—	645$00	650$00
Port. de Celulose	—	—	3.250$00
Portuguesa de Pesca	—	1.270$00	—
Port. de Tabacos	295$00	295$00	296$00
Tabacos de Portugal	—	550$00	558$00
Águas, Electricidade e Gás			
Águas Lisboa 1934	340$00	338$00	342$00
Águas Lisboa 1936	—	330$00	—
Eléct. das Beiras	1.600$00	1.600$00	1.610$00
Gás e Electricidade	294$00	293$00	294$00
H. Alto Alentejo	—	166$00	167$00
H. E. Cávado	1.223$00	1.223$00	1.225$00
H. E. Zêzere	1.255$00	1.250$00	1.260$00
Nac. de Electricidade	1.265$00	1.265$00	1.270$00
União Eléctrica Port.	—	162$00	163$00
H. E. do Douro	1.120$00	1.110$00	1.120$00
H. E. Portuguesa	99$00	—	—
H. E. S. Estrela	—	—	—

PAISES	COMPRA	VENDA
Notas:		
Africa do Sul	38$25	39$50
Alemanha	7$05	7$25
América :		
Dólares de 1 a 2	28$10	28$60
Dólares de 5 a 1000	28$30	28$80
Argentina	$33	$35
Austria	1$10	1$15
Bélgica	$56,2	$58,2
Brasil	$07,4	$08,7
Canadá	26$80	27$30
Congo	$13	$18
Dinamarca	4$05	4$25
Espanha	$47	$48
França (N. Franco)	5$72	5$87
Holanda	7$80	8$05
Inglaterra	79$50	81$00
Itália	$04,55	$04,7
Marrocos	5$00	5$30
Noruega	3$90	4$10
Suécia	5$40	5$70
Suíça	6$53	6$68
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	275$00	290$00
Portugal — Barra	32$40	33$40
Portugal — Barra fino	32$60	32$60

SUNWAY

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto.

ANIBAL - Gravador

Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA
A casa que melhor trabalha

PINTO de MAGALHÃES, LDA.

BANQUEIROS

Capital e reserva: 78 400 contos

Depósitos á ordem e a prazo. Descontos de letras s/ o País e estrangeiro. Aberturas de créditos. Notas estrangeiras, moedas e metais preciosos. Títulos e cupões

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

LISBOA: R. do Ouro, 95/99 — T. PPC 366056 (5 linhas) Praça Paiva Couceiro, 12-E — Telef. 834724

PORTO: R. Sá da Bandeira, 53 — Telef. 20133 — PPC — Peniche — Fátima — Amarante — Arcos de Valdevez — Vila da Feira — Elvas

J. BURNAY, L.DA

RUA DO OURO, 72

Notas estrangeiras
Papéis de crédito
TELEF. 321273

✝

Ten. Coronel Mariano Moreira Lopes

MISSA DO 7.º DIA

Sua viuva e família participam que amanhã, dia 23, pelas 12.45 h., na Igreja de S. Mamede, será rezada missa por alma do seu querido marido e parente.

LIVROS E AUTORES

COMENTÁRIOS DE ALVARO SALEMA

«Novíssimo Teatro Português»

por A. Sobral, Fiama Asse, J. Sasportes e Maria Teresa Horta

Prefaciando esta colectanea de pequenas peças teatrais de autores jovens, escreveu Bernardo Santareno que «é no Homem, nas suas urgentes e sangrantes ansiedades, que está a raiz da actual criação dramática». De certo modo genérico, sempre assim foi. Mas o que o dramaturgo de «O Crime da Aldeia Velha» quis significar, decerto, é que as ansiedades do Homem contemporaneo reclamam do teatro que o represente uma expressão de mais urgente e mais flagrante verdade imediata — uma *denuncia* de voluntária contemporaneidade. E nisto é que talvez a literatura teatral de agora tenda a distanciar-se das grandes épocas clássicas do género. Um Sófocles, um Shakespeare, um Racine, ainda mesmo um Ibsen, parecem ter situado como aspiração suprema da sua arte a universalidade e a intemporalidade plenas dos dramas de sentimentos ou de ideias. Um Sartre, um Brecht, um Ionesco afigura-se que visam antes a imediatidade das contradições e das ansiedades do homem de hoje. Ante o juízo do futuro, porém, talvez o resultado venha a ser o mesmo — e será a falta de perspectiva histórica que nos leva a uma diferenciação que pode ser ilusória ou fictícia.

Como evocava recentemente Luís Forjaz Trigueiros, já Stendhal reclamava, no princípio do século XIX, um teatro para o homem do seu tempo, um teatro de acordo com a sua época. Mas, se os dados do problema são os mesmos, o que parece evidente é que a crise da consciência na nossa época tem outra intensidade crucial e exige, por isso, na verdade, um muito diferente estilo. Terá sido esse exacto, esse *necessário* estilo, descoberto pela dramaturgia contemporanea? Sob tal angulo é que pode haver sérias duvidas — até pelo radicalismo das diversidades que se revelam nos que mais destacadamente a representam A análise detida desta problemática levaria muito longe — e o que importa, aqui, é verificar como ela se reflecte na geração que está a despontar entre nós para uma renovadora floração teatral

Nos colaboradores do conjunto de pequenas peças intitulado «Novíssimo Teatro Português», apesar de todos pretenderem, decerto, traduzir as realidades vivas do Homem de hoje e serem voluntariosamente *deste tempo*, os contrastes são demasiado flagrantes para que com eles se possa situar um caminho comum. E' curioso constatar, certamente, o compartilhado tom sarcástico e amargo de quase todos — mas esse é o fruto inevitável do confinamento num pequeno insatisfatório e entorpecedor; o inconformismo agreste ante as abdicações e mistificações — também inevitável ante a monstruosa fachada dos convencionalismos que ninguém ignora; até o recurso a expedientes cenográficos que estranhamente se repetem, como o do «conferencista» ou o do funeral — mas em todos explicitando o trivial embate das convenções com as ideias e os sentimentos realmente vividos.

Tudo isso é muito pouco para se exprimirem as ansiedades autênticas do homem de hoje, para se *ser deste tempo*. Augusto Sobral apresenta, com a peça «O Borrão», uma tentativa de farsa, em que o burlesco está muito á superfície, em que se deparam, mesmo, certas infantilidades de estrutura e em que não se descortina um sentido válido de problemática humana e viva. O desembaraço formal do diálogo não supre esse timbre de graciosa *curiosidade* que domina a peça. Fiama Hasse, que ainda há pouco conseguiu em «Os chapéus de chuva» um valioso testemunho criador, contribuiu para a colectanea com uma «charge» engenhosa intitulada «O Museu». O ambiente da breve peça é de sátira ás alienações da personalidade individual e do individuo em aparente sociedade, mas sob um tónus de angustia que ainda subsiste quando retrata a satisfação auto-suficiente (por exemplo, a da personagem que exclama: «Nada tenho a lamentar no que já vivi»; e, logo adiante: «A felicidade de um homem, sem duvida, tem peso neste mundo»). Mas a sugestão de poesia irónica da peça é comprometida pela sua má construção de conjunto. José Estêvão Sasportes, com a fantasia macabra em duas partes «Funerais», atesta uma desenvoltura notável de cadência tragi-cómica e uma vivacidade singular de sarcasmo no funebre. Mas a carência de sentido, psicológico ou social, nesta desempenada invenção cénica, deixa uma impressão de perplexidade quanto ao desígnio ou á inspiração que a determinaram. Finalmente, Maria Teresa Horta, com «O Delator», apresenta uma construção dramática diametralmente das precedentes. O seu processo, sacudido e sumário na forma dialogal, é o de um realismo imediato das paixões e dos conflitos, numa ordem e num estilo perfeitamente tradicionais. O drama, jogado entre um desencontro de amor e a acção conspirativa, é tenso, vibrante e natural. Não tem o mínimo *ressort* alegórico ou simbólico. E revela, surpreendentemente uma maturidade de «economia» dos elementos teatrais que parece anunciar uma vocação dramática definitiva.

No conjunto, porém, a solidariedade de espírito, como às afinidades de estilo, é muitíssimo vaga. A expressão das inquietações profundas, da crise de consciência, das aspirações resgatadoras da nossa época, é distanciadamente aleatória. O teatro que se representa no volume é de «novíssimos» na idade. Mas, em face dele, parece prematuro falar em «novíssimo teatro português». *(Cadernos de Teatro, edição dos autores, Lisboa).*

«Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa» 2.ª edição

por Maria Alberta Menéres e E. M. de Melo e Castro

Os «novíssimos» de agora estão a beneficiar de uma prodigalidade editorial que muitas outras gerações não tiveram. A revista ou o jornal eram o viático prolongado que outrora antecedia para quase todos, e por muito tempo, a divulgação em livro dos seus primeiros passos literários. E' duvidoso que das facilidades do presente resultem para os autores que começam, em grande numero de casos, as vantagens que se lhes aparentam. Mas para os interessados na trajectória versátil e incerta da juventude, a vantagem é indiscutível, quando desejam documentar-se sobre as possibilidades imediatas. As certezas, salvo raros casos — e tanto para o positivo como para o negativo — só o tempo as decantará. Assim se pressente, mesmo em digressão rápida de leitura, ao longo da volumosa antologia dos «novíssimos» que foi há pouco publicada em 2.ª edição.

Sob muitos aspectos, constitui ela uma novidade. Maria Alberta Menéres e E. M. de Melo e Castro, que ordenaram e prefaciaram a primeira com escrupuloso critério, com incontestável gosto selectivo e com reflectida objectividade, trouxeram para a edição nova uma renovada Introdução e melhoraram a colectanea com mais numerosas presenças de poetas e muitos elementos informativos exemplarmente ordenados. Se há deficiências e falhas na Antologia, como necessáriamente em todas, quase se dissipam na atenção do leitor ante a evidente diligência, apuro e vastidão do trabalho realizado. De eventuais divergências de orientação nem cabe falar. E' da índole antológica que um conceito selectivo pessoal, um critério impressionista restritivo ainda que intecionalmente «englobante», condicionem a escolha. E, muito mais, tratando-se de contemporaneos — e, mais ainda, de «novíssimos», a que falta totalmente a perspectiva temporal. Afigura-se que os seleccionadores actuaram neste conjunto panoramico de 73 poetas representados e de 347 poemas reproduzidos com plenária largueza. Só parece menos aceitável que da Antologia tenham sido excluídos os poetas que não compareceram ainda perante o publico com livros individualmente editados — pois é evidente que muito bons e até influentíssimos valores literários se revelam por outras vias que não a do livro. A própria importancia que Maria Alberta Menéres e Melo e Castro atribuem, na sua expressiva Introdução, aos movimentos literários representados por certas revistas, é uma implícita mas involuntária objecção ao critério.

Por outro lado, a tendência demasiado sistematizadora que essas páginas introdutórias testemunham — embora compreensível ante a «enorme pleiade» antologiada, com a inerente tentação ordenadora ante tão vasto conjunto — excede manifestamente as realidades de facto. Que os poetas novos tenham tentado encontrar para a poesia em Portugal «uma evolução adequada»; que o conjunto seja «extremamente válido e activo, com coordenadas próprias» — são deduções excessivamente prematuras que esquecem a própria espontaneidade casualística e a dispersão quase anárquica das multímodas correntes poéticas que se têm revelado nos ultimos anos. E' muito mais uma dissolução do que uma síntese virtual, o que se descortina no panorama aleatório da prodigalizada poesia portuguesa contemporanea.

O trabalho realizado com esta Antologia é verdadeiramente magistral sob muitos pontos de vista, no entanto, para que em face dele possam avultar os emergentes reparos. *(Edição «Círculo de Poesia», Livraria Morais Editora, Lisboa).*

Registo

- *E' uma esplêndida iniciativa de actualização cultural, indo até ás raízes já clássicas da problemática da consciência contemporanea a que a* Editorial Presença *pôs em marcha com a Colecção Divulgação e Ensaio. Dois volumes iniciais da série, vindos agora a publico, testemunham as suas essenciais directrizes: «Do Amor», de Stendhal, traduzido com correcção por José Manuel Simões, em que se situam vivíssimos problemas dos contrastes e complexidades do sentimento sob uma inquieta visão perfeitamente actual (e dando razão á conhecida profecia stendhaliana de que seria lido e compreendido muito mais largamente um século mais tarde); e «O Existencialismo é um Humanismo», de Jean-Paul Sartre, que é o manifesto filosófico-literário da corrente de pensamento que o autor de* L'Être et le Néant *personifica.*

  A tradução dessa obra fundamental da nossa época foi confiada a Virgílio Ferreira. E para ela escreveu o romancista de «Aparição» um prefácio que é um longo estudo testemunhal e crítico, ocupando mais de metade do volume. A este representativo trabalho se fará comentário desenvolvido em ocasião oportuna.
- *A colecção de Teatro da editorial* Minotauro, *que está a exercer influência relevante na renovação da nossa literatura teatral, foi enriquecida com a tradução da peça «Um caso sem importancia», de Armand Salacrou. Desse trabalho, acrescido de um prefácio que situa a obra no alto nível que lhe cabe e no seu significado actual mais amplo, incumbiu-se o dramaturgo e crítico Luís Francisco Rebelo. E, naturalmente, com o mérito devido. Armand Salacrou, acentua o prefaciador, «é bem um homem do nosso tempo, com ele comprometido, assumindo-o nos seus contrastes e nas suas virtualidades». E a sua obra «é, por isso mesmo, um testemunho e um protesto, lucido testemunho de um momento particularmente doloroso e incerto da História da humanidade, revoltado protesto contra a injustiça e a sem-razão de um mundo iníquo e absurdo».*
- *Com a peça de teatro «O grande culpado» ensaia Afonso Henriques Ferreira uma dramaturgia de fundo rustico e de sugestões místicas, em que se desvendam muito próximos os écos do teatro de Bernardo Santareno. A acção tem vivacidade e movimento, caminha em passo certo para um desenlace veemente, é alimentada por uma linguagem a que um certo excesso de pitoresco não diminui a expressividade. E' de admitir que o autor venha a revelar garra para mais fortes e originais criações no género.*
- *Pela* Editora Ulisseia, *sob a epígrafe «Documentos do Tempo Presente», foi publicada a tradução portuguesa da discutida narrativa «A Terceira Visão», que veio a lume na Inglaterra sob a indicação da autoria de um tibetano, T. Lobsang Rampa. Anunciou-se em certa altura que havia sido descoberta a verdadeira identidade do autor, não um tibetano, mas sim um inglês que nunca esteve no Tibet. Falou-se, a propósito, de transmigração de almas, de ocultismo e outras fantasias. O enigma não se esclareceu em definitivo. Mas as opiniões são unanimes sobre a autenticidade tibetana desta obra sem definido género, impregnada de imaginação e poesia — e um atraente motivo de leitura.*
- *A* Livraria Tavares Martins, *editora portuense, publicou o 3.º volume da obra monumental de Daniel Rops, «História da Igreja de Cristo». Depois de «A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires» e «A Igreja dos Tempos Bárbaros», intitula-se este volume «A Igreja das Catedrais e das Cruzadas». Para os crentes, tem esta obra de invulgares proporções, no volumoso contexto e na originalidade da interpretação, um significado ao mesmo tempo informativo e doutrinal de grande interesse. Mas, para todos, é ela uma criação literária e histórica de muito sugestivas lições. Veja-se, como breve exemplo, esta passagem colhida ao acaso e referente á libertação dos servos na Idade Média:*

  «E é aqui que discernimos mais uma vez a inteligência que sempre manifestou a Igreja para se aproveitar das circunstancias e a força que teve para as pôr ao serviço da fé. Não se trata, de forma alguma, de uma aplicação do materialismo histórico; mas, como as condições técnicas iriam realizar um decisivo progresso humano, a Igreja aplica os seus permanentes princípios aos novos dados da conjunção histórico-social e impulsiona a libertação dos servos». (História da Igreja de Cristo, vol. 3.º, pág. 361).

  O volume agora editado, com 900 páginas de amplo formato, descreve e comenta na sugestiva forma literária, que Daniel Rops sempre tem mantido, a evolução do Mundo e da cultura cristãos entre 1050 e 1350, com especial relevo das Cruzadas, Guerras Santas, Heresias e criação das novas Ordens religiosas.

  Pela mesma editorial, e do mesmo autor, foi publicado em tradução portuguesa o livro «Vaticano II», em que se faz a história dos grandes Concílios da Igreja, a definição e caracterização de Concílio Ecuménico e as perspectivas do que vai realizar-se em breve por iniciativa e sob patrocínio do actual Papa João XXIII.

«GAZETA MUSICAL e de todas as Artes»

E' Vieira de Almeida, o multifacetado escritor e o grande mestre de tolerancia e juventude, a figura dominante no n.º 130-131 da «Gazeta Musical e de todas as Artes», distribuido a semana passada. Uma excelente reprodução fotográfica evoca, na capa, o seu bom sorriso inteligente; e Fernando Lopes Graça recorda num depoimento expressivo «O amador de musica», enquanto Joel Serrão assinala a continuada presença do «Mestre da Esperança». Outras colaborações destacadas nesta edição da «Gazeta»: «Anne Frank e a Infancia», por Ilse Losa; «Acertos e desacertos urbanísticos de Lisboa», por Armando Vieira Santos; «Testemunhos», por Mário Dionísio; «A Ver-o-Mar», por Luísa Dacosta; etc.

As habituais secções de Comentário, De Mês a Mês, Leituras do Mês e Monda das Letras, bem como as de crítica de várias artes, preenchem excelentes páginas de vivaz apreciação. A «Gazeta Musical e de todas as Artes» continua a representar um dos mais autênticos e mais elevados expoentes da vida cultural portuguesa na actualidade.

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA tem o prazer de comunicar que adquiriu os direitos de publicação em Portugal do extraordinário documento humano da autoria da negra brasileira

CAROLINA MARIA DE JESUS

QUARTO DE DESPEJO

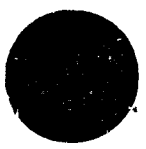
um livro que descreve com comovente singeleza e naturalidade a vida e o ambiente das favelas de S. Paulo.

Esta obra sairá brevemente na Colecção «Os Livros das Três Abelhas»

Livros do Brasil

apresenta:

O GRANDE problema



Um romance de humanidade e de ironia em que

Aldous Huxley

retrata o problema crucial do ser humano na sua luta contra o tempo

COLECÇÃO DOIS MUNDOS

45$00